



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA –
POSLA**

INDIRA LIMA GUEDES

**MARCHA DAS VADIAS COMO RESPOSTA CARNAVALIZADA DO FEMINISMO:
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DE UMA CAMPANHA FOTOGRÁFICA**

FORTALEZA – CEARÁ

2015

INDIRA LIMA GUEDES

**MARCHA DAS VADIAS COMO RESPOSTA CARNAVALIZADA DO FEMINISMO:
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DE UMA CAMPANHA FOTOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Linha 3: Estudos Críticos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa
Gonçalves

FORTALEZA – CEARÁ

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Guedes, Indira Lima.

Marcha das Vadias como resposta carnavalizada do feminismo: uma análise bakhtiniana de uma campanha fotográfica [recurso eletrônico] / Indira Lima Guedes.- 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 170 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Dr. João Batista da Costa Gonçalves.

1. Análise Dialógica do Discurso. 2. Compreensão Ativa e Responsiva. 3. Carnavalização. 4. Feminismo. 5. Marcha das Vadias. I. Título.

INDIRA LIMA GUEDES


"MARCHA DAS VADIAS COMO RESPOSTA CARNALIZADA DO FEMINISMO:
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DE UMA CAMPANHA FOTOGRÁFICA".

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

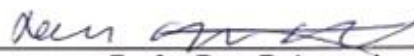
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 27 / 03 / 2015.

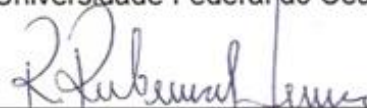
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Dolores Aponovich Agüero
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira
Universidade Estadual do Ceará – UECE

A Deus, que me deu forças para chegar até aqui

À minha mãe, razão da minha vida

A todos que seguem comigo neste caminho

Às *outras* mulheres. Todas elas.

AGRADECIMENTOS

Tomo esta seção como uma oportunidade de deixar registrado o meu agradecimento a todos os outros que me motivaram a seguir este caminho. A caminhada da pós-graduação foi longa, penosa, me roubou noites de sono, que pretendo em breve recuperar, mas nem por isso deixou de ser enriquecedora e cheia de vida, de gente, de diálogos. As Letras as quais me apego desde a infância, ainda me acompanham no dia-a-dia, principalmente, quando as ensino sob os olhares curiosos de meus alunos e alunas. Através deles relembro tempos em que ficava embasbacada lendo *Lucíola* na hora do intervalo da escola, e quando, em algum momento, tive uma epifania de que esse “negócio de linguagem” era uma coisa muito legal. É por esse caminho que ainda percorrerei que peço para os que aqui estão, os que já estiveram e os que ainda virão, que continuem a segurar em minhas mãos e a me seguir com seus olhares de afeto e cuidado. É graças a vocês que estou aqui.

À minha amada e adorada mãe, Jacqueline, que sempre me protegeu, me orientou e me cuidou. Ela que foi a primeira professora da minha vida e que continua a me ensinar a ser mais paciente, a ser mais humana. Mãe, amo a senhora mais que tudo.

Aos homens da minha vida, meu pai, Roberto, pelo apoio, pelos cafés quentinhos toda manhã, pelos ires e vires da vida e pelo bom humor herdado dele e aos meus irmãos, Betinho e Angelo, que sempre torceram por mim e me acompanharam com sorrisos, conversas ligeiras de fazer rir por uma boa meia hora, e com muito, muito amor. Também ao meu primo Otávio, meu tio João Henrique e meu avô João, que mesmo distantes sempre deram uma palavra de incentivo e acreditam em mim.

Às outras queridas mulheres de minha casa e minha vida, vó Jandira e tia Jane, por seus votos de felicidades contínuos e pela preocupação de mãe que têm comigo.

Ao meu namorado de sempre, Taylor, que me abraçou, me acalmou e sempre me deu forças durante todo este projeto, durante os anos que vieram antes mesmo de eu pensar em seguir esta carreira e durante os anos que ainda virão. Amor, você é uma fonte diária de sorrisos e de paz.

À Laryssa (Lala) irmã-amiga que, desde o início dessa jornada bakhtiniana, é o tema da minha significação e em quem me espelho para ser todo dia um pouquinho mais como ela, o que já é demais, pois todxs que a conhecem saem apaixonadxs por sua grandeza de mulher e doçura de menina ; À Janaína (Jana), que é a cor que faltava em nossas vidas, o motivo de eu acreditar em novas melhores amigas e a minha companheira de festa, de carnaval, de alegria, de vida. Adoro vocês, meninas. Por favor, continuem sempre comigo.

Às amigas da graduação, as razões de minhas melhores lembranças e melhores experiências, meninas, não há motivos para esmorecer ou se abalar nessa jornada, pois sei que as tenho para torcer e se alegrar comigo, à Dayane (Day), à Hortência (Hortz), à Jéssica Barreto (a Barretão), Jessica Fernandes (a pirigo!), à Meysse Mara (Meysinha); à Leticia (Lele), cuja graça e luz sempre alegrou todas nós.

À Alessandra (Ale), *outra* melhor amiga de hoje e de sempre, a flor mais bonita do meu jardim. À Roberto (Robs) por ter essa alegria esfuziante e por ser um querido amigo, um amigo querido.

Aos *outros* bakhtinianos e bakhtinianas: À Elayne; À Érica; À Benedita; Ao Benedito. Obrigada por dialogarem comigo. Aos colegas de PosLA, Gustavo e sua graça, Rodrigo e sua sapiência, Jony Kellson e seu largo sorriso filosófico. À querida Keiliane, pela presteza e amizade que ultrapassam o balcão da secretaria do PosLa.

Ao professor João Batista, meu orientador, que considero um pai na vida acadêmica, exemplo de homem íntegro, sábio e comprometido com a sua missão na Terra. Não há palavras para descrever o quão grata eu sou a você, professor, que me ensinou a deixar a minha marca no mundo e que foi essencial para terminar esta e muitas outras obras. Tenho orgulho de dizer que sou sua orientanda.

À UECE (Universidade Estadual do Ceará), por ser minha segunda casa e por me prover com experiências que levarei para toda a vida.

Ao PosLA (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - UECE) e a seus professores, que nunca saciaram minha sede de conhecimento e, sim, me estimularam a ir além, navegar em outras águas.

A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza.

Lygia Fagundes Telles

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro.

Mikhail Bakhtin

RESUMO

Esta pesquisa situa-se no âmbito da Linguística Aplicada (LA) e tem como referencial teórico-metodológico a Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, tais como Bakhtin/Volochínov (1981), Bakhtin(1987, 1993, 2008, 2010) e dos estudos sobre a linguagem verbo-visual bakhtiniana de Brait (2008, 2010). Nessa perspectiva, objetivamos analisar, a partir das categorias de *contrapalavra*, *corpo grotesco*, *paródia* e *riso carnavalesco*, como militantes do movimento Marcha das Vadias ressignificam termos pejorativos direcionados à mulher e respondem, de forma carnavalizada, a discursos machistas, advindos de uma cultura patriarcal. Denominado originalmente de *SlutWalk*, a Marcha das Vadias constitui-se como evento de alcance mundial que luta contra as desigualdades de gênero e, principalmente, contra o abuso sexual sofrido por mulheres. Para a constituição do *corpus* de análise, selecionamos 5 (cinco) anúncios, da campanha fotográfica *Feminista Por quê?*, que convidam para a Marcha das Vadias de 2012, no Distrito Federal, que apresentam diferentes imagens do sujeito feminista, respondendo e subvertendo discursos de raízes patriarcalistas, que intencionam a coibição da liberdade e dos direitos da mulher. A partir da análise, podemos afirmar que os sujeitos feministas representados na nesta, demonstram, através da linguagem verbo-visual, configurações atualizadas do sujeito “mulher”, na revisão de questões de gênero, sexualidade, direitos, etnia e formação familiar. A conclusão desta pesquisa, portanto, é a de que a campanha fotográfica *Feminista Por quê?* cumpre com o propósito de sobrepujar ditames machistas, respondendo a estes de forma carnavalizada, por meio da exibição dos corpos grotescos, do riso carnavalesco e da paródia que fazem desses discursos.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Compreensão Ativa e Responsiva. Carnavalização. Feminismo. Marcha das Vadias.

ABSTRACT

This research is situated within the Applied Linguistics (AL) and it has as a theoretical and methodological framework to Dialogic Discourse Analysis (DDA), based on the theoretical framework of the Bakhtin Circle, such as Bakhtin/Volochínov (1981), Bakhtin (1987, 1993, 2008, 2010) and studies on Bakhtinian verbal-visual language of Brait (2008, 2010). In this perspective, we aimed to analyze, from the categories of answer-word, grotesque body, parody and carnivalesque laugh, how activists from SlutWalk resignify derogatory terms directed to women and respond sexist speeches, arising from a patriarchal culture, in a carnivalized way. Originally called the SlutWalk, the Marcha das Vadias was established as a worldwide event that fights against gender inequalities, and especially against sexual abuse suffered by women. For constituting the corpus of analysis, we selected five (5) ads, from the photographic campaign *Why Feminist?*, inviting for the Marcha das Vadias of 2012, in the Distrito Federal, therefore, showcase different images of the feminist subject, accounting and subverting speeches with patriarchal roots, intent on the restraint of women's freedom and rights. From the analysis, we can say that feminist subjects represented in it, demonstrate, through verbal-visual language, updated settings of the subject "woman" which review gender issues, sexuality, rights, ethnicity and family background. The conclusion of this research, therefore, is that the photographic campaign *Why Feminist?* complies with the purpose of overcoming sexist dictates, answering these in a carnivalized way through the display of grotesque bodies, the carnival laughter and the parody of these speeches.

Keywords: Dialogic Discourse Analysis. Active and Responsive Understanding. Carnivalization. Feminism. SlutWalk.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Organograma desta pesquisa segundo a Análise Dialógica do Discurso.....	94
Figura 2 -	Mulher e Família.....	132
Figura 3 -	Mulher e Sociedade.....	140
Figura 4 -	Mulher e Identidade de Gênero.....	146
Figura 5 -	Mulher e Sexualidade.....	151
Figura 6 -	Mulher e Pertencimento Étnico-racial.....	152

SUMÁRIO

1.	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
2.	DIALOGISMO POR QUÊ?.....	21
2.1	POR UMA LINGUÍSTICA APLICADA DIALÓGICA.....	23
2.2	A PERSPECTIVA SOCIAL DA LINGUAGEM NO CÍRCULO DE BAKHTIN.....	34
2.3	O DIALOGISMO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	37
2.4	O PERCURSO TEÓRICO DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO.....	41
2.5	A LINGUAGEM VERBO-VISUAL SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO.....	47
2.5.1	A palavra no contexto bakhtiniano.....	47
2.5.2	A linguagem verbo-visual no contexto bakhtiniano.....	48
3	COMPREENSÃO ATIVA E RESPONSIVA: A CONTRAPALAVRA CARNAVALIZADA FEMINISTA.....	57
3.1	COMPREENSÃO ATIVA E RESPONSIVA: A CONTRAPALAVRA.....	57
3.2	CARNAVALIZAÇÃO.....	63
3.2.1	A paródia e o riso carnavalesco.....	66
3.2.2	O corpo grotesco.....	70
3.3	O DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO BAKHTINIANO E O MOVIMENTO FEMINISTA.....	73
3.3.1	As vozes dialógicas feministas.....	79
3.4	APERTANDO OS NÓS ENTRE AS TEORIAS.....	87
4	CAMPANHA FOTOGRÁFICA FEMINISTA POR QUÊ?: CONTEXTUALIZANDO O CORPUS DISCURSIVO.....	95
4.1	UM BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E NO MUNDO.....	95
4.2	MARCHA DAS VADIAS NO BRASIL E NO MUNDO: UM NOVO MARCO FEMINISTA.....	112
4.2.1	Marcha das Vadias e as redes sociais.....	117
4.2.2	Marcha das Vadias e a mídia.....	118
4.3	O PAPEL DA PROPAGANDA NA DIFUSÃO DE MENSAGENS SOCIAIS.....	121
4.4	A CAMPANHA FOTOGRÁFICA FEMINISTA POR QUÊ?.....	124
5	ISSO TAMBÉM É FEMINISMO.....	126

5.1	TIPO DE PESQUISA.....	126
5.2	CORPUS DA PESQUISA.....	129
5.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	130
5.3.1	Mulher e Família.....	132
5.3.2	Mulher e Sociedade.....	138
5.3.3	Mulher e Identidade de Gênero.....	144
5.3.4	Mulher e Sexualidade.....	149
5.3.5	Mulher e Pertencimento Étnico-racial.....	152
5.3.6	Síntese comparativa.....	156
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
	REFERÊNCIAS.....	161

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa se propõe a analisar como feministas do movimento da Marcha das Vadias se apropriam de discursos machistas e ressignificam termos pejorativos contra a mulher, como resposta carnalizada à cultura patriarcal¹. Para mobilizarmos esta discussão, tomamos como referencial teórico-metodológico os estudos do Círculo de Bakhtin, dando enfoque nos conceitos bakhtinianos de *compreensão responsiva-ativa*, *corpo grotesco*, *riso e paródia carnavalescos*, presentes nos anúncios da campanha fotográfica Feminista Por quê? da Marcha das Vadias de 2012, do Distrito Federal

A Marcha das Vadias apresenta-se, no contexto do feminismo brasileiro contemporâneo, como movimento de protesto protagonizado por mulheres contra a violência sexual e o machismo. Esta marcha nacional e muitas outras marchas que acontecem no cenário internacional com o mesmo propósito advém da manifestação intitulada *SlutWalk*², que iniciou-se em Toronto, Canadá, a 3 de abril de 2011. O caso que desencadeou a manifestação aconteceu em janeiro do mesmo ano, na Universidade de York, durante uma palestra sobre segurança no campus, em que um dos ministrantes, o policial Michael Sanguinetti, afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas de abuso sexual”.

Em vista desses comentários, várias e vários jovens se indignaram na plateia e, junto às universitárias feministas, publicaram em redes sociais sobre os comentários machistas do policial, gerando uma grande revolta na comunidade, o que, eventualmente, culminou no primeiro *SlutWalk*³ de Toronto, que conseguiu mobilizar três mil pessoas nessa época e a manifestação vem ocorrendo anualmente, desde então. As feministas afirmam que declarações como a do policial exemplificam como discursos sobre a violência sexual contra mulheres são justificados com base na regulação do comportamento e dos corpos femininos.

Esse primeiro evento ganhou visibilidade internacional, sendo bastante falado pela mídia, o que fez com que vários outros países se interessassem pela manifestação, procurando reproduzir os ideais do movimento e também readaptá-los às suas realidades. A Marcha já aconteceu em países como os Estados Unidos, a Austrália, a Nova Zelândia, a Grã-Bretanha, a Holanda, o Japão, a Coreia do Sul, a Índia, a Argentina, dentre vários outros países. No

¹Termo utilizado no contexto do manifesto “Por que marchamos?”, de 2012. Disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-2012-por-que-marchamos/>. Acessado em: 15 de março de 2014.

²Em tradução livre: “Caminhada das Putas”

³Conforme informações do site do movimento: <<http://www.slutwalktoronto.com/about/how>>

contexto brasileiro, a Marcha das Vadias já aconteceu em várias cidades e grandes capitais, como São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza, Goiânia, Brasília, Curitiba, Florianópolis, Rio de Janeiro, entre outras.

A *Slutwalk* internacional e as Marchas das Vadias brasileiras têm como principais bandeiras o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima de estupro, bem como a liberdade e a autonomia das mulheres sobre a forma como se comportam, as roupas que vestem e seus corpos. Em geral, os movimentos são bem diversificados, abertos a toda a comunidade e que contam com a participação de pessoas de diferentes idades, etnias, classes e gêneros, apesar da predominância de mulheres jovens e universitárias.

Além dessas questões, as Marchas também refletem sobre o uso do termo “vadia”, traduzido do inglês *slut*, que, historicamente, é utilizado com uma conotação negativa, para oprimir a sexualidade das mulheres. As integrantes do movimento procuram fazer uma re-apropriação desse e de outros termos derogatórios da imagem feminina, com o propósito de esvaziá-los de suas cargas negativas e ressignificá-los com novos sentidos fora dos contextos de opressão. A Marcha das Vadias, assim, se revela como um rico objeto de pesquisa para debater relações de gênero⁴, linguagem e violência verbal.

A urgência dessa reflexão se dá ao observarmos pesquisas como a da Secretaria de Políticas para as Mulheres⁵, que estima que, a cada 12 segundos, uma mulher é estuprada no Brasil e a da Organização Mundial da Saúde⁶ que calcula que uma em cada cinco mulheres será vítima de abuso sexual durante a vida. Isso, excluindo os casos que não são relatados pelas vítimas que sentem vergonha e medo de denunciar que sofreram abusos. É embasadas em dados como esses e munidas do desejo de mudança social que as integrantes das Marcha das Vadias protestam e promovem o debate.

Objetivamos, portanto, analisar como anúncios da campanha fotográfica Feminista Por quê?, que divulga a pertinência de um ato como o da Marcha das Vadias, articulam discursos que ressignificam, respondem, desvelam e desnaturalizam outros discursos sócio-histórico-ideológicos da cultura patriarcal; visando a modificação das relações

⁴ Alguns estudos fundamentais, que aprofundam questões que envolvem a desessencialização dos gêneros são os de Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (2008), Monique Wittig, em *The Straight Mind* (1992), e os estudos de Beatriz Preciado, em *Tecnogênero* (2000), para citar só alguns.

⁵ BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. Lei de atendimento no SUS é “ato de respeito” às vítimas de violência sexual, diz ministra Eleonora. [Brasília], 2 ago. 2013. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2013/08/02-08-lei-de-atendimento-no-sus-e-ato-de-respeito-as-vitimas-de-violencia-sexual-diz-ministra-eleonora>. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

⁶ UMA em cada cinco mulheres será vítima de abuso sexual, diz pesquisa. Marie Claire, São Paulo, 9 set. 2014. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2014/09/uma-cada-cinco-mulheres-sera-vitima-de-abuso-sexual-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2014.

de poder e das estruturas sociais que atuam sobre a volição e a liberdade das mulheres. Para isso, nos basearemos na concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, tomando como referencial teórico-metodológico a Análise Dialógica do Discurso.

A partir desse objetivo central, algumas indagações nortearam esta pesquisa:

- De que forma as feministas selecionam, valoram e ressignificam os sentidos discursivos que constituem suas imagens identitárias na campanha fotográfica?
- Quais posicionamentos ideológicos são produzidos e reproduzidos nesses discursos?
- Quais signos ideológicos, verbais, visuais e verbo-visuais, presentes na constituição das imagens da campanha, revelam o posicionamento discursivo das feministas frente ao que elas, no contexto da Marcha, denominam de cultura patriarcal?
- Que estratégias e práticas são empregadas para desnaturalizar e dar novo significado a categorias como sexo, gênero e sexualidade, intencionando sua ressignificação subversiva e sua proliferação além de estruturas binárias como a de homem/mulher?
- De que forma essa campanha fotográfica da Marcha das Vadias, através de uma performance do corpo carnalizado, articula respostas à cultura patriarcal?

Por isso, com base nas questões expostas acima, este estudo se dedicou a analisar como a campanha fotográfica Feminista Por quê?, da Marcha das Vadias de 2012, do Distrito Federal, rompe com sentidos estabilizados no discurso machista, através de respostas carnalizadas que se materializam no material verbo-visual de seus anúncios. Também pela forma como o tema foi trabalhado em uma propaganda de cunho social, produzida pelas ativistas brasileiras, objetivando desarticular as imagens construídas na mídia, e respaldadas pelo senso-comum, do sujeito do feminismo ainda fortemente estereotipado, representando a diversidade dos feminismos e da categoria identitária “mulher”.

Diante disto, a pertinência desta pesquisa residiu em analisar como a campanha Feminista Por quê? ressignifica e se apropria de palavras e expressões, que constantemente são utilizadas para rotular, estereotipar, agredir e acusar mulheres, o que constitui violência verbal, além de desconstruir estereótipos, propagados pela mídia, do sujeito mulher e feminista, que é incorporado pelas militantes do movimento.

A campanha funciona como campo de batalha desses discursos, dos seus significados, pesos e conotações sociais. Ela se materializa no gênero anúncio publicitário, que, aqui, funciona como uma propaganda social, com o objetivo de conscientizar os leitores sobre um problema atual, incitando-os a realizar práticas positivas e não preconceituosas de respeito para com o *outro*, na convivência social, independente de gênero, etnia, classe, idade e orientação sexual.

Desta forma, embora já tenham sido feitos estudos sobre a Marcha das Vadias, como, por exemplo, o livro *Sex Workers Unite: A History of the Movement from Stonewall to Slutwalk* de Melinda Chateaufort (2013), em que a autora analisa como as profissionais do sexo têm estado na vanguarda dos movimentos de justiça social nos últimos 50 anos, da Rebelião de Stonewall à Marcha das Vadias, enquanto a construção de um movimento próprio que desafia ideias sobre trabalho, sexualidade, feminismo e liberdade, discussões que famosas blogueiras como Lola Aronovich, do *Escreva Lola Escreva*, e as militantes do *Blogueiras Feministas* têm feito em seus blogs, dentre outras (os) debatedoras (es) sobre o tema em outros sites, incluindo a grande quantidade de seminários a respeito de assuntos sobre a Marcha das Vadias e suas influências sócio-políticas, são ainda poucos o número de trabalhos acadêmicos que abordam uma preocupação com a análise dos discursos e das produções linguísticas do movimento.

Alguns trabalhos mais recentes podem ser destacados, como o artigo *A Marcha das Vadias: Por Que As Mulheres Gritam?*, de Junqueira e Gonçalves (2011), que analisam como a marcha foi noticiada no país e como a mídia colabora na reprodução ou superação de discursos envolvendo a restrição ou ampliação de direitos reivindicados pelas mulheres. Tal artigo faz um estudo de cunho sociológico sobre a representação da marcha, das mulheres militantes e de seus corpos na mídia e do quanto se pode avançar ou regredir em tais reivindicações de acordo com a forma como elas são noticiadas e divulgadas. Outro trabalho que faz referência ao discurso da marcha é o artigo *Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da Marcha das Vadias* de Rassi (2012), no qual a autora investiga a relação entre as noções de acontecimento histórico, acontecimento discursivo e acontecimento linguístico na Marcha das Vadias e a constituição da identidade feminina nesse panorama.

Pôde-se constatar, através de pesquisas já elaboradas sobre a Marcha das Vadias, que o foco no estudo do movimento passa por âmbitos como os da história, do discurso, da mídia, da geografia, que são de grande relevância social para a reivindicação das mulheres sobre a autonomia de seus corpos. No entanto, ainda não se fizeram pesquisas que estudassem

como as feministas valoram, ressignificam e constroem suas imagens identitárias, demonstrando seus posicionamentos ideológicos contra os discursos machistas, utilizando a linguagem e o corpo, que aqui será estudado a partir de uma perspectiva carnavalizada. Também é de grande importância associar os estudos linguísticos às representações de feministas com diferentes identidades de gênero, pertencimentos étnico-raciais, sexualidades, dentre outras questões, e investigar como a produção dos sentidos e imagens deste estão sendo construídos. Dessa forma, o nosso trabalho de pesquisa tentou trazer à tona essas vozes e essas imagens marginalizadas que se fazem ouvir e ver na marcha e que, no nosso corpus, estão difundidas nos discursos da campanha fotográfica Feminista Por quê?

No que tange às práticas de ressignificação de termos pejorativos como forma de empoderamento⁷ das minorias, estudos advindos da *Teoria Queer*⁸, em especial os de Butler (2008), Louro (2001) e Preciado (2010) demarcam leituras feministas pós-estruturalistas a respeito da problematização do gênero e da sexualidade, que nos auxiliam na investigação dos potenciais analíticos da ressignificação de termos que possuem sinais de degradação, como o termo *queer*⁹ e, na Marcha das Vadias, o termos “vadia”, “prostituta” e, mais vulgarmente,

⁷ O termo “empoderamento” vem se popularizando desde meados da década de 80, apesar da sua significação ser pouco esclarecedora na maior parte dos trabalhos que o utilizam, por apresentar uma vasta possibilidade de empregos da palavra em assuntos organizacionais, sociais, econômicos e políticos. Entretanto, implícita nos diferentes usos da palavra empoderamento está a noção de pessoas obtendo poder sobre suas próprias vidas e definindo o próprio planejamento. Como ressalta Magdalena León (2001), o termo está geralmente associado aos interesses dos desprovidos de poder, e pressupõe-se que seja uma expressão de mudança desejada.

⁸ Os estudos da Teoria Queer emergiram no contexto norte-americano, no final da década de 80. Tais estudos faziam uma crítica aos discursos dos movimentos sociais que consideravam os homossexuais “minorias”, que precisavam ser “incluídas” no corpo social, apontando para a normalização como passo supostamente inevitável para se alcançar a igualdade política, como a obtenção de direitos como o casamento e a adoção de crianças. As(os) estudiosas(os) dessa teoria questionavam as categorias identitárias até então utilizadas como estratégias na busca por visibilidade e aceitação, nas quais os sujeitos gays e lésbicas representavam bandeiras de luta. A perspectiva queer apresenta uma proposta que se baseia na experiência subjetiva e social da abjeção, como meio para a construção de uma ética coletiva. Butler (2008) comenta que toda construção que almeja a normalização, seja de um sujeito ou de uma identidade, envolve um grau de normatização, cujo efeito é a produção de excluído. Ao invés de celebrar o Orgulho Gay, proveniente dos movimentos LGBTs, a teoria queer propõe que o ponto de partida seja o da experiência social da vergonha de modo a trazer à tona nos discursos as formas como nossa sociedade construiu a fronteira entre a aceitação e a exclusão social baseada na sexualidade. No mesmo sentido, trouxe o questionamento da própria categoria “mulher” sobre a qual o feminismo encontrava-se ancorado. Assim, a teoria queer vem questionar diversas estruturas até então fundantes do sujeito ocidental, conforme nos informa Guacira Lopes Louro (2001/2): “Efetivamente, a teoria queer pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação” (p.547). A perspectiva queer também questiona os binarismos, como homem/mulher, hetero/homo, feminino/masculino, que até recentemente norteava os estudos feministas e as discussões sobre sexualidade. Essa lógica binária, paradoxalmente, estava incorporada nos discursos do movimento gay norte-americano, e reproduzia um engendramento que era também produtor de sua própria normatização.

⁹ O termo *queer* designava, no inglês, um xingamento, equivalente ao que no português poderíamos vulgarmente chamar de “veado”. Segundo Preciado (2011): “Ao final dos anos 80, e como reação às políticas de identidade gays e lésbicas americanas, um conjunto de microgrupos vão se reapropriar desta injúria para se opor justamente às políticas de integração e de assimilação do movimento gay” (p. 11-20).

“puta”. Pois é a partir da ressignificação dos sentidos tradicionais desses termos que surgem novos significados, sem a invocação tradicional de acusação, patologia ou insulto.

Este trabalho analisou de que forma os fenômenos da ressignificação e da responsividade, dentre outros conceitos do Círculo de Bakhtin, tais como o corpo grotesco, o riso, a paródia, e a linguagem verbo-visual, em diálogo com estudos feministas, manifestaram-se na campanha fotográfica, como forma de tentativa de ruptura dos sentidos estabelecidos pelos ditames sociais impostos às mulheres e como ato a favor da liberdade e contra a violência contra a mulher.

Esta pesquisa, como afirmamos anteriormente, é baseada na Análise Dialógica do Discurso¹⁰, e encontra nas categorias da compreensão responsiva e nas categorias carnavalescas a legitimidade para tratar o material verbo-visual sob um viés que ainda não encontramos em trabalhos anteriores. Brait (2009) e Berti-Santos (2007), para citar alguns trabalhos, utilizam a Análise Dialógica do Discurso em suas pesquisas sobre o material verbo-visual. Brait (2009) faz uso das categorias bakhtinianas de dialogismo para analisar a construção de sentidos da palavra “mandioca” em vários modos semióticos da linguagem verbo-visual. Berti-Santos (2007) também analisa materiais verbo-visuais a partir do conceito bakhtiniano de dialogismo, centrando sua análise nos níveis de leitura e nos processos de construção do conhecimento a partir de charges, não se detendo, porém, nas relações ideológico-políticas conflitantes reveladas nos textos analisados. Como podemos perceber, grandes podem ser as contribuições desses trabalhos para o início do estudo de material verbo-visual através da Análise Dialógica do Discurso, que, apesar de ser uma pesquisa em desenvolvimento, já tem vasta aplicabilidade.

Acreditamos, também, que nossa pesquisa contribuiu com os estudos da verbo-visualidade a partir de um olhar carnavalesco e compreensivo sobre a imagem e a palavra. Nessa perspectiva, o sentido é visto em sua forma dinâmica, pois pressupõe a relação entre a língua e os elementos exteriores que fazem parte da comunicação discursiva, uma vez que ele se inscreve em uma situação real, através da interação verbo-visual. Tal abordagem conjectura uma compreensão ativa do discurso, em que o sentido de cada enunciado é marcado por um contexto sócio-histórico-ideológico. Assim, a compreensão implica construir sentidos de acordo com o contexto correspondente, pois utilizamos nossas palavras para compreender as palavras de outrem e só a compreensão incita resposta.

¹⁰Esse termo foi dado por Brait (2009) para caracterizar um modo de fazer pesquisa segundo as acepções bakhtinianas. Sobre a Análise Dialógica do discurso, dissertaremos mais demoradamente no capítulo 1.

Quanto à sua estrutura, o trabalho está dividido em quatro capítulos. No capítulo 1, discutimos sobre a Análise Dialógica do Discurso (ADD) no âmbito na Linguística Aplicada contemporânea e sobre o Círculo de Bakhtin. Trabalhamos, também, com algumas das concepções fundantes da teoria bakhtiniana, as quais elegemos como fio condutor para nossa discussão. Na continuidade, discutimos algumas das concepções da teoria bakhtiniana, todas fundamentais para uma compreensão ativa da ADD e que servirão de fio condutor durante a pesquisa. São estas: a) Por uma Linguística Aplicada Dialógica; b) O dialogismo e a construção de sentidos; c) O percurso teórico da análise dialógica do discurso; d) A linguagem verbo-visual sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. Este capítulo introduz uma discussão acerca da Análise Dialógica do Discurso (ADD), gerada a partir de novos olhares sobre a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, cujos estudos servem de principal aporte teórico desta pesquisa, no domínio da Linguística Aplicada. Esta nova abordagem da Linguística Aplicada delinea sua relevância em questões que concernem ao social, seguindo uma linha “indisciplinar”, segundo Moita Lopes (2013). Dentro de tais questões, insere-se nosso objeto de investigação, que versa sobre a resposta carnalizada do feminismo em anúncios da campanha fotográfica Feminista Por quê?, que divulga o movimento da Marcha das Vadias como ato responsivo-ativo contra os discursos machistas e de violência de gênero.

Em seguida, discutimos, no capítulo 2, como se dá o fenômeno da compreensão ativa e responsiva de discursos por parte dos sujeitos em interação e como isso ocorre através da contrapalavra. Depois, investigamos como a contrapalavra pode ser revestida de elementos carnavalescos, advindos da teoria da carnavalização de Bakhtin (1987), que serve ao propósito do *corpus* desta pesquisa, extraído a partir da campanha fotográfica Feminista Por quê? de divulgação da Marcha das Vadias do Distrito Federal. Como indica a ordem: a) Compreensão ativa e responsiva: a contrapalavra; b) Carnavalização; c) O diálogo entre o pensamento bakhtiniano e o movimento feminista; d) Apertando os nós entre teorias. A partir disso, enfatizamos as contribuições do dialogismo feminista de Bauer & McKinstry (1991) para os estudos de gênero, que também servirão de apoio para nossa posterior análise. Por fim, traçamos um esboço geral da pesquisa, apontando os planos de análise, e detalhamos como a pesquisa foi desenvolvida.

Considerando as condições de produção dos anúncios de nosso corpus, no capítulo 3, apresentamos o contexto histórico em que ocorreu a manifestação da Marcha das Vadias, remetendo-nos à história do movimento feminista ocidental, considerando suas idas e vindas e sua força representativa na contemporaneidade. Também discutiremos como a

campanha foi organizada em torno do evento da Marcha das Vadias do Distrito Federal e sua relação com a mídia. Para tanto, seguimos a seguinte ordem dos tópicos: a) Um breve histórico do movimento feminista no Brasil e no mundo; b) Marcha das Vadias no Brasil e no mundo: um novo marco feminista; c) A campanha fotográfica *Feminista Por quê?*

No capítulo 4, considerando a fundamentação teórico-metodológica, realizamos a análise propriamente dita dos anúncios selecionados da campanha fotográfica “Feminista Por quê”. Assim, apresentamos o percurso metodológico da nossa pesquisa, o corpus, os dados e os procedimentos de análise dos dados. A nossa análise está dividida em cinco tópicos principais: Mulher e Formação Familiar; Mulher e Sociedade; Mulher e Pertencimento Étnico-racial; Mulher e Sexualidade; e Mulher e Identidade de Gênero.

Na última parte do trabalho, as Considerações Finais, apresentamos os resultados da análise e também discutimos sobre as possibilidades de contribuição que nosso trabalho pode dar para novos estudos acerca dos temas aqui tratados. De caráter interdisciplinar, este trabalho visa integrar aspectos da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, funcionando como carro-chefe de outras teorias, como os estudos feministas, para a análise do corpus da campanha fotográfica.

2 DIALOGISMO POR QUÊ?

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória, coletiva, está todo brotado de pessoas.

(Eduardo Galeano)

O capítulo 1 desta dissertação, “Dialogismo Por Quê?”, introduz uma discussão acerca da Análise Dialógica do Discurso (ADD), gerada a partir de novos olhares sobre a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, cujos estudos servem de principal aporte teórico desta pesquisa, no domínio da Linguística Aplicada contemporânea. Esta nova abordagem da Linguística Aplicada delinea sua relevância em questões que concernem ao social, seguindo uma linha “indisciplinar”, segundo Moita Lopes (2013). Dentro de tais questões insere-se nosso objeto de investigação, que versa sobre a resposta carnalizada do feminismo em anúncios da campanha fotográfica Feminista Por quê?, que divulga o movimento da Marcha das Vadias como ato responsivo-ativo contra os discursos machistas e de violência de gênero. Assim, podemos relacionar esta problemática a uma questão de uso de linguagem. Na continuidade, discutimos algumas das concepções da teoria bakhtiniana, todas fundamentais para uma compreensão ativa da ADD e que servirão de fio condutor durante a pesquisa. São estas: a) Por uma Linguística Aplicada Dialógica; b) O dialogismo e a construção de sentidos; c) O percurso teórico da análise dialógica do discurso; d) A linguagem verbo-visual sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. Encerramos este capítulo introduzindo os temas do capítulo seguinte, em que associaremos as categorias bakhtinianas, escolhidas para os estudos do *corpus* desta pesquisa, como a contrapalavra carnavalesca, explorando a proposta de um “dialogismo feminista”, de Bauer & McKinstry (1991).

2.1 POR UMA LINGUÍSTICA APLICADA DIALÓGICA

O presente trabalho insere-se no campo das pesquisas em Linguística Aplicada (LA), área de investigação de múltiplos domínios do saber, cujos interesses centram-se nos problemas de uso da linguagem enfrentados por sujeitos em contextos sociais diversos. Partindo desta perspectiva, tomamos como base teórico-metodológica a Análise Dialógica do Discurso (ADD), que, de acordo com Brait (2010), foi gerada a partir das obras escritas pelo Círculo de Bakhtin e pela maneira como essas obras foram conhecidas, lidas e interpretadas nas últimas décadas. Esta teoria tem como conceito basilar o dialogismo, que tem, nas relações dialógicas, a palavra inserida na arena do debate, no processo de interação verbal, em que os sujeitos estão situados no âmbito social e histórico e expressam enunciados de diferentes valores e ideologias.

A investigação sobre a resposta carnavalizada do feminismo no movimento da Marcha das Vadias, através da campanha fotográfica Feminista Por quê?, de que trata essa dissertação, ao passo que analisa a forma como se dá o ato responsivo-ativo do movimento contra os discursos machistas e de violência de gênero, representa uma preocupação com questões de uso da linguagem. A relevância particular da pesquisa manifestou-se quando observamos que o movimento da Marcha das Vadias propõe-se a ressignificar insultos direcionados a mulher, como a própria palavra “vadia”, combatendo, desta forma, não só a violência física, como também a verbal, decorrentes do uso sexista da linguagem, direcionados às mulheres.

Assim, o movimento propõe a superação dos estigmas de palavras derogatórias às mulheres pela adoção das mesmas, pois é a partir da ressignificação dos significados tradicionais desses termos que emergem novos sentidos. A campanha fotográfica direcionada para este objetivo se enquadra, portanto, no plano das estratégias políticas, linguísticas e semióticas de empoderamento na/pela linguagem verbal e visual dos movimentos feministas, já historicamente utilizadas no movimento.

Segundo Moita Lopes (1996), quando uma pesquisa, no âmbito dos estudos da linguagem, se enquadra na preocupação com problemas de uso da linguagem situados em contextos da práxis humana, ela se encontra no paradigma da Linguística Aplicada (LA).

A Linguística Aplicada estabeleceu-se, inicialmente, como disciplina voltada para os estudos sobre o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, mais especificamente a

língua inglesa, sendo atrelada aos interesses políticos e econômicos dos países que falam o idioma. Atualmente se configura como uma área transdisciplinar, responsável pelo surgimento de uma série de novas abordagens sobre a linguagem e a ciência, com foco na prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula. Tal área articula “múltiplos domínios do saber” (CELANI, 2000, p. 4), almejando um diálogo com vários campos interessados por questões da linguagem, pois permeia diversos setores da sociedade, desempenhando papel fundamental na investigação de práticas de linguagens em contextos sociais diversos.

Moita Lopes (1998), em texto sobre os novos rumos da LA no Brasil, assevera que a pesquisa em LA intenciona se estender a contextos outros, o que requer interação entre especialistas de áreas específicas, “como medicina, direito, ecologia, etc.”. Construindo, assim, um percurso transdisciplinar de investigação. O linguista reforça ainda que:

[...] esse foco transdisciplinar em contextos institucionais está redefinindo objetos novos de investigação em LA. Na redefinição desses objetos em contextos institucional em que “pessoas reais” trabalham, amam, sofrem, aprendem, se envolvem nas malhas do discurso e, portanto, do poder - em resumo, se constroem e constroem os outros -, a relação entre poder, ética e pesquisa merece atenção especial. (MOITA LOPES, 1998, p. 9).

O direcionamento desse novo olhar para o objeto real implica dizer, também, que qualquer disciplina pode ser usada na investigação linguística desde que possa contribuir para o entendimento de questionamentos propostos na pesquisa. Tal interação entre as disciplinas é de caráter opcional podendo ser multi, inter ou transdisciplinar.

Essa diversificação de enfoques, temas, objetos e, decorrentemente, de teorias, descrições e metodologias, própria dos anos 1990, contribui fortemente hoje para se recolocar a discussão da identidade da área de LA como um todo e para aprofundar as discussões sobre o seu caráter transdisciplinar. Se, no passado, a questão da identidade da área de LA tinha a ver com suas fronteiras em relação à linguística, hoje se reconhece a natureza transdisciplinar da LA em suas relações com a educação, a psicologia, a etnografia da comunicação, a sociologia etc. (ROJO, 2013, p. 256).

Dentro dessa perspectiva, as discussões que ressaltam o papel das trocas linguísticas na constituição das identidades, que envolvem temáticas sociais como sexualidade, raça, gênero, dentre outras, têm emergido de pesquisas elaboradas no campo das relações sociais, o que demanda uma postura orientada pela visão transdisciplinar. Tal posicionamento possibilita o estabelecimento de uma interconexão entre a LA e as questões sociais e epistemológicas observadas atualmente.

A transdisciplinaridade corresponde, portanto, ao estudo do objeto de uma única disciplina sob o olhar de várias outras disciplinas, concomitantemente, pois “uma única disciplina não pode dar conta de um mundo fluído e globalizado para alguns, localizado para outros e contingente, complexo e contraditório para todos” (MOITA LOPES, 2013, p. 98). Assim, a análise do objeto seria enriquecida pela intersecção dessas diversas disciplinas e o conhecimento desse objeto seria aprofundado em sua própria área. De acordo com Leffa (2006, p. 40), a transdisciplinaridade seria “o estágio final de uma visão evolucionista de ciência que começa com a disciplinaridade, evolui para a multidisciplinaridade, daí para a interdisciplinaridade, e, finalmente para a transdisciplinaridade”.

Pensar a LA em seu caráter transdisciplinar implica observar seu caráter mutacional e suas tentativas de consolidação nos estudos da linguagem. O foco está nas práticas sociais, sempre relacionando teoria e prática, trazendo questões que afligem o sujeito social e que contribuam para a construção do conhecimento de maneira situada.

De tais teorizações surge um campo amplo que se configura como uma Linguística Aplicada Indisciplinar, tendo como principal expoente, no Brasil, Moita Lopes (2013) junto a um proeminente grupo de teóricos da LA, composto por Pennycook, (1998, 2013) Rajagopalan (2003, 2013), Fabrício (2013), dentre outros, que compõem a obra fundante da nova LA intitulada *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar* (2013).

Caracterizar a nova LA como “indisciplinar”, “híbrida”, “nômade”, dentre outros adjetivos, implica propagar abordagens diversas e socialmente constituídas, direcionadas para práticas problematizadoras de investigação de aspectos sócio-histórico-políticos que permeiam toda atividade de linguagem, diferente da abordagem dos precursores da linguística tradicional que buscavam manter a disciplina estável com um único enfoque. Refletindo sobre as novas configurações da Linguística Aplicada, Pennycook (2013) assume posição de destaque em trabalhos que discutem a LA engajada em tais práticas problematizadoras, que transgridam fronteiras do pensamento e da política tradicional, como no livro intitulado *Uma Linguística Aplicada Transgressiva*. Pennycook assevera que:

A teoria transgressiva assinala a intenção de transgredir, política e teoricamente, os limites do pensamento e da ação tradicionais, não somente entrando em território proibido, mas tentando pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito, almeja atravessar fronteiras e quebrar regras, tem como meta um posicionamento reflexivo sobre o que e por que atravessa, é entendida como em movimento em vez de considerar aquilo em relação ao que é “pós”, é pensada para a ação e a mudança. (PENNYCOOK, 2013, p. 82).

A nova LA é politizada e se configura como espaço necessário ao almejado intercruzamento de disciplinas, onde as fronteiras entre essas sejam ultrapassadas e haja a contestação de ideologias e conceitos. Por ser “nômade”, essa nova LA enfrenta o desafio atual de sobreviver, dentre as abordagens modernas da linguística, sem ser ancorada dentro da estrutura institucional de centros de pesquisa em linguística. Moita Lopes (2013, p. 19) ratifica que “ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça, nômade, e principalmente porque deseja ousar, pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados”. Já o sujeito social é visto, aqui, como heterogêneo e de natureza fragmentada, contraditória e fluida e que não deve ser observado por meio de lentes de homogeneização, pois “na pesquisa como na vida social, raramente os pesquisadores/as pessoas se amoldam em formas ou pensam homogeneamente” (MOITA LOPES, 2013, p. 15), não à toa essa perspectiva faça uso de múltiplas teorizações para entendê-lo.

A LA indisciplinar também traz novo fôlego e foco em estudos voltados para a diversidade de “problemas do mundo real” (KUMARAVADIVELU, 2013, p. 138), enredados por relações de poder, que envolvem e constituem esse sujeito social, tais como questões de gênero (com ênfase nas teorias feministas e *queer*), identidade, ética, ideologia e violência. Alguns autores que se destacam considerando tais temáticas na descrição dos sujeitos sociais são Pennycook (2013); nas teorias pós-modernas críticas, Nelson (2013) e Moita Lopes (2013); na teoria *queer*, Cameron (1997); Heberle (2004) e Butler (2008), nas teorias feministas; Magalhães (2004), nas teorias antirracistas e Makoni & Meinhoff (2013); Kumaradivelu (2013), nas teorias pós-coloniais, dentre outros e outras.

Em síntese, essa abordagem contemporânea da LA está voltada para quatro aspectos imprescindíveis, a saber: 1- a necessidade de uma LA híbrida ou mestiça; 2- a LA como uma área que extrapola as relações entre teoria e prática; 3- uma perspectiva de sujeito situado, diferente daquele admitido na Linguística Tradicional(o sujeito social, as Vozes do Sul); 4- a LA como área em que a ética e o poder são os novos pilares. Moita Lopes (2013) salienta ainda que tais aspectos são essenciais para uma investigação que intencione produzir conhecimentos relevantes para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos sociais no mundo contemporâneo.

Pennycook (2013), no entanto, enfatiza que a LA, no que tange a essas questões, apenas há pouco tempo começou a considerar tais demandas sociais. O autor ainda cita Canagarajah (2004), o qual assevera que só agora começamos a

[...] redefinir nossa compreensão do ser humano. Pedimos emprestados construtos de disciplinas tão diversas quanto a filosofia, a retórica, - crítica literária e as ciências sociais. Adotamos posições teóricas diferentes, englobando a pesquisa feminista, os estudos de socialização da linguagem, a semiótica bakhtiniana e o pós estruturalismo foucaultiano. Essas escolas nos ajudaram a entender as identidades como múltiplas, conflitantes, negociadas e em desenvolvimento. Viajamos para bem longe das pressuposições, tradicionais em estudos da linguagem, de que as identidades são estáticas, unitárias, distintas e dadas (CANAGARAJAH, 2004, p. 117).

Destacamos a citação da semiótica bakhtiniana, ou seja, o sistema de signos em que os sujeitos constituem as suas identidades, se colocam no mundo e se fazem eventos no mundo. Inscrições de ser e de fazer sentido onde suas identidades não são postas *a priori*, fixas e uniformes, ou seja, um mundo de linguagem. As identidades, ao contrário, são da ordem do construto, negociadas no diálogo, às vezes conflituosos, com a alteridade e, é a partir da relação com o outro, que se pensa a linguagem em Bakhtin.

Essa discussão é de grande valia para a nossa pesquisa, ao compreendermos o sujeito mulher, dentro da Marcha das Vadias, em sua posição sócio-histórica e ideologicamente situada. A dicotomia homem/mulher, demarcada fortemente pelo “sexo biológico” em nossa sociedade, não é abordada de forma essencialista pelo movimento, mas socialmente construída e influenciada por vários marcadores sociais da diferença. As novas pesquisas¹¹ em torno do gênero, em que a Marcha das Vadias se insere, buscam a desessencialização, não procuram mais a compreensão de um sujeito único do feminismo, abrangendo mulheres que não se limitam pelo gênero designado no nascimento e incluindo questões de representação social, racial, com foco no combate à violência de gênero. Esse sujeito discursivo feminista reivindica outros parâmetros de representação para as mulheres não só no âmbito social, como também no campo léxico e verbo-visual, que reproduza a enorme diversidade que se faz presente em nossa sociedade e que não reduza o construto mulher a dois papéis: santa ou prostituta, como de costume.

A arquitetura bakhtiniana se insere, portanto, no quadro atual da LA, em sua forma híbrida e transdisciplinar, sendo necessária a uma disciplina pronta a ouvir as vozes abafadas dos sujeitos às margens da sociedade, aqueles (as) que têm negadas suas identidades.

O pesquisador, que se insere nesse ponto de vista, deve exercer uma postura crítica na construção de saberes verdadeiramente úteis para as pessoas na sociedade contemporânea. Tal postura incita a revisão do próprio termo “crítico”, como esclarece Fabrício (2013), ao acentuar que o sentido do termo, na perspectiva da LA contemporânea,

¹¹ Alguns estudos fundamentais, que aprofundam questões que envolvem a desessencialização dos gêneros são os de Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (2008), Monique Wittig, em *The Straight Mind* (1992), e os estudos de Beatriz Preciado, em *Tecnogênero* (2000), para citar só alguns.

implica diretamente na ação do pesquisador, que não deve basear suas análises no pressuposto de desvelar para os leigos os possíveis artifícios ideológicos de poder intrínsecos nas práticas de linguagem, que, aqui, são percebidas como construtos sociais e não simples reflexo ou ocultamento de uma realidade. Pennycook (1998, p.43) indica ainda que tal postura “requer que rompamos com modos de investigação que sejam associais, apolíticos e a-históricos”.

Rajagopalan (2003, p.125) reitera a posição de Pennycook e destaca que uma postura crítica promove a compreensão de que “trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta” é pensar uma linguística que vise um papel mais socialmente responsável, pois esta é “importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas constantes lutas”.

Uma crítica que o autor faz à forma de teorizar de certos âmbitos da Linguística Tradicional é que, por vezes, nesta visão, a língua é taxada como fenômeno natural, próprio do ser humano que comunica, sendo assim, alheia às questões da ética. Rajagopalan (2003) problematiza essa questão quando afirma que só se pode falar em ética, quando estão em discussão ações intencionais praticadas por agentes humanos - como na atitude das autoridades- no exercício de sua livre e espontânea vontade e a língua, como fenômeno natural, portanto, deve cumprir seu papel natural, pois “a natureza desconhece qualquer espécie de ética” (RAJAGOPALAN, 2003 p.18).

Retomando a noção de que a Linguística Aplicada estuda a língua em ação, baseada nos estudos de John Austin (1962) sobre os atos de fala, em especial no livro *How To Do Things With Words*, torna-se necessário desconstruir tanto a oposição entre teoria e prática quanto a noção de língua naturalizada alheia às práticas éticas. É preciso deslocar seu funcionamento para dentro de uma compreensão onde o ato de teorizar se confunde com a prática linguageira, sempre incompleta e nunca totalmente sistematizável.

A premissa de que a língua seja um objeto natural não basta para concluir que os conceitos e as categorias empregados na tentativa de compreender a linguagem também sejam objetos naturais. Segundo Rajagopalan (2003), o teorizar é inseparável da natureza humana.

Acredito que as nossas teorias são tentativas de fazer sentido do mundo real que, na ausência de tais teorias, deixar-nos-ia embasbacados diante de tantos fenômenos que escapam ao nosso senso comum, ou seja, nós seres humanos somos por força da nossa própria natureza criaturas que teorizam compulsivamente. Ora, dentro dessa perspectiva, é perfeitamente possível que embora partam de uma necessidade imposta pela própria natureza humana, as teorias que nós humanos defendemos reflitam os nossos anseios do momento histórico em que propomos e defendemos as nossas ideias. Em outras palavras, percebe-se a perfeita compatibilidade entre a

ciência e um posicionamento político-ideológico. Melhor ainda, percebe-se que mesmo por trás das teorias que possam ostentar uma aparência de mais alto nível de isenção e neutralidade, podem estar presentes propostas de cunho político-ideológico. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 18).

Desta forma, pode-se fazer um paralelo entre as postulações de Rajagopalan e a filosofia do ato ético de Bakhtin, discutida no livro *Para Uma Filosofia do Ato Responsável* (1993), que versa sobre o interesse e responsabilidade do agir humano como ato ético, político, histórico e ideologicamente investido. Nesta perspectiva, os sentidos são vistos em suas formas dinâmicas, pois pressupõem a relação entre a língua e os elementos exteriores que fazem parte da comunicação discursiva, uma vez que ele se inscreve em uma situação real, através da interação verbal.

Tal abordagem conjectura uma compreensão ativa do discurso, em que o sentido de cada enunciado é marcado por um contexto histórico-social. Assim, a compreensão implica construir um sentido de acordo com o contexto correspondente, pois utilizamos nossas palavras para compreender as palavras de outrem e só a compreensão incita resposta.

De acordo com o Círculo de Bakhtin¹², é no diálogo com os discursos na grande temporalidade diacrônica que o enunciador ressignifica o discurso que o constitui na memória discursiva, através da contrapalavra. De acordo com Bakhtin/Volochínov a contrapalavra pode ser definida “como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p.132), é o ato responsivo-ativo do interlocutor. É nela que os sujeitos, responsáveis pela construção do sentido, mostram seus posicionamentos ideológicos, sua orientação apreciativa, à medida que a fala viva acontece. Sobral (2008), a este respeito, assevera que:

Para Bakhtin, ser “responsável” supõe mostrar-se diante do outro como alguém que assume necessariamente a responsabilidade por aquilo que fala/faz, e nesse plano o sujeito “assina” aquilo que diz/faz, pois embora todo ato seja social em dado aspecto, sendo portanto repetível, no outro todo ato é individual, irrepetível, porque nunca ocorre da mesma maneira que outros atos: cada sujeito realiza o “mesmo” de “outra” maneira, de maneira sua, sem que com isso deixe de se alterar no contato com o outro e sem que os atos únicos que realiza sejam tão diferentes que não tenham elementos em comum com outros atos a ponto de não serem reconhecidos como atos do universo de atos possíveis compreensíveis. (SOBRAL, 2008, p.231).

A teoria bakhtiniana do ato postula o conceito de que a valia das decisões éticas do sujeito depende não de abstrações, como a noção de língua como fenômeno natural, portanto, indiferente à ética, mas da articulação de regras éticas e as circunstâncias reais da

¹²Grupo de estudiosos russos que desenvolveram estudos científicos e filosóficos acerca de diversos temas das ciências humanas, sobretudo, a filosofia da linguagem, durante a década de 1920, na União Soviética, e que tinham como líder intelectual o pensador Mikhail Bakhtin.

vida concreta, em que o agente, tem de fazer uma decisão, uma escolha ética. Um ato ético responsável só advém de um “pensamento participativo”, engajado, compromissado, ou seja, um pensamento que não seja indiferente (BAKHTIN, 1993, p.98). O sujeito, ao realizar um ato concreto, ao teorizar, deixa uma espécie de “assinatura” em seu ato e tem de tomar responsabilidade pelo seu agir, ante a comunidade da qual faz parte. Sobral (2008), neste sentido, complementa que:

[...] para a concepção do ato ético de Bakhtin, agir é sempre comprometer-se, agir é sempre ser interpelado pelo outro do ponto de vista ético, agir é sempre ser chamado à responsabilidade e à responsividade. Porque não há atos isolados nem ato abstratos, assim como não há atos pelos quais o sujeito possa não se responsabilizar, ainda que lhe seja dado justificar-se por seus atos/ justificar seus atos. Portanto, o próprio ato de pensar de si para si é já um compromisso com as circunstâncias do sujeito, dos outros sujeitos e da situação concreta em que os dois (ou mais) interagem, e é já um comprometimento do sujeito com a responsabilidade e a responsividade que dele se espera e que ele espera dos outros. (SOBRAL, 2008, p.233).

A abordagem da ética na teoria bakhtiniana relaciona-se às formas em como o *eu* relaciona-se com o *outro*, podendo-se afirmar que o pesquisador bakhtiniano, inserido em um contexto da nova LA, compromete-se com a constituição da realidade no que tange à produção acadêmica. O pesquisador, na condução de uma pesquisa, deve operar de forma ética e responsável, visto que ele ocupa uma posição privilegiada no contexto histórico-social em que a investigação acontece, o que implica afirmar que ele não deve analisar seu objeto de pesquisa com valores pré-estabelecidos. O distanciamento é essencial para que a pesquisa não inicie com significados já prontos e formatados.

Isso implica admitir que todas as escolhas que fazemos na pesquisa acadêmica, inclusive as teorias nas quais nos inscrevemos, refutamos ou criticamos na nossa produção, revelam posições políticas, históricas e ideológicas em que refletimos, a partir disso, uma postura ética. Tal conjuntura sócio-histórica constitui uma forma ideológica de compreender a realidade a qual cada indivíduo tem acesso e se manifesta dentro dela.

Todas as ações individuais dos sujeitos envolvidos na pesquisa, como participantes ativos, são, por conseguinte, fenômenos sociais e históricos, como demonstra Bakhtin/Volochínov (1981, p.95) “Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Ela não pertence a ninguém, estando a serviço de qualquer ser

humano e de qualquer juízo de valor. Assim sendo, são os sujeitos sociais que, por meio do discurso, constroem sua realidade social e atuam sobre ela.

Moita Lopes (1996, p.8) reforça a importância de se adotar “uma visão dialógica/sócio-interacional, que considera o discurso e a mente como fenômenos históricos, institucionais e culturais, afetados pelos embates pelo poder na sociedade” (p.8), tal visão se torna ainda mais importante em situação de pesquisa. O autor (2013) destaca ainda que a abordagem sociocultural do Círculo de Bakhtin foi uma das teorias que muito colaborou com a expansão do horizonte de atuação da LA para contextos institucionais outros além do escolar.

Uma LA transdisciplinar e indisciplinar em constante diálogo com diversas áreas dos estudos da linguagem, com as várias Análises do Discurso, também abre espaço para uma Análise Dialógica do Discurso (ADD) emergente, cujo fundamento é a teoria bakhtiniana. Esse novo aporte do discurso, baseado nos estudos do Círculo de Bakhtin, fornece alicerces que possibilitaram a construção de uma teoria do discurso - ainda que os próprios teóricos não a tenham proposto e nomeado diretamente de Análise Dialógica do Discurso - cuja influência pode ser percebida nas mais diversas áreas que se interrelacionam com a nova LA. Brait (2010), a este propósito, explica:

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e/ou análise do discurso, no sentido em que usamos a expressão [...] mesmo consciente de que Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e outros participantes do que hoje se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico/analítica fechada [...] o conjunto das obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e também nas Ciências Humanas de maneira geral (BRAIT, 2010, p. 9-10).

Entretanto, a autora ressalta que não se deve negar que o Círculo de Bakhtin tenha dado contribuições indispensáveis ao surgimento de uma Análise Dialógica do Discurso, visto que tais estudos fundamentaram e impulsionaram as abordagens críticas do discurso atuais.

Importa ressaltar ainda que foi através dos estudos de Bakhtin sobre os gêneros do discurso como um dos objetos do ensino de língua materna portuguesa, que se iniciou a pesquisa e elaboração acadêmica pelo viés bakhtiniano em LA, como afirma Rojo (2007). De acordo com a autora, a teoria bakhtiniana, “faz sua primeira entrada na discussão, quando a pesquisa e elaboração acadêmica em LA que impacta os referenciais curriculares vêm propor os gêneros do discurso como objetos de ensino da língua materna (Língua Portuguesa)” (ROJO, 2007, p. 1762).

No percurso de constituição da LA contemporânea, algumas das concepções fundantes da teoria bakhtiniana, tais como o caráter sócio-histórico das práticas de linguagem, os conceitos de sujeito, dialogismo, ideologia, o universo dos signos verbais, a orientação para o outro, que dialogam com as problemáticas levantadas nesse campo. Barros (2005) complementa:

Bakhtin influenciou ou antecipou as principais orientações teóricas dos estudos sobre o texto e o discurso desenvolvidos, sobretudo, nos últimos 30 anos. Ao contrário do empreendido pelos estudos linguísticos, que tomaram a língua por objeto e começaram pela busca de unidades mínimas ou de unidades até a dimensão da frase, Bakhtin afirma que a especificidade das ciências humanas está no fato de que seu objeto é o texto (ou discurso). Em outras palavras, as ciências humanas se voltam para o homem, mas é o homem como produtor de textos que se apresenta aí (BARROS, 2005, p. 26).

Bakhtin e o Círculo inserem-se em um debate que vai além do seu tempo, enfatizando a importância da intersubjetividade, apostando nos estudos das singularidades, e questionando uma metodologia científica positivista, que pressupõe como ciência somente conhecimentos generalizadores. Desta forma, é possível estabelecer um rico diálogo entre estudos da LA contemporânea e algumas das concepções basilares do pensamento bakhtiniano, se considerarmos que tais estudos também caminham no eixo da desaprendizagem, da revisão da lógica e da produção de conhecimento através de uma forma de pesquisar comprometida ética e politicamente com a transformação social.

Acentua Fabrício (2013) que o que está em voga nos estudos contemporâneos em LA é enveredar pelo conceito de linguagem como prática social e observá-la em uso, sem desconsiderá-la da ampla gama de fatores contextuais que a influencia diretamente. Este entendimento da linguagem como prática social, implica um estudo profícuo da sociedade e da cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva, pois “nossas práticas discursivas não são neutras e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social” (FABRÍCIO, 2013, p. 48).

A abordagem bakhtiniana é contundente com relação aos anseios da LA contemporânea, por considerar os fatos linguísticos, as práticas languageiras, como dotadas de significação, sendo portadoras de valores construídos socialmente, reforçando a ideia de sua manifestação em situações sociais. Tais práticas são atravessadas pelas mais diversas ideologias e pelos confrontos de forças em jogo na sociedade - pela disputa entre a palavra de um e a de outrem, que correspondem a diferentes perspectivas ideológicas, diferentes

posicionamentos, à semelhança de uma arena de lutas- o que atesta que as formas linguísticas não são neutras e desprovidas de intencionalidades, de valorações.

Entendendo que a língua não é neutra e não comunica apenas – ela permite a censura, o desprezo e a discriminação –, compreendemos que uma das formas mais sutis de transmitir essa discriminação é também através da língua, pois ela reflete valores do pensamento da sociedade que a cria e utiliza. A linguagem é não só reveladora como também construtora das representações que os grupos humanos concebem e são representações sociais feitas da mulher que nos auxiliam a entender porque certas nuances da violência verbal e simbólica são invisíveis. A pertinência desta pesquisa reside em analisar como palavras e expressões, que constantemente são utilizadas para rotular, estereotipar, agredir e acusar mulheres, o que constitui violência verbal e simbólica, são apropriadas e ressignificadas pelas militantes do movimento Marcha das Vadias, na campanha fotográfica Feminista Por quê?. A campanha funciona, portanto, como campo de batalha dos sentidos dessas palavras, dos seus significados, pesos e conotações sociais.

A palavra, na visão de Bakhtin/Volochínov (1981), é o fenômeno ideológico por excelência e, partindo desta conceituação, acreditamos que ela possui, também, uma leitura de gênero. Ela não só reflete, mas também transmite e reforça os estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens em uma sociedade. O valor da palavra e sua dimensão ideológica se fazem presente em qualquer material semiótico com função ideológica, seja de natureza estética, científica, moral ou mesmo religiosa. Assim que é proferida, a língua automaticamente denuncia o conteúdo sócio-ideológico que lhe é inerente. Ou seja, não há neutralidade nas práticas discursivas, pois sempre se estabelece uma relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso, o que também podemos associar à relação do pesquisador com seu objeto de análise.

Uma pesquisa embasada no aporte teórico da Análise Dialógica do Discurso se baseia no agir discursivo não se restringe ao diálogo superficial e, sim, ao permanente diálogo, assimétrico e conflituoso, existente entre os diversos discursos circulantes em uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. O dialogismo se liga aos elos ininterruptos de vozes, nem sempre harmônicas, que integram o contexto sócio- histórico de qualquer falante. E isso demanda dos envolvidos na relação dialógica uma compreensão ativa-responsiva, pois todo agir discursivo é direcionado a alguém e sempre espera uma compreensão em forma de resposta. Assim, a ADD propõe um entendimento da vida contemporânea, de forma que se criem alternativas sociais que tornem audíveis “as vozes dos que estão à margem: os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres

homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais [...]” (MOITA LOPES, 2002. Apud. MOITA LOPES 2013, p. 86).

A crescente quantidade de pesquisas que se baseiam no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, no contexto brasileiro, difundiu a concepção sócio-histórica da linguagem e influenciou não só os estudos na área da Linguística, como também outras áreas das ciências humanas. Desta forma, a Análise Dialógica do Discurso tem muito a contribuir com as novas abordagens da LA contemporânea, nos permitindo pensar questões éticas na pesquisa em Linguística Aplicada e nos oferecendo parâmetros teórico-metodológicos que proporcionam uma análise, segundo a teoria crítica, cada vez mais equânime e respeitosa.

Para tanto, antes de nos aprofundarmos em questões relativas à Análise Dialógica do Discurso, abordando a teoria em suas nuances metodológicas, é primordial compreender, ainda que em síntese, a perspectiva social da linguagem de acordo com o Círculo de Bakhtin, bem como o conceito basilar de toda a teoria bakhtiniana: o dialogismo. Estudados estes tópicos, adentramos na teoria dialógica do discurso, guiada por Brait (2006), com intensa luz sobre os estudos de Bakhtin (2013) e sua revolução Metalinguística/Translinguística. Terminando o capítulo, enveredaremos pelas questões da linguagem de ordem verbo-visual, que muito tem a ver com o *corpus* analisado desta pesquisa, composto pela campanha fotográfica Feminista Por quê?, que é de natureza verbal e visual. Por fim, daremos passagem para a chegada do segundo capítulo, que tratará das categorias bakhtinianas escolhidas para os estudos do *corpus*, como a contrapalavra carnavalesca, associadas aos estudos feministas de teóricas como Butler (2008), e explorando a proposta de um “dialogismo feminista”, proposta por Bauer & McKinstry (1991).

2.2 A PERSPECTIVA SOCIAL DA LINGUAGEM NO CÍRCULO DE BAKHTIN

O Círculo de Bakhtin, cujo líder intelectual é o teórico russo Mikhail Bakhtin, era constituído por intelectuais de diversas áreas, que construíram, entre os anos de 1920 e 1970, uma postura singular em relação à linguagem, dialogando sempre com as principais correntes de pensamento de seu tempo, na Rússia do início do século XX. Estes estudiosos desenvolveram pesquisas em torno de uma concepção social do mundo e do homem, que se constitui na e pela interação verbal que realiza com outrem. Uma das principais contribuições do Círculo foi estabelecer um estudo da linguagem no âmbito sócio-histórico-ideológico,

considerando também o papel dos sujeitos sociais no processo de produção de significação através das interações verbais e da noção dialógica da linguagem.

Tal perspectiva contesta duas das principais concepções de linguagem que vigoravam naquela época: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. A primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico trata a língua como sistema intrínseco à consciência individual, de onde provém toda e qualquer regência atuante na linguagem. Esta corrente concebe o psiquismo individual como fonte da língua, sendo o ato de fala uma criação individual, configurando como base da língua. Bakhtin/Volochínov (1981) ressaltam que “a língua é, deste ponto de vista, análoga às outras manifestações ideológicas, em particular às do domínio da arte e da estética”. Segundo esta orientação, caberia ao linguista e ao filósofo da linguagem submeter o fenômeno linguístico às leis da psicologia individual, tornando o uso que se faz da língua um ato de criação individual, restando apenas a estes estudiosos a tarefa de preparar explicações sobre a forma como são concebidos tais atos linguísticos de acordo com essa tendência.

Já a segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico advém da teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure. Ela imputa um sistema categórico da linguagem aos sujeitos falantes, descartando subjetividades e apelos artísticos. A língua, nesta perspectiva, deve ser analisada sincronicamente, ou seja, desconsiderando-se os aspectos evolutivos intrínsecos à linguagem e que lhe conferem o caráter vivo. Esta orientação desconsidera, portanto, as manifestações individuais da língua, ou seja, a fala, para tomá-la como um fato social, formada por um sistema estável. Como Bakhtin/Volochínov (1981) asseveram “do ponto de vista da segunda orientação, não se poderia falar de uma criação refletida da língua pelo sujeito falante. A língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal” (p. 94). A ideologia não influencia os fatos linguísticos.

A percepção da linguagem pelo viés bakhtiniano responde, portanto, a essas duas orientações do pensamento filosófico-linguístico através de uma visão precursora da natureza social da língua. Esta, aqui, constitui-se como entidade concreta e viva dos signos. Ela está constantemente se reconstruindo, transformando e evoluindo através das enunciações concretas, incluindo a fala, não podendo ser pensada como detentora de significados estáticos.

As mudanças históricas transformam a língua e a legitimam, pois esta só se constitui como tal no processo de interação verbal. Por isso, os falantes atribuem-na significados autênticos e ressignificam-na de acordo com suas necessidades. A língua, desta

forma, não é um sistema de normas imutáveis e peremptórias, como acreditava a teoria do objetivismo abstrato, e, sim, resultante de construções sócio-histórico-ideológicas.

A interação verbal é o fator que dá sentido à língua. Ela manifesta-se a partir dos diálogos travados entre falantes reais e/ou virtuais atualizando-se através das enunciações concretas. O caráter social da língua solidifica-se, portanto, a partir do conjunto desses elementos combinados na ininterrupta e vivaz cadeia discursiva e não de um sistema de normas pré-estabelecidas, imutáveis e peremptórias ao indivíduo. É partindo da crítica a essas duas concepções da língua, que Bakhtin/Volochínov propõem o princípio dialógico como a essência do funcionamento da linguagem, posto que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 123)

Para o Círculo de Bakhtin, a divergência entre as ciências naturais e as humanas está na forma que as primeiras articulam-se como monológicas e as segundas dialógicas. As ciências naturais procuram conhecer um objeto e as ciências humanas procuram conhecer um sujeito, um produtor de textos. Como ratifica Bakhtin (2010):

As ciências exatas são uma forma monológica de saber: o intelecto contempla uma coisa e emite um enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (BAKHTIN, 2010, p. 400).

O sujeito procura interpretar e compreender o outro sujeito em lugar apenas de conhecer um objeto, pois, para os estudos do Círculo de Bakhtin, a vida é dialógica por natureza: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro, a alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção. Os conhecimentos adquiridos do mundo natural são diferentes daqueles que os sujeitos podem adquirir de si mesmos, suas capacidades criativas e demais formas de vida. O encontro do pesquisador com o seu *outro* e o conhecimento que pode ser gerado a partir dessa interação, produz, inevitavelmente, um conhecimento dialógico, baseado na alteridade, pois, para Bakhtin, é da

complexidade do ato bilateral que advém conhecimento, em profundidade, a partir da relação dialógica *eu-outro*.

Tal prospecto demonstra a condição desfavorável das teorias que buscam, na esfera das ciências humanas, representar a totalidade da experiência dos sujeitos no mundo, através de uma linguagem instrumental, atada a metodologias limitadoras. Bakhtin acredita que o mundo conhecido teoricamente não é um mundo inteiro, assim como recortes da realidade, sem o caráter movente e dialógico das relações humanas, cingem as possibilidades de um estudo mais humano. Daí a urgência de um olhar abrangente sobre a linguagem, que vá além dela mesma, sem desmerecer conhecimentos precedentes.

2.3 O DIALOGISMO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Dentre os diversos conceitos advindos dos estudos do Círculo de Bakhtin, o dialogismo, certamente, é um dos mais celebrados e aplicados em estudos de diversas áreas das ciências humanas. A visão dialógica da linguagem, no entanto, não recebe um maior detalhamento nas diversas produções acadêmicas em que ela aparece pelo fato de ser considerado um conhecimento subentendido a qualquer leitor que se interesse pela comunicação verbal e não verbal, segundo a teoria bakhtiniana. Antes de adentrarmos em questões referentes a uma Análise Dialógica do Discurso, é fundamental percorrer um caminho introdutório no âmbito do termo dialogismo, ainda que este seja inesgotável e mais complexo do que algumas laudas dedicadas, aqui, possam abranger.

A pluralidade de usos do termo dialogismo é atribuída, principalmente, à natureza interdiscursiva deste conceito, na medida em que diz respeito “ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (BRAIT, 1997, p. 98). Esse modo dialogizante de pensar a linguagem se situa no âmbito da alteridade, nas relações de interação verbal ou não-verbal e de constante tensão com o outro. Na perspectiva dialógica a linguagem é vista em sua historicidade, seus liames sócio-culturais, com sujeitos e discursos envolvidos nesse processo.

O dialogismo, segundo as teorias do discurso e da enunciação do Círculo de Bakhtin, se apresenta, portanto, como o princípio constitutivo da linguagem, propriedade indispensável de todo discurso que pressupõe comunicação com outros discursos. É o conceito unificador do projeto filosófico do Círculo de Bakhtin, consistindo nas relações dialógicas existentes entre os discursos e que os dotam de sentido. Tezza (1988) ratifica que

os discursos não são obras fechadas e acabadas de um indivíduo apenas, mas, sim, um processo heterogêneo, uma conjunção de discursos entre eu e o outro.

Nossas palavras não são “nossas” apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam. (TEZZA, 1988, p. 55)

O diálogo, assim, configura-se como interação viva e dinâmica entre discursos, que não se restringe à forma do diálogo face a face, pois é bem mais amplo, plural e complexo e faz parte de todo tipo de enunciado, seja de um artigo acadêmico, anúncio publicitário, conversa cotidiana, dentre outros. A linguagem, aqui, é penetrada em toda sua estrutura discursiva pelo dialogismo, que estabelece constantes relações de sentido com discursos outros. Tais relações são das mais variadas, seja de concordância, reiteração, discordância, confronto, ao passo que antecipa e sugere outras respostas. Nesse sentido, podemos reiterar que não há qualquer objeto de discurso que não seja de natureza dialógica ao considerarmos que não existe uma fala original, pois no *dito* co-existe o *já-dito*, com o qual pode-se rivalizar, confrontar, concordar, acrescentar etc.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1981, p 88).

Seguindo essa orientação dialógica, pode-se afirmar que, em uma Análise Dialógica do Discurso, é imprescindível pensar o sujeito em relação com outros sujeitos, pois esse somente constitui-se verdadeiramente humano na relação viva, cotidiana e, conseqüentemente, social com outrem e sua consciência, que é também constituída ideologicamente, o caracteriza como um sujeito social. Bakhtin (2010b, p. 313) complementa esse pensamento afirmando que “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro”. Desta forma, as relações dialógicas compreendem espaços de tensão entre vozes sociais.

Bakhtin (2010b) assinala duas diferentes concepções do princípio dialógico: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos. A primeira acepção postula que a interação entre interlocutores, concernente à relação dialógica entre sujeitos sociais, é o

princípio fundador da linguagem. É nessa relação envolvendo sujeitos que produzem, reproduzem e interpretam enunciados que se constroem os sentidos de textos, as significações das palavras e os próprios sujeitos. Com efeito, se assevera que a intersubjetividade, a relação entre os interlocutores, é anterior a subjetividade.

Isso implica um enunciador ativo que, ao articular seu discurso, leva em conta o discurso de outrem, sempre presente no seu próprio, posto que o discurso, nessa perspectiva, é sempre uma construção híbrida, inacabada, constituída de vozes concorrentes e sentidos em conflito. Assim, cada sujeito ocupa um espaço e convive com outrem em um tempo específicos no mundo, o que o torna ser responsável e “responsável” pelas interações que estabelece dentro do seu horizonte social.

Este, também chamado de auditório social, se constitui a partir dos sujeitos presentes na interação verbal, que compartilham um mesmo código, determinam e produzem as apreciações ideológicas de seu grupo social. Bakhtin/Volochínov (1981,p.112-113) argumentam que “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo tem um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc.”. Neste sentido, tudo o que é dito, escrito, produzido e reproduzido remete a outro enunciado ou expressa uma atitude responsiva, e nenhum deles existe em si mesmo, sem que participem da cadeia dialógica ininterrupta de enunciados sempre reiteráveis.

Toda ação que tenda à unilateralidade, ao monologismo, em que apenas uma voz dominante e repressora almeja ser soberana a outras vozes, provoca uma série de reações, respostas contrastantes ou concordantes, na medida em que é algo sujeito à percepção humana. Portanto, mesmo o discurso monológico é dialógico.

[...] todo discurso é arena, lugar de enfrentamento, de presença do outro, não se podendo pois conceber um discurso monológico no sentido de discurso que neutralize todas as vozes que não a daquele que enuncia, mesmo que essa seja a impressão causada pela materialidade do texto. Em outras palavras, “confronto” não é necessariamente “conflito”, podendo ser igualmente “acordo”, o que pressupõe mais de um sujeito, e que esse ‘confronto’ é fator constitutivo do intercâmbio verbal, fundado, como todo processo de produção de sentido, na diferença. Para o Círculo, interagir, dialogar, não é nem a falsa harmonia que neutraliza ou apaga a diferença, nem uma luta sem quartel que cala a voz do outro por meio da força (SOBRAL, 2009, p.37,38).

Assim, retomamos a segunda dimensão do princípio dialógico, esta diz respeito ao permanente diálogo existente entre os diferentes discursos que se configuram no contexto

sócio-histórico-cultural. Um produto social como o texto, nessa perspectiva dialógica, é entendido como “tecido de muitas vozes”, ou seja, de vários textos que se encontram, confrontam-se, polemizam-se, respondem uns aos outros e se constituem na interação verbal e não-verbal. Assim, o texto, material verbal e semiótico, é constitutivamente um objeto dialógico, formulado a partir do diálogo entre os interlocutores e pelo diálogo com outros textos anteriores.

A concepção convencional de texto escrito define este elemento como desprovido de quaisquer marcas próprias da oralidade, da mímica, do ritmo, intrínsecas à comunicação face a face. No entanto, sabemos que não há enunciado puramente linguístico, ou seja, estritamente construído a partir do material sócio. Mas, que todo discurso é arraigado de uma avaliação social, ou seja, de uma entonação.

As palavras, mesmo as grafadas, expressam as mais variadas apreensões axiológicas inculcadas na tessitura do enunciado, por um enunciador, que se utiliza de circunstâncias reais, do mundo concreto, de forma a investir em uma imagem de si, que se torne crível através de seu discurso. Como afirma Bakhtin:

A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe. [...] Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra isolada, mas um enunciado acabado expresso por uma palavra. (BAKHTIN, 1981, p.290)

Todo discurso reclama uma voz que o sustente, um enunciador que o resgate e imprima nele suas expressões valorativas, confira um tom ao enunciado. O enunciador, assim, visa persuadir enunciatários, através de seu discurso, a fim de que estes assimilem o que é proposto na tessitura do texto. Contudo, o outro que recebe a mensagem não é um simples receptáculo de ideologias, visto que ele participa inteiro na interação verbal. Assim, podemos afirmar que é no diálogo entre enunciadores e no diálogo entre textos, que se pode assumir o texto como um objeto constitutivamente dialógico, imbricado pelo processo enunciativo.

Tais aspectos devem ser levados em conta em um modelo de Análise Dialógica do Discurso, possa interação entre os enunciadores, no processo de enunciação, deixa marcas no produto enunciado. Outras circunstâncias que devem ser consideradas na análise de um texto são seu tempo particular de produção e o lugar de geração do enunciado, ressaltando que este não deve ser tomado como fato individual e isolado, pois se estabelece na interação entre, no mínimo, dois interlocutores, sendo estes seres sociais e que comunicam, e se constitui, também, no diálogo entre discursos.

Nesse sentido, todo enunciado faz parte de uma grande cadeia discursiva de enunciados outros, ainda que não tenham sido realizados no mesmo espaço-tempo de quem o enuncia, sendo, assim, uma réplica a discursos anteriores ou posteriores, o que acaba por demonstrar que nenhuma fala, nenhum discurso é, em sua essência, novo ou totalmente autêntico. Cabe, assim, enfatizar que o enunciado não está relacionado apenas com os enunciados que o antecedem, mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. Segundo Bakhtin/Volochínov (1981):

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 1981. p. 99).

Bakhtin/Volochínov (1981) elucidam que todo discurso é dialógico, no qual o sujeito necessita da relação responsiva com o outro, o que se realiza precipuamente através da linguagem. É natural aos sujeitos permitirem que o outro ocupe um lugar em nosso discurso, que fale em nossas palavras. Este outro é, no pensar bakhtiniano, uma dimensão constitutiva da linguagem, de modo que podemos inferir o caráter constitutivamente dialógico de todo e qualquer enunciado que produzimos. Em outro momento, Bakhtin (2010) reitera esta ideia: “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, refutar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 299).

Um enunciado é elaborado, portanto, em função de uma resposta, está ligado a essa resposta, mesmo que esta ainda não exista. Como assevera Fiorin (2006, p.178), o enunciador sempre aguarda uma compreensão responsiva ativa e o enunciado é constituído para essa resposta esperada. Assim, o sujeito bakhtiniano, sujeito social, situado e concreto, sempre modela dialogicamente seu discurso, como uma réplica a outros com os quais entrou em contato, em algum espaço-tempo, por meio de enunciados, sejam eles verbais, verbo-visuais, sensoriais, dentre outros, ora concordando com eles, ora discordando, reiterando, refutando etc. O dialogismo, aqui, atua como uma forma de reação à palavra de outrem e como uma promessa: a possibilidade de uma nova resposta.

2.4 O PERCURSO TEÓRICO DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A partir dos trabalhos do Círculo de Bakhtin, embasados no dialogismo da linguagem, tem-se uma nova perspectiva para os estudos linguísticos, a Análise Dialógica do Discurso (ADD), em que o foco está na língua em atividade, na sua forma viva e concreta e na relação dinâmica de compreensão responsiva entre os sujeitos. A ADD é um estudo atual, que ascendeu a partir das análises de estudiosos que, há décadas, vêm realizando pesquisas, em nível nacional e internacional, embasadas na orientação sócio-histórico-ideológica da linguagem de acordo com as obras do Círculo. Brait (2012) afirma que os estudos do discurso de verve bakhtiniana originaram-se sem a historicidade dos pioneiros da Análise do Discurso, dando como exemplo a tradicional vertente francesa, mas fornecem alicerces necessários à construção de uma teoria do discurso, cuja influência pode ser percebida nas mais diversas áreas das Ciências Humanas.

Assim, Brait (2012) reforça que o conjunto da produção teórica do Círculo de Bakhtin originou uma teoria/Análise Dialógica do Discurso, que necessita de um percurso teórico maior sobre a linguagem, que envolva a “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas” (BRAIT, 2012, p. 10).

Esse interesse pela constitutiva relação entre a língua e a vida, aponta para o interlace dos estudos linguísticos com diferentes áreas. A estudiosa salienta que a obra do Círculo está atrelada não somente a questões relativas ao uso da linguagem, apesar da grande ênfase nos estudos linguísticos e literários, mas também a abordagens transdisciplinares (dá a teoria bakhtiniana se encaixar nas propostas de uma Linguística Aplicada Indisciplinar), tendo apoio nas pesquisas de grandes estudiosos brasileiros do Círculo, como BRAIT, (2006), (2012); CUNHA, (2012); FARACO, (2009); FIORIN, (2010); PONZIO, (2008); ROJO, (2006); (2007), SOBRAL, (2009); dentre outros. A autora reforça que:

Esse fato pode ser constatado nas inúmeras traduções, nos incontáveis ensaios interpretativos e, especialmente, na circulação de noções, categorias, conceitos advindos diretamente do pensamento bakhtiniano, com ele aparentados ou, ainda, por ele motivados. Esse arcabouço teórico-reflexivo aparece, portanto, no enfrentamento da linguagem, não apenas em áreas destinadas a essa finalidade, caso dos estudos linguísticos e literários, mas na transdisciplinaridade de campos como a educação, a pesquisa, a história, a antropologia, a psicologia etc. (BRAIT, 2008, p.8).

Nas teorizações de linguagem e de discurso, segundo a perspectiva transdisciplinar do Círculo, uma metodologia aplicável, evitando o teoreticismo, demanda

um tratamento abrangente dos fenômenos discursivos que faça jus e compreenda a complexidade do ser, do agir e do significar dos sujeitos, considerando suas idiossincrasias. O foco está em um sujeito ímpar, um agente que faz escolhas, que avalia, que se compromete com outrem, e que suas relações dialógicas podem ser analisadas sob múltiplos ângulos e apreciações de acordo com a proposta transdisciplinar comentada pela autora.

Importa ressaltar que o Círculo não elaborou sistematicamente uma metodologia ou um compêndio de conceituações específicas para uma análise de discurso bakhtiniana, não deixando de ser uma grande contribuição para os estudos linguísticos, ao propor um olhar para além da Linguística do sistema, que estabeleça inter-relações com disciplinas diferentes a fim de se observar o indivíduo em diferentes esferas de atividade, agindo conforme o horizonte social. A língua falada por esse sujeito não é um mero arranjo de elementos formais abstratos, em estado de constância, como apregoa os modelos sistêmicos de análise linguística, mas, sim, passível de transmutação, uma vez que, é constituída pelas interações verbais da sociedade que a utiliza de forma viva e reiterável. A interação verbal, portanto, nada mais é que um evento social histórico-ideologicamente situado que engendra esse processo de formação da língua.

Bakhtin (2013) propõe na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* a chamada “metalinguística” para tratar de questões referentes ao que era ignorado na Linguística de base Estruturalista. Brait (2010) afirma que tal obra representa o primeiro momento, na teoria do Círculo, em que uma abordagem de *análise/ teoria dialógica do discurso* é proposta. É a partir da análise da obra de Dostoiévski e dos fenômenos nela presentes que o autor vai construindo um lugar científico para suas investigações sobre a linguagem. Aí, a linguagem é tomada como comunicação dialógica e o enunciado concreto é definido como sua unidade. O autor russo também opta pela substituição do termo discurso, aqui compreendido como a língua em sua integridade concreta e viva, por relações dialógicas, a fim de ampliar a proposta dessa vertente de acordo com o caráter interativo, social e ideológico da linguagem. Acerca do discurso, Bakhtin comenta na introdução de um dos capítulos iniciais o que se segue:

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o *discurso* ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da *lingüística*, obtida por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela lingüística, os que têm importância primordial pra os nossos fins. Por este motivo as nossas análises

subseqüentes não são lingüísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalingüística, subentendendo-a como um estudo ainda não constituído em disciplinas particulares definidas daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam de modo absolutamente legítimo os limites da lingüística. (BAKHTIN, 2013, p.181).

No entanto, para não confundir o termo metalingüística com acepções tradicionais deste conceito – como nos estudos lingüísticos de Roman Jakobson em que “metalingüística” é considerada uma função da linguagem utilizada para descrever a própria linguagem – optamos pela substituição desse termo por “translingüística”, sublinhado por estudiosos do Círculo, como Todorov (1995), Clark e Holquist (1998) e Faraco (2009) com o objetivo de facilitar o entendimento da teoria dialógica do discurso. A formação da palavra translingüística, constituída pelo prefixo “trans”, sugere o movimento de “ir além” da lingüística do sistema e ainda que estas partilhem do mesmo objeto, a língua, cada qual a estuda sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão, sendo a primeira voltada para as relações dialógicas e a segunda para as relações lógicas. A translingüística preocupa-se, assim, em analisar o caráter dinâmico, vivaz e transformador da linguagem, revisando as concepções lógicas das mesmas e aglutinando novidades advindas das relações dialógicas entre enunciados, com um olhar transgressor para o acontecimento lingüístico. Bakhtin (2013) pondera sobre os pontos de aproximação e divergência das duas concepções da Lingüística ao fazer a seguinte afirmação:

A lingüística conhece, evidentemente, a forma composicional do “discurso dialógico” e estuda as suas particularidades sintáticas léxico-semânticas. Mas ela as estuda enquanto fenômenos puramente lingüísticos, ou seja, no plano da língua, e não pode abordar, em hipótese alguma, a especificidade das relações dialógicas entre as réplicas. Por isso, ao estudar o “discurso dialógico”, a lingüística deve aproveitar os resultados da metalingüística.

[...] Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a lingüística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalingüística, que ultrapassa os limites da lingüística e possui objeto autônomo e metas próprias. (BAKHTIN, 2013, p. 209, grifos do autor).

O autor reforça, desta forma, que o propósito desses estudos de ultrapassar os resultados da Lingüística, não desmerece, porém, a necessidade dos atributos sistemáticos para análises iniciais, as que se encaixam no plano lingüístico, para que, *a posteriori*, se elabore um estudo das relações mais complexas, as dialógicas – o real objeto da Translingüística – que se manifestam e deixam marcas no encadeamento de enunciados,

presentes no discurso, pois, mesmo os enunciados que aparentemente são alheios um ao outro, separados no tempo e no espaço, se confrontados no plano dos sentidos, manifestarão relações dialógicas, e estas, por sua vez, são percebidas no plano linguístico, textual ou discursivo. Bakhtin explica que:

As relações dialógicas - fenômeno bem mais amplo que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente - são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância. (BAKHTIN, 2013 p.47)

[...] As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2013, p. 209, grifos do autor).

Deste modo, as relações dialógicas podem ser consideradas como relações de sentido entre toda classe de enunciados na comunicação discursiva. Já o enunciado é a forma de expressão do sujeito e a sua materialização não é somente extralinguística, pois também expressa relações personificadas na linguagem, e tal aspecto se aplica à própria materialização das relações dialógicas. Uma análise translinguística implica, assim, o estudo do enunciado enquanto unidade concreta da comunicação discursiva, como forma de manifestação real da linguagem por enunciadores, sujeitos sociais, situados em um determinado contexto. Dessa forma, o enunciado se mostra acontecimento único, de efeito transitório, irrepetível, que reclama uma resposta, não se limitando à unidade verbal, mas admitindo papel central nas interações entre os sujeitos do discurso, sempre em uma situação sócio-histórica motivada ideologicamente. Não há enunciado isolado nesse contexto, porque ele sempre terá um enunciado precedente e outro que o sucede, sendo cada qual apenas um elo da cadeia discursiva, especialmente se compararmos o movimento dialógico a uma correnteza em fluxo ininterrupto. Bakhtin complementa:

[...] todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado. As formas dessa autoria real podem ser muito diversas. Uma obra qualquer pode ser produto de um trabalho de equipe, pode ser interpretada como trabalho hereditário de várias gerações, etc., e apesar de tudo, sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personifica toda enunciação [énoncé] à qual ela reage. (BAKHTIN, 2013, p. 209).

Ressalta-se, assim, a historicidade do enunciado, que se mostra nos sentidos gerados nele e por ele confrontados, debatidos e relacionados a esse tempo/espaço fluido, em

que outros discursos se fazem presentes naquilo que se expressa por meio de enunciados inseridos na disputa da arena dos sentidos. Pois todo discurso é dialógico, sendo, por conseguinte, histórico e a interação discursiva, o diálogo, é a realidade concreta da linguagem. Tal abordagem conjectura uma compreensão ativa do discurso, em que o sentido de cada enunciado é marcado pelo contexto histórico-social. Assim, a compreensão implica construir um sentido de acordo com o contexto correspondente, pois utilizamos nossas palavras para compreender as palavras de outrem e só a compreensão incita resposta.

A Análise Dialógica do Discurso segue esse propósito sem se definir como um método de pesquisa *stricto sensu*, com procedimentos formalizados e uma perspectiva teórico-analítica completa, pois, como enfatiza Brait (2012), isso seria contrário ao próprio pensamento bakhtiniano, o que também não significa que a Análise Dialógica não tenha princípios epistemológicos seguramente embasados. Brait (2012) explicita que a ADD busca:

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade linguística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT 2012, p. 13, 14)

De acordo com o postulado, importa, assim, considerar a relação próxima entre discurso, seu contexto sócio-histórico-ideológico, os sujeitos envolvidos e as relações de sentido geradas desta interação que pode ser de natureza verbal ou não-verbal. A autora (2012, p. 14) também ressalta que nessa teoria dialógica “Não há categorias *a priori*, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto”. Em vez de categorias normativas, os escritos do Círculo apresentam uma arquitetura das diferentes formas de conceber o enfrentamento dialógico da linguagem, que se constituem de movimentos teórico-metodológicos plurais. A autora atesta que:

[...] o maior ensinamento de Bakhtin [é] a atitude diante da linguagem que consiste não na aplicação de conceitos pré-estabelecidos a um *corpus* imobilizado pelas lúps do analista, mas uma atitude dialógica que permite que os conceitos sejam extraídos do *corpus*, a partir de um constante diálogo entre a postura teórico-metodológica e a dinâmica das atividades, da linguagem e da rica parceria por elas estabelecidas. [...] para Bakhtin, não há a possibilidade de pura e simplesmente operacionalizar conceitos pré-estabelecidos, na medida em que não acreditava que fosse essa a

função das Ciências Humanas, aí incluídos os estudos da linguagem. Seu pensamento, como atitude diante do conhecimento, significa um contato dialógico com o *corpus* selecionado, um *continuum* cujo acabamento, mesmo que visível, é sempre inconcluso, participa de uma dinâmica permanente que interroga permanentemente o analista e o obriga a buscar, até mesmo em outras disciplinas, conceitos, noções, que possam ajudar na análise da complexa relação existente entre as atividades humanas e as atividades discursiva a elas afeitas. (BRAIT, 2007, p. 29-31).

De fato, cabe ao pesquisador construir uma postura dialógica diante de seu objeto discursivo. A participação deste na relação entre discursos implica outro importante princípio epistemológico da ADD, que é o reconhecimento da participação dialógica do investigador na composição dos dados. A análise de dados é de caráter irrepitível, pois nunca um mesmo pesquisador observará um mesmo objeto da mesma forma, sempre se faz uma leitura única, pois os sentidos inicialmente percebidos se atualizam a cada nova interação com o objeto. Portanto, os sentidos de um objeto nunca são definitivos, estabilizados, pois se reatualizam a cada vez que o discurso entra em contato com o objeto. O princípio dialógico não se separa, nesta perspectiva, da escolha metodológica, pois as etapas que constituem este processo são construídas dialogicamente por todos os sujeitos da pesquisa: pesquisador, pesquisado, concepções teóricas e abordagens metodológicas.

Partindo de tais postulações no domínio da translíngua e da Análise Dialógica do Discurso e seus desdobramentos, Bakhtin e seu Círculo arquitetam não apenas uma nova ciência da linguagem, mas também uma autêntica ciência humana e revelam, assim, uma abordagem linguística que incorpora e dialoga com as mudanças e transições que os estudos da atualidade demandam.

2.5 A LINGUAGEM VERBO-VISUAL SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

2.5.1 A palavra no contexto bakhtiniano

A perspectiva bakhtiniana dos estudos da linguagem, tratada no tópico anterior sobre a Análise Dialógica do Discurso, prima por uma abordagem que vá além da análise estritamente formal/estrutural dos fatos linguísticos e que inclua os aspectos sociais, históricos e políticos que fazem funcionar a linguagem. A língua, aqui, não é vista como simples instrumento comunicacional e sim como matéria viva e dinâmica que se manifesta na interação verbal, em que as ideologias estão em jogo na sociedade. Como afirmamos, segundo

Bakhtin/Volochínov (2010), a palavra é o signo ideológico por excelência, em que reside um aspecto especial de compreensão das relações interativas realizadas pelos indivíduos na sociedade.

Ainda segundo esses autores, os sentidos e significações só podem ser compreendidos pela análise do conteúdo ideológico contido no discurso que a palavra veicula. Isso se dá a partir de situações reais em que as relações sócio-interativas acontecem. Nas interações cotidianas é a palavra, portanto, que se torna meio pelo qual circulam as formas de compreensão do mundo, desde as atividades mais banais àquelas que dizem respeito à cultura geral e ao comportamento individual humano.

Todas as propriedades da palavra - sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente - fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. As leis da refração ideológica da existência em signos e em consciência, suas formas e seus mecanismos, devem ser estudados a partir desse material que é a palavra. O estudo da palavra implica a compreensão de sua configuração como meio de relacionamento interativo entre interlocutores reais, cada qual com sua postura e com um determinado peso enunciativo. O locutor e o ouvinte são ambos fundamentais para o processo de compreensão da realidade social.

As mudanças ou o progresso da língua estão em ligação direta com a vida cotidiana, com os atos de fala que se realizam no interior da sociedade, em suas diversas situações concretas. Os meios de comunicação de massa são espaços importantes de análise dessa evolução e são, em contrapartida, indicativos das alterações sociais que se encontram em curso.

Um movimento como o da Marcha das Vadias funciona como campo de batalha dos sentidos dessas palavras, dos seus significados, pesos e conotações sociais. A campanha fotográfica da marcha interpreta o discurso machista e o reconstrói não apenas para ressignificá-lo, como também para torná-lo obsoleto, não mais aceitável na atual conjuntura social em que a mulher se encontra. A compreensão, ainda segundo Bakhtin/Volochínov, é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Pois, segundo Bakhtin/Volochínov (1981), compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.

1.5.2 A linguagem verbo-visual no contexto bakhtiniano

A Análise Dialógica do Discurso tem a linguagem como instância reveladora de sentidos sócio-histórico-ideologicamente fundamentados, que se manifestam na concretude das relações simbólicas interindividuais. É a partir dessas práticas languageiras, em um processo contínuo de produção de sentidos, que formações sociais podem ser compreendidas em suas constituições simbólicas.

Marxismo e Filosofia da Linguagem é uma obra consagrada do Círculo de Bakhtin, assinalada por Bakhtin/Volochínov (1981), que realiza um estudo do signo como categoria intrinsecamente ligada à ideologia. Brait (2011, p. 95) afirma que este livro é “um momento de formalização da possibilidade de estudar o discurso, isto é, não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa, entrelaçamento de discursos que, veiculados socialmente, realizam-se nas e pelas interações entre sujeitos”.

Os signos são integrantes essenciais desses movimentos de interação, compreensão e significação discursivas que acontecem em território interindividual. Partindo dessa compreensão, os autores enfatizam a noção do produto ideológico como detentor de significado, parte de uma realidade, natural e social, que sempre remete a algo situado fora de si mesmo, refletindo e refratando outra realidade que lhe é exterior.

Os autores admitem que “tudo que é ideológico é um signo e sem signos não existe ideologia”(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 32). Na relação dos sujeitos com o mundo real/social organizado surgem os signos, os quais contêm uma carga ideológica, um jogo tensionado e constantemente estimulado de valores e ideias divergentes. Assim, para produzir significação, é preciso ser signo. O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos e estes são mutuamente correspondentes, pois tudo que é ideológico possui um valor semiótico de representação, seja o signo verbal, como a palavra, seja o signo não-verbal, como a imagem.

Ressaltamos que o signo ideológico não é um simples reflexo da realidade, mas também um fragmento material da mesma realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma incorporação material, seja como som, como massa física, como cor ou qualquer outra forma de materialidade sinestésica.

O signo ideológico também reflete e refrata a realidade de cada esfera ideológica a seu modo, podendo distorcê-la, ratificá-la ou apreendê-la de um ponto de vista específico, “o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela”.(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p.37). O caráter refratário do signo é natural, pois

uma comunidade linguística é constituída de uma variabilidade de grupos por vezes distintos, os quais ressignificarão os signos a partir das suas vivências peculiares e seus usos particulares.

Os autores (1981, p.32) asseveram que “todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.” e corroboram que o que dá dinamicidade e vida a essas formas de criação ideológica também as tornam meios de deformação e de refração dos significados. Isso acontece pelo confronto de interesses sociais em uma mesma comunidade semiótica. Cabe afirmar isso com a conhecida menção à figura bifronte de Jano como elemento de comparação à dupla natureza do signo ideológico.

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de aparecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p.47).

Os signos dão forma e existência à consciência individual e esta, por sua vez, só se compõe na concretude material dos signos, no processo de interação social e a partir da semiótica ideológica. Neste processo, ela entra em contato com as ideologias vigentes e, a partir daí, é capaz de materializar essas ideologias em signos.

A lógica da consciência individual é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p.36).

Sobre a interconstituição ativa entre psique individual e ideologia, Sobral (1999) esclarece que:

No tocante a isso, Voloshinov (1976) aborda a relação entre psique individual e ideologia, afirmando que, como a compreensão e a consciência só se produzem com base num material semiótico e como esse material se institui como realidade concreta, a própria consciência só se constitui na “concretude material dos signos” (1976, p. 22), isto é, a consciência individual só se constitui, a partir do ideológico, no processo de interação social, que é o locus dos signos. (SOBRAL, 1999, p.121).

Bakhtin/Volochínov (1981) ressaltam que, ao se construir uma representação de um produto físico, faz-se nascer um signo, pois aquela imagem criada já não é mais o objeto concreto em atuação no mundo, mas um elemento que se refere àquele anterior e já não faz parte do mundo concreto, mas da realidade discursiva, que é organizada por elaborações de sentidos mediante discursos anteriores. A representação do objeto físico não se configura como materialização fiel deste objeto, que não deixa de existir no mundo concreto, e, sim, como constituinte e produto da cadeia discursiva ininterrupta. A imagem que se faz desse objeto assume a configuração de produto ideológico, ou seja, converte-se em signo ideológico, pois “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico”. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p.32).

Ao tratar da dimensão dos símbolos, os autores argumentam que todo corpo físico pode ser percebido como símbolo, mas esse corpo, por si próprio, nada significa e coincide inteiramente com sua própria natureza. Eles citam o exemplo da simbolização do princípio de inércia e da necessidade, na natureza, por um determinado objeto único. O mesmo acontece com instrumentos de produção, pois um instrumento, *per si*, não possui um sentido exato, mas somente uma função, a de desempenhar este ou aquele papel na produção, sem refletir ou representar alguma outra coisa. Segundo ainda os autores: “Todavia, um instrumento pode ser convertido em um signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem aqui um sentido puramente ideológico”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p.37)

A partir dessa conceituação, Bakhtin/Volochínov (1981) asseveram que, ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo dos signos. Os signos são criados nas relações interindividuais sendo carregados de valores conferidos por diferentes interlocutores. O signo é um fenômeno do mundo exterior, podendo possuir, portanto, um aporte material, como o som, a cor, o movimento do corpo e outras formas de se materializar os efeitos de sentidos ideológicos.

Qualquer produto de consumo pode [...] ser transformado em signo ideológico. O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão. Mas o produto de consumo enquanto tal não é, de maneira alguma, um signo. Os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser associados a signos ideológicos, mas essa associação não apaga a linha de demarcação existente

entre eles. O pão possui uma forma particular que não é apenas justificável pela sua função de produto de consumo; essa forma possui também um valor, mesmo que primitivo, de signo ideológico (por exemplo, o pão com a forma de número oito ou de uma roseta). (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p.39).

A interação semiótica, advinda das interações entre os sujeitos no cotidiano social, é de grande relevância para a arquitetura sígnica, revelando como os efeitos de sentido são ressignificados, nesses signos, a partir da interação verbal. Estas interações também se fazem presente, por exemplo, no discurso da propaganda, sendo esta prenhe de signos, símbolos, ícones, índices que se manifestam como formas de criação ideológica.

Tais aspectos podem ser visualizados na campanha fotográfica *Feminista Por quê?*, *corpus* de nossa pesquisa, que se mostra uma propaganda de cunho social, que desloca as imagens construídas na grande mídia respaldadas pelo senso-comum de um sujeito do feminismo ainda fortemente estereotipado. O material da campanha usa da linguagem verbo-visual e de signos ideológicos feministas na representação da diversidade dos feminismos e da categoria identitária “mulher”. Onde se encontra o signo também se encontra o ideológico, pois o signo é fenômeno do mundo social. A campanha, em nenhum momento, se salvaguarda de uma postura marcadamente ideológica feminista. Os signos ideológicos da campanha, representando a Marcha das Vadias, ganham sentido no processo de interação social entre os sujeitos femininos, que aproxima os signos e os interlocutores da ação comunicativa/responsiva materializada na campanha, pois “o homem individual isolado não cria ideologia, que a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo de comunicação social” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 49). De acordo com Bakhtin/Volochínov (1981), para compreender um signo é necessário aproximá-lo de outros signos:

Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 33-34).

Os signos revelam, propagam e perpetuam as ideologias circulantes em nosso meio social e, nesse vórtice de ideologias, encontra-se a de razão feminista. A especificidade dos signos “reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação” (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1981, p. 35).

Outra categoria tomada, ainda que brevemente, nos estudos bakhtinianos do signo, é o sinal, aqui, compreendido na sua função de transmissor de mensagens, independente do contexto e sem qualquer relação ideológica. Ele pode ser direcionado a um ou a vários interlocutores, com objetivos distintos, sem manter necessariamente uma relação estabelecida com a situação social imediata.

O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p.93).

Os autores afirmam, no entanto, que não existe um sinal totalmente puro, sem que a ele seja atribuída uma significação. Ao ser compreendido e não mais identificado, o sinal passa ao estatuto de signo e é nesse processo que reside a assimilação ideal de uma língua. Os símbolos são responsáveis pela transmutação de sinal para signo, no processo da simbolização. O símbolo é material e representa algo nessa materialidade; seu sentido é dependente do objeto no mundo.

Por fim, a palavra também é considerada no processo de significação, consagrada como o signo ideológico por excelência, uma vez que assume papel essencial na compreensão das relações interativas entre indivíduos na sociedade. Tal como alguns elementos da cadeia comunicativa, ela produz, reflete e refrata a realidade, tida como signo puro, pois, ao contrário do signo, pode ser impregnada de quaisquer funções ideológicas. É, portanto, o instrumento e canal privilegiados da comunicação na vida cotidiana, estando presente em todo ato consciente, em que acompanha e comenta toda e qualquer criação e apreensão dos fenômenos ideológicos.

A palavra é semioticamente pura, ideologicamente neutra, significada na inter-relação discursiva ordinária, mas também material semiótico do discurso interior e elemento imprescindível em todo ato consciente.

Todas as propriedades da palavra [...] – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. As leis da refração ideológica da existência em signos e em consciência, suas formas e seus mecanismos, devem ser estudados, antes de mais nada, a partir desse material que é a palavra. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 1981, p. 38).

Como analisado no tópico anterior, o estudo da palavra implica a compreensão de sua configuração como meio de relacionamento interativo entre interlocutores reais, cada qual com sua postura e com um determinado peso enunciativo. Acrescidos às categorias linguísticas, estão os aspectos semióticos da teoria bakhtiniana, resgatados nos estudos basilares do signo ideológico, que, além de refletir e refratar realidades, produzir e reproduzir sentidos que se perdem e se recuperam na cadeia dialógica, tem uma realidade concreta própria, passível de estudo científico.

Em *Problemas da Poética de Dostoievski*, além de elaborar as bases para a Análise Dialógica do Discurso, Bakhtin (2012, p.216) reconhece que uma abordagem dialógica pode também ser aplicada a materiais imagéticos, quando assinala: “As relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes”. Bakhtin, portanto, deixa “brechas” para um pensar em que a teoria dialógica dê conta de outros materiais semióticos além do plano linguístico. O discurso, parte vital das relações dialógicas, aparece, nesta perspectiva, como o objeto da Metalinguística/Translinguística, que o fundamenta, possibilitando um aporte teórico-metodológico de análise desse discurso, servindo de embasamento para a leitura da verbo-visualidade¹³.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2010) aponta a abertura para o tratamento da linguagem não-verbal, considerando ser possível a análise das relações dialógicas estabelecidas com elementos semióticos de várias ordens, oriundas de áreas de estudo diversos. Bakhtin amplia sua visão sobre o texto afirmando que:

Se tomarmos o texto no sentido amplo de conjunto coerente de signos, também as ciências da arte (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) se relacionam com textos (produtos da arte). [...] Há uma complexa inter-relação do texto (objeto de estudo e reflexão) e do contexto emoldurador a ser criado pelo pesquisador que interroga, faz objeções, etc. (BAKHTIN, 2010, p. 311).

Sobre essa acepção, Brait (2012a) pensa a interpretação do texto como “conjunto coerente de signos”, ao mostrar que este signo, no sentido amplo, pode ser verbal, visual e/ou verbo-visual. Desta forma, o conceito de signo ideológico constata uma concepção semiótico-

¹³Refletindo sobre o *corpus* de nossa pesquisa, que é todo constituído na relação entre elementos verbais e visuais, e para dar conta minimamente da análise desses elementos, a partir de uma perspectiva dialógica de compreensão da linguagem, utilizaremos também como base metodológica os escritos de Brait (2012a, 2012b) acerca do tema da verbo-visualidade, na teoria bakhtiniana. A linguista brasileira dá um panorama geral da abordagem do material verbo-visual, nos estudos do Círculo de Bakhtin, que é de grande importância para os estudos atuais sobre o tema.

ideológica de texto, em que a ideologia carrega significados que, por sua vez, criam trilhas de sentidos com as quais os sujeitos convivem por meio das interações dialógicas da linguagem. Assim, a teoria bakhtiniana pode incluir, na materialidade semiótica da linguagem, além do verbal e do visual, o sonoro, o sensorial, dentre outros, ao fazer referência aos elementos musicais, de forma que *textos multissemióticos* venham a ser explorados numa perspectiva dialógica.

Medviédev (2012, p. 48), também influente integrante do Círculo, em sua obra mais famosa, *O método formal nos estudos literários*, contempla materiais de diferentes ordens semióticas, advindos de “Todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas etc.” afirmando que todos estes materiais são pertencentes à realidade que rodeia o homem. Em seguida, o autor complementa esta ideia salientando que:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48).

Ao final do livro, o autor assevera que novos meios de representação nos mostram novos aspectos da realidade, necessitando, para serem compreendidos e introduzidos, de modo essencial, no nosso horizonte, de novos recursos de sua fixação.

Bakhtin/Volochínov (1981) enfatizam, ainda, a relação entre o plano verbal e não-verbal da linguagem ao asseverar que a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico, incluindo os atos de natureza sonora, gestual e, para o que nos interessa aqui mais de perto, os de natureza imagética: “Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (*um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano*) não podem operar sem a participação do discurso interior” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 37,38 – grifos do autor). Os sentidos ideológicos fazem parte da realidade em que vivemos. Desde as palavras que escolhemos em um discurso, aos símbolos que sustentamos como demonstração de fé ou ideologia e outras opções rotineiras que fazemos, como escolha das vestimentas, opção por um determinado visual etc., são parte da nossa realidade, logo, são elementos ideológicos.

Ademais, é de extrema valia enfatizar o trabalho teórico-metodológico que Beth Brait (2012b) vem desenvolvendo em suas pesquisas, com o intuito de mostrar como o

pensamento bakhtiniano contribui para a análise de discursos verbo-visuais, em materiais que articulam no plano da expressão, de modo explícito ou implícito, as dimensões verbal e visual da linguagem. Para tanto, a concepção semiótico-ideológica de texto deve ser “analisada, interpretada, reconhecida a partir de mecanismos dialógicos que a constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seu plano de expressão e das esferas em que circula” (BRAIT, 2012b, p.2).

Acreditamos, portanto, que, Brait reúne um forte aporte teórico para os estudos sobre a verbo-visualidade, através das veredas epistemológicas abertas por Bakhtin. O que pode ser averiguado, especialmente, no que tange à relação texto/enunciado como um “conjunto coerente” de signos. O discurso, nesta perspectiva, é interpretado, “como rede de relações dialógicas estabelecidas e assumidas por um sujeito (e não dadas de antemão), expressas na linguagem a partir de um ponto de vista” (BRAIT, 2012b, p.4). Assim, sem esgotar as proposições de Brait (2012b), é possível afirmar que os estudos do Círculo de Bakhtin – ao considerar outras matérias sîgnicas, outros fenômenos constitutivos da linguagem e da compreensão de sentidos nas inter-relações entre sujeitos, na teoria analítica dialógica do discurso – possibilitam o advento de uma análise da linguagem verbo-visual bakhtiniana.

No capítulo seguinte, investigaremos, sob a luz da teoria bakhtiniana, como os fenômenos das contrapalavras, da responsividade e do corpo carnavalizado entram em ação pela reconfiguração dos significados e das imagens identitárias atribuídas à mulher, a partir do material verbo-visual da campanha fotográfica, que se caracteriza como ato a favor da liberdade, da diversidade e contra a violência contra a mulher. Também associaremos as teorias dialógicas e carnavalescas do Círculo de Bakhtin aos estudos feministas de teóricas como Butler (2008), explorando a proposta de um “dialogismo feminista”, de Bauer & McKinstry (1991).

3 COMPREENSÃO ATIVA E RESPONSIVA: A CONTRAPALAVRA CARNAVALIZADA FEMINISTA

A Igreja diz: o corpo é uma culpa.

A Ciência diz: o corpo é uma máquina.

A publicidade diz: o corpo é um negócio.

E o corpo diz: eu sou uma festa.

(Eduardo Galeano)

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos e discutimos como se dá o fenômeno da compreensão ativa e responsiva de discursos por parte dos sujeitos em interação e como isso ocorre através da contrapalavra. Depois, investigamos como a contrapalavra pode ser revestida de elementos carnavalescos, advindos da teoria da carnavalização de Bakhtin (1987), que serve ao propósito do *corpus* desta pesquisa. Também associaremos este estudo, centrado nas teorias do Círculo de Bakhtin, aos estudos de teóricas feministas, explorando a proposta de um “dialogismo feminista”, sugerido por Bauer & McKinstry (1991), também baseada, como o termo dialogismo faz supor, na perspectiva bakhtiniana. Por fim, traçamos um esboço geral da pesquisa, apontando os planos de análise, e detalhamos como a pesquisa foi desenvolvida.

3.1 COMPREENSÃO ATIVA E RESPONSIVA: A CONTRAPALAVRA

Os estudos do Círculo de Bakhtin privilegiam a interação e tem o dialogismo como princípio fundador da linguagem. Partindo desta premissa, a teoria bakhtiniana sugere

que qualquer compreensão de um enunciado vivo é essencialmente dialógica e sensível, já que a relação entre sujeitos implica um processo complexo e oscilante de negociações entre um falante e um ouvinte e entre o que foi dito anteriormente e o que ainda está para ser dito. A relação dialógica pode ser polêmica, não dando espaço à passividade, uma vez que dialogamos e polemizamos com outros discursos divergentes e conflitantes em nossa sociedade, em nossa cultura. Nessas relações, o discurso pode ser tomado como um jogo, uma constante negociação harmônica ou desarmoniosa de significados, é movimento e tentativa de transformação e mesmo subversão dos sentidos.

O discurso é arena, lugar de confronto de vozes, onde não se pode conceber um discurso monológico e soberano, no sentido de enunciados que invalidem todas as vozes que não a daquele que os enunciou, pois “[...] não há sentido fora da diferença, da arena, do confronto, da interação dialógica, e assim como não há um discurso sem outros discursos, não há eu sem outro, nem outro sem eu” (SOBRAL, 2009, p.39).

Os sentidos de um discurso jamais estão prontos, dada a infinita capacidade de interpretação dos sujeitos. É essa possibilidade infinda de sentidos esquecidos que retornam à memória, que faz evoluir um diálogo entre enunciados, provocando neles a renovação dentro de outros contextos. Assim, todo ato comunicativo é contextual, ou seja, é situado por sujeitos, instituições, tempos e espaços definidos. Nesse sentido, comunicar é um processo dialógico, em que são gerados os movimentos e transformações particulares de uma cultura.

Bakhtin/Volochínov (1981, p.14) explicitam que no diálogo “não se trata apenas de dizer alguma coisa para alguém, mas para alguém e com outrem. Ou seja, leva-se em conta a alteridade, o interlocutor, os modos e as circunstâncias da interação verbal”. O interlocutor estabelece, portanto, uma relação de compreensão ativa com o seu locutor, pois toda compreensão é um processo ativo e dialógico, que, por trazer em seu cerne uma resposta, torna-se tenso. Segundo os autores (1981, p. 132), a compreensão ativa pode ser entendida como “[...] uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo”.

Bakhtin/Volochínov (1981) defendem que a responsividade, ou compreensão responsiva, é um ato que reconhece a complexidade das trocas discursivas. Isso envolve admitir o enunciado inserido em seu contexto, ter em conta a anterior e a subsequente compreensão das ideias que se relacionam com ele e ativamente respondem a ele. O que Bakhtin/Volochínov (1981) querem dizer com o conceito de resposta ativa também se relaciona com a capacidade do ouvinte para internalizar e, cuidadosamente, formular e expressar um novo aspecto do enunciado: que seja relevante e avaliativo.

O enunciador pressupõe não só a existência do sistema de linguagem que ele está usando, mas também a existência de enunciados precedentes aos seus próprios e a de outros com que seu enunciado se relaciona e, a partir disso, constrói sobre eles, polemiza-os, ou simplesmente presume que estes já são conhecidos para o ouvinte. O sujeito bakhtiniano é, assim, responsivo e responsável, age através da língua, constituindo-se um sujeito não totalmente interpelado, manipulado por ideologias, diferente do sujeito concebido pela Análise do Discurso Francesa em sua primeira fase, na década de 60.

Qualquer enunciado é um elo de uma cadeia organizada muito complexa de outros enunciados. O sujeito produtor de discursos, nesta teoria, não espera uma compreensão passiva que somente leve à reprodução de seu pensamento, mas anseia respostas de adesão, concordância ou, inversamente, oposição às ideias expostas. Essa responsividade implica juízos de valores, em conformidade com as apreciações do sujeito, que, partindo da relação do enunciado com a realidade dialógica, traz para o discurso os elementos ideológicos que o constituem:

Enquanto elaboro meu enunciado, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista) suas simpatias e antipatias, etc; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado (BAKHTIN, 2010b, p. 321).

A compreensão de um enunciado é sempre preche de respostas, pois:

[...] a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981,p.131).

Os autores demonstram que a linguagem, por ser dialógica, é feita desses enunciados vivos, concretos. Eles observam que o caráter constitutivo do enunciado é a sua qualidade de ser dirigido a alguém, o seu endereçamento. O enunciado é constituído pelo sujeito falante, pela compreensão responsiva do destinatário e pelo relacionamento e território partilhado entre ambos com base na especificidade contextual do enunciado. Ao contrário de unidades de significação, como a linguagem, palavras e sentenças, o enunciado tem tanto um interlocutor quanto um destinatário. Este pode ser um falante anterior, um indivíduo que está

presente, um grupo de pessoas, um inimigo, um subordinado, um discurso, ou o próprio falante. Ele também pode ser alguém indefinido, um *outro* não concretizado ou idealizado.

O enunciado é sempre endereçado para um destinatário específico, na expectativa de uma futura contrapalavra. Tanto a forma, como os meios de composição do enunciado variam de acordo com os outros para os quais os enunciados são endereçados. Por exemplo, quando um enunciador constrói um enunciado, os sujeitos tentam pressupor a resposta do destinatário.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras 'dos outros' [...] As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. [...] Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. [...] O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados [...] Nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio [...] Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 314-318).

Os autores também postulam que os sujeitos estão constantemente fazendo avaliações em direção a outros sujeitos, através da "orientação social" de seus enunciados. Antes de iniciar qualquer diálogo, o enunciador avalia seu destinatário e assim modela o modo e a forma de produção de seu discurso, que varia de acordo com a situação social e importância de seu interlocutor, acertando suas posições, convicções e pontos de vista. A escolha das palavras para a construção de um enunciado considera a interação com outrem, em relação ao qual o enunciador se posiciona.

A palavra está imbuída com as expressões dos sujeitos, como seres responsivos, como falantes, o que, dentro do ideário do Círculo de Bakhtin, acarreta estar consciente da minha própria posição de falante, com a dissimilaridade entre a minha visão, as minhas respostas e o meu discernimento em relação aos outros indivíduos com quem interajo. Para Bakhtin, “a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada igualmente por dois agentes.” (CLARK & HOLQUIST, 1998, p.41). Neste sentido, a responsividade está ligada à tomada da autoconsciência. A própria antecipação da resposta do outro revela a dependência da fala desse outro e da consciência para a construção do indivíduo.

Na reprodução do discurso alheio, uma dupla expressão se faz aparente: a que detém os sentidos intencionados pelo enunciador e a expressão atualizada e ressignificada a ser introduzida no enunciado do qual vai fazer parte. Isso implica dizer que o locutor não é o

detentor único de direitos sobre as suas palavras, pois elas são apropriadas também pelos ouvintes e por todos cujas vozes se fazem presentes no discurso. A compreensão do discurso vai longe ao entrar em um diálogo em que os sentidos, além de infindos, contêm toda a memória coletiva do dizer (BAKHTIN, 2010, p. 356). Compreender é opor à palavra do outro uma contrapalavra. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 132).

Os autores abordam com mais clareza a questão da compreensão ao distinguirem tema e significado. Sob esta dimensão, o conceito de *tema* é utilizado para falar do sentido de uma enunciação completa. O sentido é ativo, vivo e complexo que vai se adaptando às condições históricas no contexto que as enunciações são realizadas. É a significação contextual de certa palavra em determinadas condições de enunciação. Já a *significação* da palavra, que trataria do significado desta no sistema linguístico, correspondendo à investigação da palavra dicionarizada, por exemplo, não tem essa mesma vivacidade e dinamismo. É mais estável, mas também sofre mudanças no deslocar de um contexto apreciativo para outro. Tema e significação, portanto, são constitutivos do processo de significar.

É salutar enfatizarmos, novamente, que Bakhtin/Volochínov (1981), ao tratarem do problema da *significação*, partem do preceito da *compreensão ativa*, definida, segundo os autores, como uma forma de diálogo. Compreender, na teoria bakhtiniana, consiste em contrapor às palavras do enunciador uma *contrapalavra*:

Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo e conter já o germe de uma resposta [...]. Compreender a enunciação de outrem significa orientar se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente [...]. Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um contexto ativo e responsivo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 132-133).

Desta forma, para compreender o *tema* da enunciação de outrem e encontrar o lugar que nos cabe na interlocução, é indispensável ter uma *compreensão ativa*, para, assim, fazer corresponder uma *contrapalavra*. Quanto mais temos palavras nossas correspondentes às palavras que ouvimos e lemos de outras pessoas, mais *contrapalavras* infestadas de valores axiológicos e irrigadas de novos sentidos produzimos e reproduzimos, sempre em um movimento dialógico contínuo, aberto a ressignificações e a intersecções entre as palavras dos interlocutores. E isso está profundamente relacionado com a construção de discursos e instauração de significados, identidades e sujeitos.

Importa ressaltar que a *contrapalavra*, marcada por valores apreciativos e ideologias que constituem os sujeitos envolvidos no processo, não se refere sempre a uma resposta contrária, de negação ou refutação, mas sim a qualquer natureza de resposta, podendo ser, assim como o enunciado, verbal ou não. A teoria bakhtiniana vincula o caráter responsivo da palavra à responsabilidade presente na ação de sujeitos historicamente situados que são responsáveis por seus atos. Neste sentido, responder é tanto responder algo a alguém, como responder eticamente, assumindo a responsabilidade sobre seus atos responsivos.

Avessas à mecanicidade de alguns modelos de comunicação, as teorias do Círculo de Bakhtin consideram que todos os participantes de uma interação verbal desempenham um papel ativo e colaborativo na comunicação. E isso acarreta um acordo ético do qual os sujeitos não podem se esquivar. Tais processos são infundáveis, pois uma palavra sempre implica, potencialmente, uma contrapalavra e assim sucessivamente, em uma cadeia contínua. É a contrapalavra que permite, através da compreensão responsiva, a produção do novo e a ruptura dos sentidos estabilizados na memória, pois, segundo Bakhtin (2010), mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas), sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do subsequente futuro. Segundo essa ótica, o discurso é constituído pelo discurso alheio, produz sentidos e se manifesta como resposta a outros. O enunciado é uma ressonância de outros, com os quais realiza uma atividade responsiva ativa:

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. [...] refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 2010, p. 316).

Dessa forma, os enunciados a serem analisados nesta pesquisa serão tomados como resposta a outros que os constituem. A campanha fotográfica aqui selecionada liga-se a uma causa social, como a da divulgação do movimento “Marcha das Vadias”, resgatando discursos outros, embasados em ideologias sexistas, dando a estes discursos uma nova roupagem e ressignificando conotações sociais negativas sobre a mulher.

Os tópicos seguintes indicarão um estudo de como conceitos da cosmovisão carnavalesca de Bakhtin (1987, 2008), com foco no corpo grotesco e subversivo, no riso e na paródia, são manifestados na geração de novos sentidos na campanha ao subverter e/ou tentar ressignificar os termos pejorativos utilizados contra as mulheres. Todos esses aspectos constituem o entendimento das contrapalavras carnavalizadas em nossa posterior análise do

corpus. Por fim, adentraremos nos estudos sobre o dialogismo de feministas anglo-americanas com o intuito de rever preocupações da causa feminista sob um ângulo bakhtiniano, interpretando as conexões entre esses estudos e observando como muitas das questões feministas podem ser discutidas e enriquecidas nessa interação.

3.2. CARNAVALIZAÇÃO

Mikhail Bakhtin desenvolve uma inovadora teoria da carnavalização e da cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento, no livro *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987). Antes da publicação desse livro, que foi sua tese de doutoramento, o teórico russo já havia delineado rapidamente o conceito de carnavalização na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008).

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008)¹⁴, Bakhtin explora características próprias da carnavalização, como o livre contrato familiar, a excentricidade e a profanação. Segundo o teórico russo, a carnavalização “permite que se revelem e expressem - em forma concreto-sensorial os aspectos ocultos da natureza humana” (BAKHTIN, 2008, p. 123). Sobre o carnaval, o autor afirma o seguinte:

[...] é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla, em termos rigorosos, nem se apresenta o carnaval mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (*monde à l’envers*). (BAKHTIN, 2008, p. 122-123).

Assim, a carnavalização abrange um conjunto de metamorfoses, de travestimentos, de afirmação do cômico e inventividade. O carnaval, nesse contexto, não se refere ao período de festividades antes da quaresma e que continua a ser celebrado nas sociedades contemporâneas. O evento ocorria durante a Idade Média e o Renascimento e

¹⁴Dizendo de forma sumária, o livro *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008) apresenta uma introdução do conceito de carnavalização, enquanto o livro *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987) a aprimora e a torna mais compreensível. Este último, portanto, será focado neste trabalho e a sua fundamentação nos guiará na análise de elementos como a “paródia” e o “corpo carnavalizado”, presentes na campanha fotográfica *Feminista Por quê?*.

decorria também em outros momentos do ano, sempre associado às comemorações sagradas, chegando a totalizar cerca de três meses.

A carnavalização é a lógica do carnaval adentrando no espaço da literatura e de outras artes. Ela promove a completa quebra de tabus, a liberação de energias, instintos e desejos, castrados e censurados pela cultura oficial. O interdito dá lugar à transgressão, em que acontece a sacralização de elementos profanos. A carnavalização se manifesta, assim, de modo preponderante na teoria bakhtiniana, podendo ser compreendida como uma linguagem carregada de símbolos e alegorias, em que se pontua a divergência entre o oficial e o não-oficial ou, mais propriamente, a ruptura com tudo que é institucionalizado.

Mikhail Bakhtin explica, em *A Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* (1987), que o conceito de carnavalização foi construído a partir de antigas festas que aconteciam na Europa no período do Carnaval. Esse evento popular possuía um papel simbólico fundamental na vida dos que tomavam parte na festa, no final da Idade Média e durante a Renascença, pois era durante o carnaval que as pessoas adentravam no mundo da liberdade utópica.

O autor descreve o carnaval como um evento em que todas as regras, inibições, regulações que definem o curso da vida cotidiana em sociedade e, especialmente, toda forma de hierarquia, era suspensa. A percepção carnavalesca do mundo é contrária ao estático e estabelecido, ao imutável e eterno. O carnaval é, sobretudo, a celebração do renovável, dinâmico e inacabado, em que seus participantes não são simples espectadores, e sim participantes ativos, pois a experiência do carnaval é vivida.

Nessa concepção, a carnavalização é uma cultura opositora do oprimido, uma vez que, durante o evento, se invertem as ordens, combinando opostos sociais a partir do avesso da estrutura social, em que se coroam os marginalizados e se destronam os monarcas. Durante a festa, eram elaboradas formas especiais do vocabulário e dos gestos em praça pública, revogando toda a distância entre os indivíduos, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência. O comportamento excêntrico, outrora inaceitável, é legitimado no carnaval. A atitude carnavalesca tornava possível que coisas que normalmente são separadas se conectem, como o sagrado e profano, o velho e o novo, o alto e o baixo. Também eram frequentes as imagens dos corpos, enfatizando o baixo corporal, da comida, da vida sexual livre e da satisfação das necessidades naturais. Para Bakhtin (1987), esses rituais eram noções abstratas de liberdade e igualdade, manifestadas na forma sensual de atos ritualísticos, como se fossem parte da própria vida.

Bakhtin (1987) assevera que o carnaval não existia apenas nas praças públicas, pois adentrava também o ambiente privado das casas. Mas o espaço da praça central incorporava e simbolizava a ideia carnavalesca de ser universal e pertencente a todas as pessoas. O principal ato de abertura do carnaval era a falsa coroação do completo oposto do rei, que poderia ser o palhaço, o bufão, o escravo, com todas as cores do ritual e o destronamento da figura do verdadeiro rei da época, tornando assim o mundo ao avesso. A coroação e o destronamento era o ritual dualístico e ambivalente que expressava a mudança da estrutura e ordem das posições hierárquicas. Os elementos que constituíam o carnaval eram reversos: as roupas eram vestidas ao contrário, itens domésticos serviam como armas e o palhaço era rei.

Bakhtin (1987) ressalta que o homem medieval vivia uma vida dupla. De um lado, a face normal, oficial, séria e sombria da vida cotidiana, subordinada a uma ordem hierárquica restrita e cheia de medos e dogmas. E do outro, a vida carnavalesca, que era livre e sem amarras sociais, cheia de risos, sacrilégios e contato familiar com tudo e com todos. Durante o Renascimento, a visão carnavalesca do mundo adentrou e transformou quase todos os gêneros da literatura e das artes.

Bakhtin (1987) descreve como, a partir do século XVII, a popular vida carnavalesca começou a desaparecer. O carnaval perdeu sua centralidade na vida das pessoas, suas formas se deterioraram e ele perdeu o seu significado autêntico de atuação na praça pública. Ainda assim, Bakhtin sustenta que certos aspectos do carnaval persistiram e foram preservados em formas modernas do teatro e em outras performances espetaculares.

De acordo com o pensador, a percepção carnavalesca do mundo adentrou a língua e literatura e influenciou em suas formas modernas. A forma carnavalesca foi manifestada em uma linguagem de imagens artísticas que mantiveram a natureza sensual do carnaval. Por exemplo, a familiaridade do carnaval foi transformada, de acordo com Bakhtin (1987), em certos tipos de prosa e é refletida em certas estruturas de enredos e estilos narrativos.

A ideia geral da carnavalização está associada à excentricidade, que é a violação do comum e do geralmente aceito; é a vida fora de sua rotina. Então, ela pode ser um desvio ou também uma inversão dos costumes socialmente aceitos. Bakhtin (1987) diz ainda que a paródia é um conceito de carnavalização, em que imagens são distorcidas, alongadas ou diminuídas e onde há espaço para determinadas profanações da “ordem natural” das coisas.

[...] todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder. Ela caracteriza-se, principalmente, pela lógica original das coisas “ao avesso”, “ao contrário”, das permutações constantes do alto e do baixo (“a roda”), da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródias, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões. A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um “mundo ao revés” (BAKHTIN, 1987, p. 9-10).

Por isso, acreditamos que as protagonistas da campanha fotográfica *Feminista Por quê?*, de uma das vertentes brasileiras da Marcha das Vadias, são figuras carnavalizadas e que seus corpos, apresentados, por vezes, de forma carnavalizada, também funcionam como contrapalavras, com seus potenciais de ressignificação de termos que possuem sinais de degradação e violência verbal, como o termo “vadia”. Tal categoria ganha ainda mais importância quando se pretende estudar seus aspectos carnavalescos por meio da linguagem verbo-visual, que é empregada na campanha, sendo esta detentora de um modelo mais ou menos estável de produção, que conjuga o verbal e o visual, utilizando signos de outra natureza que não os verbais e que devem ser considerados na análise de um enunciado.

3.2.1 A paródia e o riso carnavalesco

Os festejos carnavalescos da Idade Média representavam momentos em que as diferenças sociais saíam de cena e entrava o gosto pelo riso e a encenação popular dos corpos, em que o exagero e o grotesco se inscreviam de forma explícita e exagerada, mas eficaz. Nessas manifestações de alegria efêmera e liberdade, o riso, o vocabulário burlesco e a paródia compunham o espetáculo festivo.

Para Bakhtin (1987), o riso carnavalesco tem uma força positiva e regeneradora. Ele salienta que esse riso não é para ser entendido como advindo do humor trivial, mas que tem um imperativo ideológico, que é diametralmente oposto ao “tom sério exclusivo [que] caracteriza a cultura medieval oficial.” (BAKHTIN, 1987, p. 63). Esta cura e regeneração pelo riso são direcionadas para a mudança das autoridades e das ordens mundiais que acontecem durante o carnaval. O riso se opõe, assim, ao discurso oficial, ao religioso, ao tom controlado e sério dos representantes dessas instâncias, tornando-se expressão de consciência nova, livre, viva e crítica dos fatos. O Bakhtin (1987, p. 18), afirma ainda que o riso popular, que constitui as manifestações do realismo grotesco, “foi sempre ligado ao baixo material e corporal. O riso degrada e materializa”, é, antes de tudo, humano, representado, portanto, no radicalismo, na ousadia, na lucidez e no naturalismo.

O riso era advindo das ruas e se dava na forma de ritos e espetáculos, não fazendo acepção dos sujeitos e das classes sociais, caráter típico do clima carnavalesco. Assim, ele não se caracterizava como uma sensação subjetiva, individual, mas uma sensação socializada, universalmente compartilhada por meio do contato entre os corpos em praça pública. Os sujeitos adquiriam direitos iguais por meio dos jogos de palavras articulados no contato com o outro. Toda sorte de elementos da linguagem popular, como comentários, juramentos, grosserias, linguajar de vocabulário chulo, característicos do espaço público, infiltravam-se nos gêneros festivos promovidos na época, inclusive nos de cunho religioso.

Havia liberdade em todas as manifestações linguísticas no espaço da praça pública, incluindo-se aí os espetáculos grotescos organizados durante o período de carnaval, em que acontecia de tal modo “uma violação flagrante das regras normais da linguagem, como uma deliberada recusa de curvar-se às convenções verbais: etiqueta, cortesia, piedade, consideração, respeito da hierarquia, etc.” (BAKHTIN, 1987, p. 162). A praça era o local onde tudo o que não era oficial entrava em convergência, onde se gozava de livre manifestação, onde o povo detinha a palavra, mesmo que por um curto espaço de tempo, mas, ainda, sem limites.

A paródia data desde a Antiguidade. Bakhtin (1987) assevera que nesse período a paródia estava intrinsecamente ligada à cosmovisão carnavalesca, como, por exemplo, no drama satírico, um gênero que tem aspectos cômicos parodiados.

Na Idade Média, a vasta literatura do riso e da paródia nas línguas populares e no latim estava relacionada com o carnaval propriamente dito. Bakhtin (1987) ressalta a significação positiva, revigorante, criadora do riso, que data de teorias filosóficas desde a Antiguidade e culmina na Idade Média e no Renascimento com seu caráter utópico dirigido contra toda forma de hierarquização social.

O uso da paródia era comum inclusive no âmbito cristão, em que quase toda festa religiosa tinha seu aspecto carnavalesco público-popular, como, por exemplo, as touradas, os festejos de Corpus Christi, as festas da colheita da uva, etc. Bakhtin (1987) considera que o texto parodístico faz uma rerepresentação daquilo que havia sido recalcado. Uma nova e diferente leitura do convencional, em que ocorre um processo de liberação do discurso.

A paródia, tal como estudada por Bakhtin (1987), constitui-se como “o discurso orientado para a fala de um outro” (FIORIN, 2009). Ela possui um caráter dialógico e heterogêneo, se efetivando pela assunção da palavra por um sujeito, cuja intencionalidade é

materializada em enunciados, constituindo-se e orientando-se à resposta de outro, quer esta se concretize, quer se mantenha como virtualidade.

O caráter heterogêneo da paródia se faz presente em menor ou maior grau em todos os discursos, de acordo com a teoria bakhtiniana. Isso significa que, mesmo sem qualquer marca explícita de heterogeneidade, os textos possuem, na sua produção, outro(s) discurso(s) subjacente(s) a eles, sendo esta heterogeneidade inerente e, inclusive, condição para o entendimento de novos textos.

A tomada da palavra na paródia pode ser compreendida como um jogo entre a intenção comunicativa e a interpretação, baseada na possibilidade de uma alternância dos sujeitos do discurso. Assim, podemos observar que, na perspectiva interacionista da linguagem do Círculo de Bakhtin, a resposta, a compreensão responsiva ativa, a contrapalavra é intrínseca a qualquer ato de linguagem.

Desta forma, importa ressaltar que a paródia configura-se por uma relação oposta entre textos, estabelecida por referência direta e explícita a um texto anterior, a um referente de linguagem. Fiorin (2009), interpretando o pensamento bakhtiniano, considera a paródia o caso mais interessante de discurso bivocal, marcado pela orientação discursiva divergente em relação ao texto “imitado, pois imita por ridicularização”. O autor, ainda refere-se a Lima (2001, p. 500), para o qual “o uso da palavra parodística é análoga ao uso irônico ou a qualquer uso ambivalente das palavras de um outro emissor, uma vez que também nesses casos as palavras da outra pessoa são empregadas de modo a transmitir projetos antagônicos”.

Ao transportar a paródia para o campo discursivo, Bakhtin (1987) manteve a noção de oposição como característica essencial da paródia, advinda de uma lógica carnavalesca reelaborada “ao avesso”. Transformou-a num discurso bivocal que, assim como o carnaval, é “uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (BAKHTIN, 1987, p.8). O mundo do carnaval se constrói como paródia da vida comum, assim como a paródia se estabelece como uma carnavalização do discurso.

Hutcheon (1985), com muitos pontos de contato com as ideias bakhtinianas, destaca a ironia como principal estratégia retórica utilizada para despertar a consciência do leitor. Sobre a ironia, Brait (1996, p. 90) observa que o discurso, quando irônico, “joga com a lógica dos contrários e que pode funcionar como um princípio de organização dos textos”. Assim, a ironia pode ser entendida sob a perspectiva de uma contradição, pois a ironia opõe o que está dito com o que de fato se quis dizer, sendo recurso muito utilizado na paródia.

Ainda de acordo com Hutcheon (1985), a paródia é um processo integrado de modelação estrutural, de revisão, inversão e “transcontextualização” de obras anteriores. O texto-alvo da paródia é sempre outro texto ou outra forma de discurso codificado. Nesse sentido, a teórica observa que “a paródia é, fundamentalmente, dupla e dividida; a sua ambivalência brota dos impulsos duais de forças conservadoras e revolucionárias que são inerentes à sua natureza, como transgressão autorizada” (HUTCHEON, 1985, p.39).

Essa concepção sobre a paródia se assemelha à de Bakhtin, pois a paródia bakhtiniana é concebida como um híbrido dialogizado e premeditado, em que duas linguagens se cruzam, relacionando dois pontos de vista linguísticos distintos que não podem se traduzir reciprocamente. Trata-se de recurso que permite a constante remissão a outros textos, em que há sempre uma reelaboração crítica do texto passado. Surgida do mundo invertido, secular e alegre do carnaval, a paródia “é organicamente própria dos gêneros carnavalizados” e está “indissolúvelmente ligada à cosmovisão carnavalesca”, onde “tudo tem sua paródia, vale dizer, um aspecto cômico” (BAKHTIN, 1987, p.145).

Tomando o *corpus* da pesquisa, podemos afirmar que a campanha fotográfica *Feminista Por quê?* apresenta elementos parodísticos, ao centrar-se na exposição da pluralidade de interpretações e ressignificações de termos pejorativos contra a mulher. A crítica realizada pela campanha a ditames considerados machistas, como forma de convite à Marcha das Vadias, é construída por estratégias estilísticas experimentais e sua eficácia irônica, muitas vezes efetivada através do riso, é solidificada pela repetição temática e composicional dos textos parodiados. A paródia também envolve outros sistemas semióticos que compõem os anúncios, sendo estes expressos em linguagem verbo-visual. O riso carnavalesco e a paródia na campanha se encontram em uma perspectiva contextualizada e assumem papel fundamental nas atitudes responsivas ativas que as feministas desempenham na campanha, contra a chamada “cultura patriarcal”.

3.2.2 O corpo grotesco

Em seus estudos acerca da carnavalização, Bakhtin (1987) analisa como o princípio material e corporal do realismo grotesco aparece sob uma forma universal, festiva e utópica. Nessa perspectiva, o social e o corporal estão ligados em uma totalidade indivisível, sendo, portanto, o elemento material e corporal um princípio positivo.

O grotesco é um estilo que data desde a Idade Média e se mantém até a contemporaneidade, podendo ser conceituado como uma categoria estética que tem sido usada

em diversas produções culturais em todo o mundo. As intenções deste estilo variam desde provocar o riso de situações que poderiam chocar a moral e o bom senso de uma sociedade, a representar o ridículo ou revelar cenas repulsivas. Segundo Sodré & Paiva (2002, p.60) o grotesco pode ser “encarado como um outro estado de consciência, uma outra experiência de lucidez, que penetra a realidade das coisas, exibindo a sua convulsão, tirando-lhes o véu do encobrimento”.

Bakhtin (1987, p.22) comenta que as imagens grotescas são “ambivalentes e contraditórias, parecendo disformes, monstruosas e horrendas, se consideradas do ponto de vista da estética clássica, da estética da vida cotidiana preestabelecida e completa”. Alguns conceitos citados pelo autor que se encontram fora da estética clássica são o ato sexual, o parto, a velhice, o despedaçamento corporal, dentre muitos outros que são exemplos materiais desse estilo. Bakhtin (1987) não apenas buscou valorizar a cultura popular, como também persistiu na construção de um ideário de “ruptura com a tradição pelo viés do grotesco” (SODRÉ e PAIVA, 2006, p. 59). O grotesco também tem destaque em sua função crítica, partindo de comportamentos e atitudes sociais que geram reações de estranhamento e quebram paradigmas da conduta normalizadora em situações do cotidiano, além de ser usado como um instrumento sedutor na busca pela atenção da população para um problema social.

No Renascimento, a utilização de expressões grotescas com forte referência às partes baixas do corpo, dejetos, entre outras, estava presente nas feiras, praças e festas e provisoriamente desfaziam as relações hierárquicas entre os indivíduos participantes. Nesses ambientes, encontrava-se uma espécie de linguagem baixa e grosseira, típica do vocabulário familiar, “[...] isso produziu o aparecimento de uma linguagem carnavalesca típica, da qual encontramos numerosas amostras em Rabelais” (BAKHTIN, 1987, p. 9). Nesse período, também foram mantidas a ousadia da inovação e a liberdade das forças dominantes presentes no caráter grotesco manifesto durante as festas carnavalescas da Idade Média, embora tais manifestações tenham ocorrido mais lentamente no domínio artístico.

Bakhtin (1987, p.42) discorre sobre a noção de corpo e suas particularidades reprimidas pelos sistemas de coerção e modulação humana, para demonstrar como esse “a faculdade de compreensão do corpo adquire uma importância capital para o grotesco”. Assim, Bakhtin (1987) atribui ao corpo a criação de um novo *modus operandi* para se pensar o grotesco. Os traços do grotesco, de acordo com a lógica carnavalesca, são marcados pelo rebaixamento de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua unidade. No realismo grotesco, alto e baixo possuem um sentido topográfico, em que alto é o céu e o baixo é a terra que dá vida, é um estilo de representação

caracterizado, portanto, pela ênfase no baixo corporal, nos “[...] orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz” (BAKHTIN, 1987, p. 23).

A estética carnavalesca ressalta, no corpo grotesco, as saídas, os orifícios, as excrescências, de forma que as imagens são exageradas, exaustando-se a ousadia e a liberdade. O grotesco, adaptado ao plano da matéria e do corpo, revela-se por meio da comilança, da ebriedade, dos gestos e expressões obscenas e dos corpos despidos. Também o excesso e o hiperbolismo são elementos característicos desse estilo.

O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais desse corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo. É no comer que essas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. (BAKHTIN, 1987, p. 245)

Escapando, assim, das formas do corpo idealizado e perfeito, incólume, ditado pela normatização clássica, que tinha como principal modelo corpos com aspectos juvenis, sem qualquer indício de extravagância, ou falhas. Bakhtin (1987) observa, através do grotesco, a cultura não oficial de caráter contestado, que foge dos dogmas implantados pela Igreja e Estado, pela comicidade presente nos ritos e espetáculos, nas sátiras e paródias representadas em praça pública. A cultura popular apresenta sua totalidade cômica em forma de protesto. Para Bakhtin (1987), o grotesco é uma violação brutal das formas e proporções “naturais”. O autor continua falando sobre o grotesco, qualificando-o como “tudo o que se aparta sensivelmente das regras estéticas correntes, tudo que contém um elemento corporal e material nitidamente marcado e exagerado.” (BAKHTIN, 1987, p.31).

A representação carnavalesca do corpo, no realismo grotesco, centra-se, com grande ênfase, nas imagens exageradas e deformadas do “baixo corporal”: a boca, que devora o mundo, a barriga, o ventre, o traseiro. Todas essas excrescências e orifícios são o lugar onde se ultrapassam as fronteiras entre os corpos e o mundo, onde se efetuam as trocas e as orientações recíprocas. Bakhtin (1987) analisa, na obra de Rabelais, que o desenrolar de todas as aventuras de Gargantua e seu filho Pantagruel tem seu cerne na vida material e corporal, com imagens da satisfação de necessidades naturais e da vida sexual. A esse respeito, Discini (2006) faz o seguinte apontamento ao analisar um trecho de Gargantua e Pantagruel:

As degradações rebaixam o corpo ao dá-lo como aproximado da terra. Mas a terra, vista como túmulo, ventre, nascimento e ressurreição, viabiliza o movimento de regeneração dos baixos. O baixo material e corporal concebido na sua função regeneradora ampara-se na reversibilidade dos movimentos, o que é fundante do grotesco. A função regeneradora do rebaixamento grotesco compõe a cosmovisão carnavalesca. (DISCINI, 2006, p. 57).

O corpo grotesco é um corpo em processo, em constante metamorfose, em relação com a natureza e com a incessante dinâmica da morte e do rejuvenescimento, a velhice e a infância, representados nos atos de comer, defecar, urinar, copular, dar à luz, privilegiando os orifícios com que o corpo se liga ao exterior. Desta forma, na tese de Bakhtin (1987) o realismo grotesco nas obras de Rabelais é o princípio material e corporal que aparece sob uma forma universal, festiva, não discriminatória e, portanto, utópica.

Bakhtin (1987) também menciona como as mulheres eram consideradas na Idade Média. Elas eram representadas de forma idealizada, ao passo que também eram objetificadas e apresentadas como simples receptáculos da semente masculina, com o único propósito da procriação. Observando as tendências literárias em torno do sexo feminino, Bakhtin analisa as tradições em que a mulher encarna o baixo caracterizado paradoxalmente como degradante e regenerador.

A imagem feminina é ambivalente: reaproxima da terra e dá a morte de tudo que é velho e acabado, mas também é detentora do ventre, o princípio básico da vida. No âmbito das artes, tal contradição é expressa na “ambiguidade da sua natureza, em versatilidade, sensualidade, concupiscência, falsidade, baixo materialismo” (Bakhtin, 1987, p.209). Em contraposição às características da figura feminina, está a mediocridade, a avareza, a falsidade, dentre outras características negativas, que são relacionadas ao seu parceiro masculino.

Segundo o autor, na tradição gaulesa, por exemplo, a mulher é “uma espécie de injúria encarnada, personificada, obscena, dirigida contra todas as pretensões abstratas, tudo que é limitado, acabado, esgotado, pronto.” (idem). É a figura feminina que promove a substituição do velho pelo novo, a renovação que se dá por meio do ventre gerador da vida. Em outras tradições cristãs, o corpo feminino era visto sob uma ótica negativa e vergonhosa, necessitando ser sempre coberto, posto que fosse a incorporação do pecado.

Na obra rabelaisiana, o tratamento dado à figura feminina aproxima-se da tradição cômica popular, a voz feminina provém das festas populares da praça pública, do carnaval, é uma voz que ri na face da autoridade. É na cultura popular cômica que a mulher tem seu papel reinterpretado como um ser puro, que traz a vida e a renovação, pois,

rememorando as questões sobre o corpo grotesco, é através dos orifícios que nasce o novo e é através dos corpos femininos, que “efetuam-se nos limites do corpo e do mundo ou do corpo antigo e do novo; em todos esses acontecimentos do drama corporal, o começo e o fim da vida são indissolivelmente imbricados.” (BAKHTIN, 1987, p. 277). Por fim, o corpo feminino carnavalizado trata-se, pois, de um corpo que assusta e ubiquamente insinua, excita e desconcerta.

3.3 O DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO BAKHTINIANO E O MOVIMENTO FEMINISTA

Originários de diferentes orientações teóricas e contextos sócio-históricos, as abordagens do Círculo de Bakhtin e de teorias feministas podem ter um cruzamento de ideias frutíferas no que concerne a questões relacionadas a gênero e o poder de voz da mulher. Como este trabalho incidirá sobre as respostas carnavalizadas de uma manifestação feminista, é importante assinalar que o Círculo de Bakhtin não teoriza sobre as questões de gênero. O principal ponto de convergência entre tais teorias é percebido quando apontamos que ambas as abordagens apresentam uma compreensiva teoria da identidade como socialmente construída na e pela linguagem e como o corpo está atrelado à identidade constituída, que se encontra em comunicação constante e direta com o mundo e com a ideologia que sustenta e reproduz.

Neste tópico, exploramos a obra de Bakhtin a partir de uma perspectiva feminista, embora ciente de que isso aconteça com ressalvas. Bauer (1988), teórica feminista bakhtiniana de vertente anglo-americana, critica Bakhtin por sua falta de interesse em teoria de gênero e observa a falta de uma teoria dialógica que inclua o feminino. No entanto, Bauer argumenta que o trabalho de Bakhtin pode ser usado como um modelo de "empoderamento" feminino no combate contra o patriarcado, porque Bakhtin vê na diferença e na multiplicidade de estudos sobre a linguagem, e aí se encaixaria uma perspectiva de gênero, como algo instigador, em vez de ameaçador. Sua teoria da linguagem, centrada no dialogismo, é de especial interesse para teóricas feministas.

Apesar de o autor não se preocupar com questões de gênero e o discurso da mulher – dado o contexto de produção de seus escritos, em que tais questões eram ainda mais marginais do que na contemporaneidade, e mesmo o Círculo tendo estudiosas mulheres; a

pianista Maria Yudina sendo a mais conhecida – suas ideias sobre a linguagem proporcionam às teóricas feministas um estímulo para pensar sobre tais questões na filosofia da linguagem.

Bauer (1988) avalia em “Feminist Dialogics: A Theory of Failed Community” que os conceitos bakhtinianos de heteroglossia, dialogismo e o discurso bivocal são convenientes aos estudos feministas que intencionam subverter as práticas normativas do discurso da cultura patriarcal. A teoria bakhtiniana, mesmo não lidando com questões básicas da agenda feminista, pode ser aplicada a um diálogo sobre questões de gênero, sexualidade e as vozes em embate no discurso. Bauer (1988) também vê a possibilidade de intersecção entre a linguagem carnavalesca de Bakhtin com uma investigação de gênero orientada e de rever momentos de interpretação da sexualidade.

A autora (1988, p.173) afirma que a visão dialógica da arena de disputas ideológicas e do poder, no meio social, é potencial para revisar as vozes silenciadas das mulheres e de como se dá a representação das mesmas no discurso. Ela propõe, assim, um “Dialogismo Feminista”, em que as mulheres são encorajadas a articular o que não é dito sobre si mesmas e participar de discursos públicos. Ao integrar considerações sobre o gênero à delimitação da heteroglossia de Bakhtin, as mulheres podem ser empoderadas pela teoria e se engajar em diálogos sociais. Hitchcock (1993) analisa que os estudos feministas

[...] emphasize not only the agonistic focus of radical feminist thought, but also the imperative that feminist dialogism should be first and foremost a political practice (and by this one means much more than the polite exchanges of the parliamentary model: dialogism signifies more than such orchestrated “dialogue”). Because of, and not despite, this political bent, feminist Bakhtinians have provided the most innovative readings of Bakhtin to date.¹⁵(HITCHCOCK, 1993, p. 198).

A teoria bakhtiniana é rica para a “apropriação” das feministas. Por apropriação, Thomson (1989, p, 146) expõe em sua obra *Mikhail Bakhtin and Contemporary Anglo-American Feminist Theory* que “feminist readings of Bakhtin are neither innocent nor neutral in a political sense”. Segundo o autor, as teóricas feministas não deveriam repudiar o trabalho de Bakhtin por ser um crítico masculino e por seus postulados aparentemente despreocupados com questões de gênero. O autor assevera que um olhar mais acurado para a

¹⁵[...] enfatiza não só o foco agonístico do pensamento feminista radical, mas também o imperativo de que o dialogismo feminista deve ser antes de tudo uma prática política (e, isto significa muito mais do que as trocas educadas do modelo parlamentar: dialogismo significa mais do que tal "diálogo " osquestrado). Por causa de, e não apesar de, este viés político, feministas bakhtinianas têm fornecido as leituras mais inovadoras de Bakhtin até o momento. (Tradução minha)

teoria bakhtiniana abrange entendimentos fundamentais de intertextualidades na linguagem, dos sujeitos, das identidades e da sociedade em um todo dialógico.

Na década de 90, afirma o autor, houve um grande número de estudiosas feministas anglo-americanas que focavam os seus estudos em Bakhtin. Fora da cena anglo-americana, a estudiosa chilena Myriam Díaz Diocaretz foi uma das poucas no cenário latino americano que se destacaram nesse cruzamento de teorias. Dentre todos os livros e ensaios de Bakhtin, os mais frequentemente citados são “Discurso no Romance”, texto presente no livro *Questões de Literatura e Estética* (2012) com tradução em português e *Rabelais and His World*, que é um dos ensaios presentes em *The Dialogic Imagination*, ainda sem tradução para o português. Em sua análise, Thomson (1989, p.158) conclui que Bakhtin é percebido como um “aliado simpático e hospitaleiro” que provê uma base teórica, filosófica e metodológica para a agenda feminista.

Em um estudo comparativo entre Bakhtin e a crítica feminista, Myriam Diaz Diocaretz, em sua obra, *Bakhtin Discourse and Feminism*, vê na filosofia da linguagem de Bakhtin um avanço das teorias feministas pioneiras de raízes binárias e dicotomias homem/mulher ultrapassadas. O sujeito bakhtiniano é um sujeito múltiplo em suas diferenças e que age através da linguagem na interação com outros sujeitos. O sujeito feminista luta contra o domínio do patriarcado e faz críticas contra as estruturas androcêntricas de todas as áreas do saber.

Dentre os trabalhos realizados por estudiosas feministas, nesta linha, estão os estudos da importância política do gênero e a natureza da linguagem em relação à mulher em sociedade. O determinismo linguístico é um dos principais tópicos da investigação da linguagem sexista. Ele se baseia na noção de que a linguagem seja inerentemente sexista, o que é uma concepção derivada, illogicamente, como afirma Diaz Diocaretz, do fato social de que a linguagem é controlada pela hegemonia masculinista.

Assumindo uma instância feminista bakhtiniana ao interpretar a teoria dialógica, Diaz-Diocaretz (1989, p.130) sugere que o enunciado é ideológico enquanto a palavra, *per si*, não o é, pois não existe uma especificidade para a palavra. Ela firma que a palavra é “a social sign open to the fulfillment of all kinds of ideological functions”, e o uso específico dos discursos de acordo com o contexto dão lugar à diferença, pois a linguagem é aberta para contestação de diferentes forças opositoras, dentre as quais estão as vozes femininas e a do patriarcalismo. A construção e reconstrução de discursos ocorre no uso da linguagem e as mulheres devem dar voz a suas experiências e não se eximirem do uso e

revisão da linguagem. A autora argumenta ainda que uma teoria inclusiva, em vez de uma exclusiva, é a forma de resolver quaisquer impasses na composição linguística.

A linguagem é um processo sócio-histórico contínuo de produção de sentidos, na qual não há significados ou sentidos estabilizados, ela é o espaço privilegiado de manifestação e confronto das diversas “vozes” divergentes que compõem uma sociedade. Cada voz possui sua origem espaço-temporal, que a situa como única, e sua ideologia, que a identifica como entidade social. A voz pode ser interpretada como uma opinião, ideia, ponto de vista, ou seja, uma postura ideológica manifestada no discurso, pois o mundo se modela em "visões do mundo materializadas nas vozes" (BAKHTIN, 2013, p. 354). Desta forma, Bakhtin (2013) postula um jogo de vozes sociais através do qual um contexto histórico e cultural particular estabelece o sujeito e é na relação intersubjetiva que o sujeito se reconhece em sua individualidade. As teóricas feministas adaptam seu discurso e o contextualizam nos debates sobre a identidade, infundindo-o com discussões sobre gênero e sexualidade.

De acordo com Bakhtin, a identidade é obtida através do diálogo, do intercâmbio entre um “eu” e um “outro”. Denise Collins (2001, p.67), em sua dissertação sobre as identidades femininas, também concorda com o postulado bakhtiniano afirmando que “identity is constructed of multiple elements that must be examined together to understand the individual’s own definition of self”. Portanto, a presença do outro é essencial para a percepção da própria identidade, que é condicionada por vários fatores que determinam a construção do sujeito feminino, como espaços culturais, geográficos, sociais etc.

O espaço geográfico da casa, bem como o espaço cultural da maternidade e da instituição do casamento, dentre outros, têm condicionado e determinado situações de mulheres a papéis de subjugação na sociedade patriarcal. A manipulação dos corpos de femininos tem especialmente afetado a construção de uma auto-identidade feminina. O corpo é o principal *locus* a partir do qual a mulher deriva sua identidade, e, portanto, importa promover a apropriação dos corpos das mulheres por elas mesmas. As mulheres devem pensar sobre si mesmas e falar sobre si mesmas, começando daquilo que é único para elas: seus corpos.

Bakhtin (2010) insiste que para a língua significar, para o signo ou a sentença serem transformados em enunciados vivos, ela deve ser corporificada. Corpo e corporificação são assuntos de importância para o pensamento feminista, porque eles constituem um sistema de significados que, em grande extensão, determina a vida das mulheres em termos de identidade, direitos reprodutivos, prazeres, papéis sociais, econômicos e atos de fala.

A corporificação envolve uma transposição da língua viva para outro plano axiológico, para o interior de outro enunciado concreto que está corporificando uma determinada forma arquitetônica e composicional de signos. Não há enunciado puramente linguístico, ou seja, estritamente construído a partir do material sógnico, pois todo discurso é arraigado de uma avaliação social, ou seja, de uma entonação.

As palavras expressam as mais variadas apreensões axiológicas incutidas na tessitura do enunciado, por um enunciador, que se utiliza de circunstâncias reais, do mundo concreto, de forma a investir em uma concepção ideológica que se torne crível através de seu discurso. Como ratifica Bakhtin:

A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe. [...] Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra isolada, mas um enunciado acabado expresso por uma palavra. (BAKHTIN, 2010, p.290)

Todo discurso reclama, portanto, uma voz que o sustente, um enunciador que o resgate e imprima nele suas expressões valorativas, confira um tom ao enunciado. O enunciador perpassa de entonação específica e ideologicamente investida todas as faces da língua, investindo-as axiologicamente.

O enunciador, assim, visa persuadir os interlocutores através de seu discurso, a fim de que estes assimilem e aceitem a imagem que lhe está sendo proposta através de suas enunciações. E isso acontece a partir do momento em que o enunciador se envolve integralmente na geração ativa de materiais significantes, envolvido na atividade de selecionar, construir, definir e dar acabamento a um novo enunciado concreto que materializa um determinado objeto no mundo. Nessa concepção, o enunciado não é significado apenas pelos tons ideológicos, mas também pela corporificação imputada a ele pela imagem enunciada. Bauer & McKinstry (1991) afirmam, sobre a teorização do enunciado, que:

[...] Bakhtin's theories of the social nature of the utterance – of both the inner and outer words – provide a critical language that allows us to pinpoint and foreground the moments when the patriarchal work and the persuasive resistance to it come into conflict. By highlighting these contradictions, a feminist dialogics produces occasions for the disruption and critique of dominant and oppressive ideologies.¹⁶(BAUER & MCKINSTRY, 1991, p.3)

¹⁶As teorias de Bakhtin sobre a natureza social da enunciação - de ambas as palavras interiores e exteriores - fornecer uma linguagem crítica que nos permite identificar e trazer para o primeiro plano os momentos em que o trabalho patriarcal e a resistência persuasiva contra ele entram em conflito. Ao destacar essas contradições, a

Essa concepção receberá novos contornos à medida que a linguagem passa a ser compreendida como heteroglossia, ou seja, como um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais, isto é, um conjunto de formações verbo axiológicas (BAKHTIN, 1981, p. 270), que, para os propósitos deste trabalho, pode ser estendido às concepções verbo-visuais da linguagem.

A heteroglossia, também nomeada plurilinguismo, é teorizada principalmente no texto de Bakhtin *O Discurso no Romance*, do livro *Questões de Literatura e Estética* (2012). De acordo com esse conceito, a língua é, na verdade, línguas. A língua oficial, centralizada, unificada e comumente usada pelos indivíduos não é naturalmente dada, mas, em sua essência, postulada, contida e controlada. Todo enunciado é em sua formação, ao contrário, vibrante e volátil, preenchido de tensão gerada da dialogicidade social e anônima, da concretude do individual. Não existem palavras neutras, ela se torna de alguém apenas quando este alguém a enche de intencionalidade.

Como supracitado, a heteroglossia é “the base condition governing the operation of meaning in any utterance ” (HOLQUIST, 1981b, p. 428). Para Bakhtin, o discurso alheio, ao integrar a cadeia discursiva, é reprocessado em seus sentidos, provocando deslocamentos, mas não pode ser ignorado como discurso de outrem. A heteroglossia se refere a linguagens sócio-ideológicas e à centralização e descentralização de forças da linguagem e da cultura em sua luta pela significação. Em um nível micro-linguístico, se refere à característica do enunciado de ser simultaneamente uma parte de enunciados anteriores e dos enunciados posteriores.

At any given time, in any given place, there will be a set of conditions —social, historical, meteorological, physiological—that will ensure that a word uttered in that place and at that time will have meaning different than it would have under any other conditions; all utterances are heteroglot in that they are functions of a matrix of forces practically impossible to recoup, and therefore impossible to resolve.¹⁷(HOLQUIST, 1981b, p. 428)

Isto quer dizer que o enunciado pode ser inserido em novos contextos, que, por sua vez, produzem novos significados. O novo sentido resultante é tanto similar, quanto

dialógica feministas produz ocasiões para o rompimento e crítica das ideologias dominantes e opressores.(Tradução minha)

¹⁷Em qualquer momento, em qualquer lugar, haverá um conjunto de condições —sociais, históricas, meteorológicas, fisiológicas— que irão garantir que a palavra pronunciada naquele lugar e naquele tempo terá significado diferente do que teria sob quaisquer outras condições; todos os enunciados são heterogloticos em que eles são funções de uma matrix de forças praticamente impossíveis de recuperar, e, por conseguinte, impossível resolver. (Tradução minha)

diferente dos entendimentos anteriores do mesmo enunciado. Além disso, cada enunciado antecipa uma resposta de enunciados incipientes que ainda serão falados. Para elaborar, a língua está saturada de significados diretos e indiretos de palavras como, por exemplo, "igualdade" e "democracia", que não podem ser devidamente considerados, sem ter em conta os discursos já ditos anteriormente, os contextos que cercaram os significados destas palavras e, claro, as posições que os indivíduos tomam em relação a esses construtos significativos. Bakhtin ainda discute a temporalidade e indeterminação dos significados, chamando a atenção para características da comunicação extralinguística, como cadência, ênfase, entonação e não-linguísticas, como gestos, expressões faciais, linguagem corporal etc.

Como visto anteriormente, a entonação em que as palavras são proferidas, dentro de um contexto específico, determina seus significados. Na apreciação bakhtiniana, expressões vivas, uma única frase, e mesmo uma única palavra ou discurso não-verbal têm o potencial para significar de diferentes maneiras, porque as palavras pertencem simultaneamente a vários contextos, linguagens e sistemas de crenças e horizontes conceituais. Bakhtin (2010, p. 334) argumenta que "a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta, e assim *ad infinitum*".

O apelo aos estudos da heteroglossia proporcionou uma retórica crítica com que as feministas procuraram capacitar vozes e discursos reprimidos, em textos literários, ao revelar a alteridade escondida dentro do discurso dominante, ostensivamente monológico. Cada enunciado contém em si uma miríade de vozes que estão em relação dialógica com o outro.

E é essa noção que embasa as análises feministas de viés bakhtiniano da atualidade na laboriosa tarefa de ressignificar sentidos e concepções marcadas historicamente no discurso oficial em todos os domínios da língua. Para Bakhtin (2010), a linguagem é sempre uma luta entre códigos concorrentes, interpretações e reconfigurações de significado, que é o que motiva tais estudos sobre a mulher, que objetivam a emancipação de vozes subordinadas, enquanto desacreditam análises formalistas e a-históricas da língua com "pés fincados" na cultura patriarcalista.

3.3.1 As vozes dialógicas feministas

Há muitas razões para que o trabalho do Círculo de Bakhtin seja visto como produtivo para a teorização feminista e, de fato, seus estudos sobre o carnaval, o tempo e espaço, as questões da identidade, dentre outras questões relativas à linguagem, já foram

apropriadas para estudos de gênero e sexualidade. O trabalho do Círculo é iconoclástico em sua desconstrução de cânones e hierarquias em estudos da Literatura, da Linguística e da História.

Tal como as feministas, esse arcabouço teórico se atém às políticas socioeconômicas informando a construção da história e divide uma preocupação com as mudanças nas normas sociais, iluminando a construção social do que é “bom”, “virtuoso”, “apropriado” e “natural”. Bakhtin, em específico, celebra as baixas culturas populares, suas paródias e inversão da alta cultura e a identificação jocosa da hipocrisia e corrupção do poder. Além de tudo, Bakhtin mantém sua concepção de que a linguagem nunca é neutra, mas na verdade reflete e constrói relações de poder. Todos esses aspectos, podemos argumentar, faz do trabalho de Bakhtin e seu Círculo uma rica contribuição para o aproveitamento feminista, em especial sua conceituação do dialogismo, que foi direcionada para a discussão ao redor de um dialogismo feminista, como reforça Bauer (1988), Herrmann (1989), Yaeger (1991), dentre outras feministas anglo-americanas.

Na introdução de *Feminism, Bakhtin and the Dialogic*, Dale M. Bauer e Susan Jaret McKinstry (1991, p.1) conceituam o dialogismo feminista como aquele que “challenges the assumption in contemporary culture of a monolithic or univocal feminism”¹⁸. A interação constante de múltiplas vozes para o movimento feminista é essencial para definir sua unidade através de sua multiplicidade.

Essa perspectiva considera a agência e a resistência feminina no processo de formação cultural e crítica. Isto é, capaz de reconhecer vozes concorrentes, sem fazer qualquer voz singular normativa. A resistência é determinada pelo posicionamento em que fatores como raça, classe, sexualidade e gênero afetam a forma como a resistência se apresenta na língua. A resistência feminina, em nossa sociedade, nem sempre é comunicada com poder ou em espaços públicos, o que é crucial para um dialogismo feminista. Isso acontece majoritariamente quando as mulheres argumentam, manipulam e subvertem sistemas de negociação que elas encontram tanto no domínio privado quanto no público. Bauer e McKinstry (1991, p. 3) salientam: “speech is not always a sign of power, or silence a sign of weakness. Rather, the contexts of silence and speech determine gendered relations. Resistance

¹⁸“desafia a suposição na cultura contemporânea de um feminismo monolítico ou unívoco.” (Bauer e McKinstry 1991, p. 1). (Tradução minha)

to dominant ideologies can potentially lead us to rethink human agency and lived experience”¹⁹

A proposta do dialogismo feminista vê nos escritos femininos teorias que devem ser constantemente reinscritas e retrabalhadas, sendo improdutiva se existir como uma concepção estática de teorias e sujeitos. As autoras expandem o propósito do dialogismo feminista ao postularem que:

[It is not]...ultimately, to produce a feminist monologic voice, a dominant voice that is a reversal of the patriarchal voice (even if such a project were conceivable) but to create a feminist dialogics that recognizes power and discourse as indivisible, monologism as a model of ideological dominance, and narrative as inherently multivocal, as a form of cultural resistance that celebrates the dialogic voice that speaks with many tongues, which incorporates multiple voices of the cultural web. (BAUER AND MCKINSTRY, 1991, p. 4)²⁰

As múltiplas vozes do discurso feminista representam um espaço importante da crítica contemporânea em que vozes dissidentes e marginais podem achar um fórum genuíno de compartilhamento de experiências. Desta forma, o dialogismo feminista melhor caracteriza e guia o objeto desta pesquisa, na medida em que as questões feministas são abordadas em um processo que tenta dar igual prioridade a múltiplas e variadas posições. Quanto mais vozes femininas são ouvidas, mais discursos com os quais as mulheres possam se relacionar existirão e mais livres elas serão das vozes dominantes de cunho sexista, baseado em estereótipos.

Deborah Siegel (1997, p. 62) fala às feministas para “recognize that there can be no single representative subject of feminism, while, at the same time, we must continue to speak in a collective voice that articulates political demands on behalf of a group called ‘women’”²¹. Uma das forças da crítica feminista tem sido e ainda é a diversidade. As feministas que trabalham com o dialogismo teorizam uma subjetividade crítica que mostre os gêneros, as classes, as sexualidades e as questões de raça em diálogo em vez de oposição e apontam para uma maneira de interpretar que reconheça a força política e social do diálogo. Só com o reconhecimento da existência do outro, de outras em suas individualidades, podemos sair de concepções duais de gênero e admitir que as diferenças existem, sem

¹⁹O discurso nem sempre é um sinal do poder, ou o silêncio um sinal de fraqueza. Em vez disso, os contextos de silêncio e fala determinam as relações de gênero. Resistência às ideologias dominantes pode potencialmente levar-nos a repensar a intervenção humana e experiência vivida. (Tradução minha)

²⁰[Não é]... o maior objetivo, produzir uma voz monológica feminista, uma voz dominante que é uma inversão da voz patriarcal (mesmo que tal projeto fosse concebível), mas conceber um dialogismo feminista que reconhece a relação entre o poder e o discurso como indivisíveis, monologismo como um modelo de dominação ideológica e narrativa como inerentemente multivocal, como uma forma de resistência cultural que celebra a voz dialógica que fala com muitas línguas, que incorpora múltiplas vozes da rede cultural. (Tradução minha)

²¹“reconhecer que não há um sujeito representativo do feminismo, enquanto, ao mesmo tempo, nós devemos continuara falar em uma voz coletiva que articule demandas políticas a favor de um grupo chamado ‘mulheres’”.

oposições binárias e valorização hierárquica de quem deve ser contemplado no feminismo da atualidade.

Como anteriormente ressaltado, a produção feminista contemporânea tem sido caracterizada por sua multiplicidade de vozes femininas, defendendo uma miscelânea heterogênea de posições, em vez de uma ideologia monolítica. O feminismo como um todo, independentemente de seus sub-temas de investigação, trabalha em direção a um objetivo primário, que é pensar o papel da mulher/ do feminino na sociedade.

Em seu livro, *The Dialogic and Difference*, Anne Herrmann (1989, p. 15) argumenta que “unlike the dialectic, which seeks to transcend oppositions by means of a synthetic third term, the dialogic resist reconciliation of opposites by insisting on the reciprocity of two or more voices”²². A intersecção entre práticas feministas e vozes dialógicas promove uma renovada política sexual e discursiva em que as mulheres da margem tenham suas vozes amplificadas. Como afirma Yaeger (1991):

The business of a feminist dialogics is to gender these voices and unmask the complex, contorted play of hegemonic forms and female speech – to explore the ways in which women from a variety of temporalities, ethnicities, races, and classes initiate dialogues with their oppressions. (YAEGER, 1991, p.240)

O dialogismo feminista funciona de uma forma que é sempre em resposta ao discurso monológico dominante do patriarcado. O poder do dialógico permite as contradições e reconhece que o acordo entre todas as nuances e faces do feminismo não é necessário para que as feministas dialógicas encontrem um ponto em comum. No prólogo de *Rabelais and His World*, Michael Holquist (1984, p. xv) confirma a adaptabilidade dos estudos de Bakhtin, afirmando que “Bakhtin's work is directed to scholars anywhere at any time, it is a contribution to historical poetics with theoretical implications not limited by its origin in a particular time and place”²³.

O dialogismo feminista interpreta as concepções do Círculo de Mikhail Bakhtin, principalmente, na teoria literária, o que não limita a amplitude do escopo

²²Ao contrário da dialética, que busca transcender as oposições por meio de um terceiro termo sintético, o dialogismo resiste à reconciliação dos opostos ao insistir na reciprocidade de duas ou mais vozes. (Tradução minha).

²³A obra de Bakhtin é dirigida a estudiosos em qualquer lugar, a qualquer momento, é uma contribuição para a poética histórica com implicações teóricas não limitadas por sua origem em um determinado tempo e lugar. (Tradução minha)

bakhtiniano para o trabalho em Análise Dialógica do Discurso aqui pretendido, de forma que também contemple essa percepção dialógica.

Simplificando a árdua tarefa de mapear a relevância da teoria dialógica para os estudos feministas, pode-se entender tal concepção de conhecimento em sua forma relacional e coletiva ao invés de uma singular e estática, ou monológica, em termos bakhtinianos, o que muito interessa ao projeto feminista de um sujeito feminino detentor de voz e empoderado em suas palavras, buscando a igualdade nas diferenças com o outro. Segundo Mary O' Connor,

[Bakhtin's] dialogism... takes into account the various determining and producing historical factors in our lives and at the same time allows for the idea of an active response on the part of the subject to these various discourses and other subject positions. Thus, his theories allow for a model of intersecting ideologies, in other words, a connection with history in society, as well as a model of connecting with others. Finally, they allow for process and change. (O'CONNOR, 1991, p.201)²⁴

O conceito de dialogismo capta o confronto e a luta das diferentes linguagens e permite-nos ver o peso social do discurso e da natureza relacional de cada enunciado. Ele também permite o poder e a agência de responder ativamente aos discursos dominantes e a oportunidade de se envolver em uma produtiva e complexa troca com as palavras de outrem, o que é outra atração da teoria do Círculo de Bakhtin para críticas feministas.

Podemos observar como isso se arquiteta em uma recente tendência da ação feminista, que é a reclamação de palavras degradantes à imagem feminina como a que teóricas americanas fazem da palavra *bitch*, que em inglês significa “cadela” (Anzaldúa, 1987; Baumgardner & Richards, 2000), e que serve de exemplo recente de resposta e de imposição contra a linguagem androcêntrica. Tais análises retomam estudos atrelados às práticas de ressignificação de termos pejorativos como forma de empoderamento das minorias, como os advindos da *Teoria Queer* (BUTLER, 1997a, 1997b, 2008, PRECIADO, 2010), que demarcam leituras pós-estruturalistas a respeito do gênero e auxiliam na investigação dos potenciais analíticos da resposta e ressignificação de termos que possuem sinais de degradação, tal qual o próprio termo *queer* e o termo “vadia”, no contexto da Marcha das Vadias.

Retornando a Bauer & McKinstry (1991), as teorias bakhtinianas são particularmente importantes para explorar vozes feministas críticas e políticas, apesar das

²⁴O Dialogismo [de Bakhtin]. . . leva em conta os diversos fatores determinantes de nossas nossas vidas e ao mesmo tempo permite a ideia de uma resposta ativa por parte do sujeito a essas diversas discursos e outras posições de sujeito. Assim, suas teorias permitem um modelo de ideologias que se intersectam, em outras palavras, uma ligação com a história na sociedade, bem como um modelo de ligação com os outros. Finalmente, eles permitem processo e mudança. (Tradução minha)

preocupações de Bakhtin circundarem sobre a ética, a estética e questões da filosofia da linguagem, o núcleo de seus estudos é o diálogo, que envolve a voz, a linguagem, o discurso, e a alteridade, ou seja, a diferença. O indivíduo, sua identidade, é criado na e pela diferença através da comunicação com o outro, em um contexto social, tempo e lugar específicos.

A diferença (o estereótipo, a dialética ou língua do outro, o gênero e o sexo) é usada para codificar e conferir autoridade ou privilégio a um grupo particular de pessoas ou ideologia. A diferença continua a ser usada como um meio de racionalizar o elitismo, o abuso de poder, a opressão estrutural e sistêmica (Bhabha, 1994; Spivak, 1988). Na visão de Bakhtin, a instabilidade, heterogeneidade e ambiguidade, além da natureza dialógica da linguagem e do significado, são valiosas como um método crítico para expor, recuperar e ressignificar o poder e pensamento monológicos. Faraco (2009, p. 122) afirma que “os enunciados manifestam-se fundamentalmente como uma tomada de posição axiológica, como resposta ao que já foi dito. Sua significação comporta sempre esse estrato valorativo”. De um ponto de vista análogo, as feministas aproveitaram a força da linguagem e a “dialogizaram”, criando novas linguagens para discursos e práticas feministas.

Como Butler (apud MORRISON, 2003, p. 38) observa, "since language plays a significant role in making our world, to defamiliarize assumptions commonsense is, at times, to distort and deform language itself as a means of challenging the thought that lies behind linguistic expression"²⁵. O mais importante para uma política feminista é desafiar e retomar atos de fala que carregam com eles ações que "agem sobre as mulheres de formas prejudiciais" (BUTLER, 1997b p. 21). Butler argumenta, baseada na teoria dos atos de fala de John Austin, na obra *How to do Things with Words* (1990), que um discurso se torna discurso de ódio, quando se transmuta em um ato de fala ilocucionário, ou seja, um ato de fala que carrega com ele uma ação, pois “some speech not only communicates hate, but constitutes an injurious act, presumes not only that language acts, but that it acts upon its addressee in an injurious way”²⁶ (Butler, 1997, p. 16).

Outra questão está relacionada ao corpo e como ele constrói a realidade social para indivíduos, como, por exemplo, um corpo de mulher é vivido. As obras de Michel Foucault (1987) e Judith Butler (1999) destacam-se como importantes teorias que tratam de corpo e concretização, como locais de luta e agência. Embora Bakhtin não aborde a forma

²⁵Já que a linguagem desempenha um papel significativo no sentido da desconstrução de nosso mundo, para defamiliarizar pressupostos do senso comum é, às vezes, para se distorcer e deformar a própria linguagem como um meio de desafiar o pensamento que está por trás da expressão linguística. (Tradução minha)

²⁶Alguns discursos não só comunicam o ódio, mas constituem atos injúrios, pressupõem não só que a linguagem age, mas que age sobre o seu destinatário de uma forma prejudicial. (Tradução minha)

como o corpo (gênero) é vivido, sua teoria, semelhante ao trabalho das estudiosas feministas referenciadas, sobre a materialidade, a corporalidade da linguagem e o corpo grotesco se configura como espaço dentro do qual o discurso e o poder, bem como a resistência, operam, principalmente em seus conceitos de riso e de Carnavalização. Morson e Emerson (1990, p. 186) observam que, como evidenciado por sua escrita, Bakhtin vê o corpo como portador ou um marcador do indivíduo.

Bakhtin (2013, p. 365) enfatiza que para a ação da fala se tornar dialógica esta deve ser incorporada, ou seja, ela deve entrar em outra esfera de existência, ela deve se tornar discurso e receber um autor, ou seja, um criador de um enunciado que expressa sua posição, deve ter "a voz moldada no corpo". A voz do sujeito deve ser personalizada, encarnada, a realização concreta de sua postura. Essa voz é também a metáfora do corpo, da presença necessária do sujeito por inteiro no discurso.

A teoria carnavalesca de Bakhtin, estudada em tópicos anteriores, também é prolífera fonte dos estudos dialógicos feministas, como afirma Patricia Yaeger (1991) no último artigo da obra *Feminism, Bakhtin and the Dialogic*, pois, através da zombaria de normas sociais, o carnaval torna visível a natureza social das estruturas hierárquicas. O carnaval medieval resistiu à "verdade absoluta" e à "ordem estabelecida" da igreja e do estado feudal. Na luta feminista, a resistência é contra as normas e restrições da sociedade patriarcal, desestabilizando e marginalizando ideologias normativas. Bakhtin acredita que o carnaval tem sido progressivamente privado de seu poder desde o século XVII, e, particularmente, com a ascensão da burguesia e a sociedade privada. No entanto, acreditamos que o carnaval foi se revigorando: as lutas feministas, em especial a Marcha das Vadias, tornou-se um novo espaço carnavalizado.

Como o carnaval de Bakhtin, os estudos feministas expõem as arbitrariedades das relações sociais de poder. A natureza carnavalesca desses estudos proporciona às mulheres formas de empreender uma resistência contra as normas dominantes. É a possibilidade de poder politicamente transformador e subversivo através da presença feminina no espaço masculino, o espaço público. A natureza carnavalesca do riso regenerador, a linguagem grosseira e grotesca, a resistência à autoridade, a desestabilização de orientações de gênero e a reescrita da feminilidade, são possibilidades frutíferas advindas da energia libertadora do carnaval. O riso feminino é ao mesmo tempo animado e aniquilador. Este riso ambivalente "is both festive and mocking; it is directed at everyone – those in power and

those subjected to it. Bakhtin calls it carnival laughter because it is opposed to the ‘official’²⁷ (YAEGER, 1991, p. 240).

Além da menção da importância dos estudos carnavalescos para a crítica feminista, a autora encerra a obra pioneira sobre o dialogismo feminista chamando atenção para a necessidade de constante renovação dos estudos feministas. Ela afirma que um dos sinais de vitalidade do feminismo é seu “desejo voraz” de multiplicação de práticas e teorias que desenvolvam métodos inovadores de lidar com o silenciamento, a falta de voz e a marginalidade de diversas mulheres. Mesmo com isso, a autora atenta que no feminismo, assim como em qualquer movimento político, tem-se uma tendência de normalizar categorias, rotinas e ideologias para estabilizar pensamentos e comportamentos politicamente corretos de acordo com a ideologia feminista. Nas palavras da autora (1991, p.241): “in light of this conservative/conservationist tendency, I want to suggest that the ‘dialogic imagination’ describes some of the most radical – and necessary – moments within feminist thinking”²⁸. Para exemplificar, ela examina os papéis dialógicos de dois grupos de mulheres que têm sido marginalizados no pensamento feminista mainstream: primeiro o lugar de mulheres transexuais no feminismo e segundo a representação romântica de mulheres com necessidade especiais. Então, a autora teoriza sobre a importância de se separar os discursos de acordo com as necessidades individuais de cada grupo e não enquadrá-los em um paradigma de necessidades femininas de mulheres cisgêneras²⁹, heterossexuais e sem necessidades especiais. O próximo passo dever ser:

[...] to bring these discourses into dialogic relationship so that neither discourse saturates the other with its ideology – so that neither world view nor mode of embodiment becomes a normative. A feminist dialogics does not bear witness to plural speech situations, but to something more difficult than heterogeneity; that is, to the social/ideological contradictions and contradictory goals of diverse feminist speak-worlds. [...] dialogic imagination can help us to describe and understand women’s intertribal conflicts, as well as our hazardous battles with patriarchy.³⁰ (YAEGER, 1991, p. 244).

²⁷É ao mesmo tempo festivo e zombador; é dirigido a todos – os que estão no poder e aqueles submetidos a ele. Bakhtin chama de riso carnavalesco porque opõe ao “oficial”. (Tradução minha)

²⁸À luz desta tendência conservadora/conservacionista, quero sugerir que “imaginação dialógica” descreve alguns dos mais radicais – e necessários – momentos dentro do pensamento feminista. (Tradução minha).

²⁹A origem do termo vem do prefixo *cis*, derivado do Latim, que significa "ao lado de" ou "no mesmo lado de", fazendo alusão à identificação, à concordância da identidade de gênero da pessoa com seu sexo biológico (sua genitália). De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012), cisgênero é um conceito que “abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (JESUS, 2012, p.14), ou seja, as pessoas não-transgênero.

³⁰para trazer esses discursos em uma relação dialógica, de modo que nenhum discurso sature outro com a sua ideologia - de forma que nenhuma visão de mundo, nenhum modo de corporificação se torne uma norma. O dialogismo feminista não testemunha situações de fala no plural, mas algo mais difícil do que a heterogeneidade;

E finaliza admitindo que tanto a prática feminista quanto o pensamento dialógico enfatizam as dificuldades políticas de nossos textos, de nossos discursos, de nossas vidas, insistindo que não deve nenhum discurso normativo reinar e ser imposto sem que se aja revolta, protesto, desafio, resumindo, sem problemas. A proposta do feminismo dialógico revigora as lutas contra o patriarcado e dá nova luz ao debate feminista com a participação de todas.

3.4 APERTANDO OS NÓS ENTRE AS TEORIAS

Este capítulo foi dedicado à investigação teórica dos nexos entre os estudos do Círculo de Bakhtin e os estudos de teóricas feministas anglo-americanas que concernem a esta pesquisa. Desta forma, pretendemos aclarar o rumo teórico deste estudo, trazendo a filosofia da linguagem do Círculo em um novo contexto de práticas feministas contemporâneas. Para este fim, exploramos a proposta do dialogismo feminista como forma de contribuição para o entendimento da Análise Dialógica do Discurso, que servirá de lentes para a análise do *corpus* deste trabalho, realizada no Capítulo 4, de uma campanha publicitária feminista, tematizada ao redor de um dos eventos da Marcha das Vadias.

Na primeira sessão, conceituamos sobre aspectos de uma compreensão ativa e responsiva no discurso, introduzindo a contrapalavra como elemento essencial desse processo comunicativo. A resposta, podemos argumentar, significa um ato ético de responsabilidade e responsividade com o dizer do outro, como o Círculo de Bakhtin sugere. A responsividade ou compreensão responsável implica que os interlocutores tomem um enunciado em seu próprio campo de referências para gerar diferentes ou novos significados, contextualizando-o com antigos e atuais discursos, avaliando-o, interrompendo-o, desconstruindo-o ou reacentuando-o.

Cada enunciado, Bakhtin/Volochínov (1981) propõem, é dirigido aos enunciados passados e futuros. Em outras palavras, o enunciado tem uma memória, que traz

isto é, para as contradições sociais / ideológicas e os objetivos contraditórios de diversas particularidades do mundo feminista. [...] a imaginação dialógica pode nos ajudar a descrever e compreender os conflitos intertribais das mulheres, bem como as nossas batalhas perigosos com o patriarcado. (Tradução minha)

ecos de suas histórias, contextos e significados. O enunciado é, portanto, fluido e instável, sempre em processo de transformação.

A contínua ressignificação e recontextualização da linguagem está no cerne do dialogismo, da atividade dialógica, que propõe que os atos de fala ocupem um espaço de constante contestação e negociação. Ao ressignificar termos e expressões a seu modo, o indivíduo entra em uma relação dialógica, em que há uma luta entre o seu discurso e o discurso autoritário de outro. Ocorre, assim, um processo de internalização seletiva do discurso do outro, o processo pelo qual os indivíduos negociam como um texto é recriado, recontado e interpretado.

Dessa forma, o diálogo e a ética estão sempre envolvidos em relações assimétricas. Mais importante ainda, o discurso contestador, como considerado por Bakhtin, não é prejudicial para o diálogo ou para as relações dialógicas. O diálogo, para Bakhtin, é baseado na intersubjetividade, na forma como nos tornamos nós mesmos e como nos percebemos em relação ao outro. Assim, os participantes no diálogo moldam e são moldados pelo discurso. A partir desta perspectiva, o diálogo ou dialogismo é epistemológico.

Bakhtin (1981b, p. 427) escreve que as palavras, sofrem “dialogization when they become relativized, de-privileged, and aware of competing definitions for the same thing”³¹. Bakhtin não considera o significado de uma palavra dada apenas como parte da linguagem, pois, em vez disso, sua teoria do dialogismo pressupõe que as palavras são corporificadas, ou seja, elas pertencem a uma realidade particular e real de comunicação discursiva entre as pessoas. O autor atribui grande valor à corporificação e ao contexto social da voz em todo ato discursivo.

Bakhtin(1981) considera que, para a língua significar, para o signo ser transformado em um enunciado vivo, a linguagem deve ser corporificada, pois os atos de fala devem ser considerados em relação ao contexto ou contextualização social em que a linguagem é vivida. As construções dessa corporificação, ou conhecimento situado, são importantes para a investigação de diálogos e relações de poder no discurso. Com relação à voz no ato discursivo, muitas estudiosas feministas têm utilizado esse conceito, especialmente no que se refere aos corpos das mulheres, para analisar criticamente e perturbar discursos autoritários, como os que procuram calar, intermediar o discurso feminino, ou ignorar aqueles que são marginalizados.

³¹ dialogização quando elas se tornam relativizadas, desprivilegiadas e cientes das definições que competem para significar a mesma coisa. (Tradução minha)

Com a intenção de explorar essas vozes marginalizadas em um contexto bakhtiniano, estudamos nos tópicos posteriores conceitos como a paródia, o riso e o corpo grotesco, advindos da teoria da Carnavalização presente na tese de Bakhtin (1987), que são categorias concernentes a nossa pesquisa. Um dos principais requisitos para o carnaval é que os indivíduos sintam que fazem parte indissolúvel da coletividade, como um membro da massa popular, pois a proximidade física ajuda a criar um senso de unidade entre os participantes.

O Carnaval tem seu próprio tempo e espaço em que a vida do povo é organizada em função do riso. Um espaço onde não há nenhuma completude e a hierarquia normalizadora é invertida. Os indivíduos que participam da vida carnavalesca estão sujeitos apenas às leis de sua própria liberdade e no período de duração do carnaval não há outra vida fora dele. Da mesma forma, as participantes da Marcha das Vadias, quando vão às ruas, criam um espaço idealizado que não concede às leis da hegemonia patriarcal com a dominação do ambiente público ao contrário de resguardarem-se ao domínio privado.

Por sua própria natureza, o carnaval é temporário e transitório. É uma janela de oportunidade. Para Bakhtin (2008), o carnaval era a verdadeira festa do tempo, a festa da transformação, da mudança e renovação. Era um evento contrário a tudo o que era imortalizado ou completo.

O carnaval é uma grandiosa cosmovisão *universalmente popular* dos milênios passados. Essa cosmovisão, que liberta do medo, [...] com o seu contentamento com as mudanças e sua alegre relatividade, opõe-se somente à seriedade oficial unilateral e sombria, gerada pelo medo, dogmática, hostil aos processos de formação e à mudança, tendente a absolutizar um dado estado da existência e do sistema social. Era precisamente dessa seriedade que a cosmovisão carnavalesca libertava. (BAKHTIN, 2008, p. 184).

Acreditamos que essa manifestação de liberdade se assemelha à multiplicidade de gritos, artes e falas presentes na Marcha das Vadias. As manifestantes da Marcha se integram ao evento como um meio de resistência subversiva, mesmo cientes de que ao deixarem o espaço carnavalesco voltarão a se envolver com a sociedade machista, mas, desta vez, com uma vontade renovada de superação da mesma. Para Bakhtin (1987), a multidão carnavalesca está fora e é contrária a todas as formas existentes de coerção a manifestações sociais que explorem comportamentos “fora do eixo”.

Nos tópicos seguintes, continuamos a trabalhar com a teoria bakhtiniana e, dessa vez, a partir de uma interpretação mais feminista dos conceitos dialógicos e carnavalescos do Círculo.

Um dos princípios básicos dessa teoria que vale ser lembrado é de que o conhecimento não precisa ser sistematizado a fim de ser genuíno e valioso, nem tem que descrever seu objeto como um sistema. Desta forma, podemos entender como o Círculo abraça a fluidez e a multiplicidade na interpretação dos fatos da linguagem, suas relações com a cultura/sociedade/história, e como isso possibilitou que seus trabalhos fossem apropriados para um uso tão amplo, abarcando propostas de lutas por espaço e direito de voz na contemporaneidade. Stam (1989, p. 21) observa que o trabalho de Bakhtin apresenta "an intrinsic identification with difference and alterity, a built-in affinity for the oppressed and the marginal³²", o que o torna útil para a análise de práticas marginais de contestação, como, na nossa concepção, o da causa feminista da Marcha das Vadias. O diálogo e a diferença são chaves para a (re)estruturação de princípios do pensamento feminista.

A partir de uma perspectiva feminista e dialógica, a diferença é algo a ser valorizado e sustentado. A força da teoria feminista reside parcialmente na sua capacidade de trabalhar dentro das tensões de muitas vozes diferentes. Dito de outra forma, os estudiosos feministas continuamente problematizam e ressignificam as perspectivas feministas, ou os feminismos. As feministas não falam a uma só voz, mas através de linguagens múltiplas e diferentes.

Clark e Holquist (1984) escrevem que Bakhtin, e aqui o comparam com Derrida, estava preocupado com a diferença e a alteridade. Analisamos o interesse de Bakhtin na diferença através de sua proposta de que as relações baseadas na diferença são importantes para entender a si mesmo e para a definição de um em relação ao outro. Conseqüentemente, o encontro que ocorre na construção de uma identidade em relação à outra é uma arena de discursos conflitantes e negociação de línguas diferentes, desta maneira, o sujeito não é redutível ao outro.

A crítica de Bakhtin aos discursos centralizadores fornece uma metodologia através da qual se resiste, perturba e transforma as epistemologias e práticas hegemônicas que colocam imposições sobre os discursos e experiências das mulheres (BAUER & MCKINSTRY, 1991). O exame desses discursos autoritários faz parte de um importante quadro interpretativo crítico para as feministas. Nossa análise a partir das teorias bakhtinianas, explora as vozes em relação ao diálogo e à diferença. Diálogo, especialmente como é entendido através da construção de voz, é significativo para a perspectiva feminista,

³²Uma intrínseca identificação com a diferença e a alteridade, uma afinidade construída para os oprimidos e marginais. (Tradução minha)

particularmente em termos de explorar quais vozes são ouvidas, valorizadas, negadas ou marginalizadas nos lugares públicos.

Uma metodologia com um propósito feminista não deve prescrever um único modelo ou fórmula. Pelo contrário, métodos feministas sustentam abordagens distintas para subverter os procedimentos estabelecidos de práticas ligadas às agendas dos poderosos. Vou sugerir que este novo tipo de atenção para a linguagem da pesquisa deve ser central para o projeto feminista do “dialogismo feminista”.

O nosso objetivo foi pôr em discussão as ideias metodológicas de teóricas feministas sobre a relação das mulheres com a linguagem e o discurso, e examinar aspectos de uma investigação social, os processos de falar e ouvir "como mulheres".

Nosso entendimento de como é ouvir como uma mulher é baseado no ponto de vista das mulheres; a abordagem não implica que todas as mulheres compartilhem uma única posição ou perspectiva, mas insiste na importância de seguir as implicações de várias posições sociais das mulheres em atividades socialmente organizadas.

Portanto, baseando-se nas categorias bakhtinianas destacadas nos tópicos deste Capítulo 2, observaremos como elas se organizam dentro da Análise Dialógica do Discurso, proposta e estudada no Capítulo 1. A ADD, como anteriormente ressaltado, se faz com princípios metodológicos dialógicos e responsivos. Pensando nisso, também exploramos perspectivas feministas sobre o dialogismo, para que a ADD a ser aplicada seja enriquecida com temas concernentes à teoria e ao corpus de nossa pesquisa. Com isso, pretendemos analisar e associar as representações da linguagem verbal e visual às respostas carnavalizadas do feminismo, na forma da campanha fotográfica Feminista Por quê?. A Análise Dialógica do Discurso é orientada pelos pontos metodológicos explicitados por Bakhtin/Volochínov (1981), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, são eles:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p 124).

Conforme esse traçado metodológico, ao analisar discursos, espaço em que a língua se revela em toda a sua integridade, devemos considerar, primeiramente, as “formas e os tipos de interação verbal” em condições sociais concretas de uso, ou seja, o objeto deve estar situado em sua configuração sócio-histórico-ideológica. As “formas” podem ser interpretadas como as diferentes situações de uso da linguagem, materializadas nos gêneros discursivos, que no caso da nossa pesquisa são os anúncios publicitários da campanha fotográfica Feminista Por quê?, que configuram interações verbais e visuais. O conteúdo temático deve ser relacionado ao seu contexto de produção, isto é, às “condições concretas em que se realiza”, que permitem uma compreensão mais extensa do objeto por contemplar aspectos que extrapolam o texto propriamente dito, externando-o ao seu contexto de produção.

O segundo tópico propõe uma análise das diferentes formas dos enunciados concretos e destaca as categorias que serão articuladas em um determinado discurso. Portanto, ressalta-se a importância de analisar a construção composicional do gênero discursivo, como a organização dos signos no apelo semiótico do discurso, bem como a utilização da língua nesta organização para a produção de sentidos dos enunciados. A finalidade desse gênero é o que vai determinar a forma como ele será arquitetado, contribuindo assim para a compreensão de seus enunciados.

O último item de ordem metodológica aponta para o “exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual”, isto é, o modo como a língua cumpre sua função comunicativa no processo de interação (e de responsividade) com outros discursos de sujeitos sociais. Os recursos estilísticos utilizados na ornamentação do discurso – que em nossa pesquisa serão vistos sob a ótica da carnavalização – além da materialização semiótica do mesmo são essenciais para a análise de como todos esses elementos são corporificados no discurso e externados para o mundo, refletindo, assim, no processo de evolução da língua.

Sintetizando essas três condições, o pesquisador, além de apreciar a relação dialógica entre discursos produzidos dentro de um gênero, deve considerar seu contexto sócio-histórico-ideológico e as relações de sentidos presentes na interação entre os sujeitos participantes dos mesmos. A partir da teoria do Círculo de Bakhtin e das categorias exploradas em nosso estudo, elaboramos um quadro metodológico, em formato de organograma, da Análise Dialógica do Discurso a fim de que o interlocutor visualize como essas categorias estão relacionadas na posterior análise.

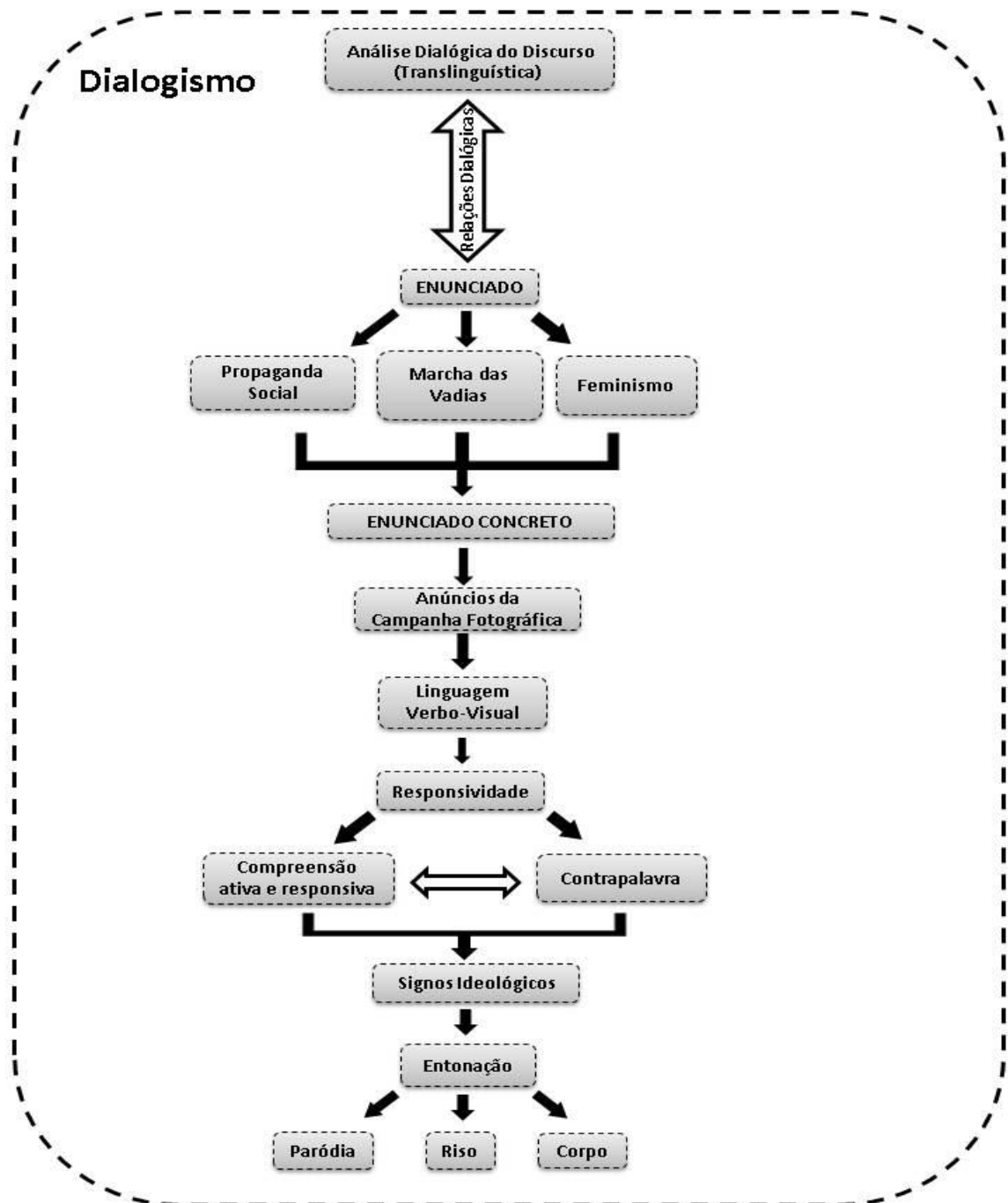


Figura 1: Organograma desta pesquisa segundo a Análise Dialógica do Discurso

Inicialmente, a Análise Dialógica do Discurso investiga as relações dialógicas que se apresentam na enunciação. A partir desta, examinamos o horizonte sócio-histórico-ideológico constituído pelo contexto da Marcha das Vadias, que situará o enunciado concreto, constituído pelos anúncios da campanha fotográfica Feminista Por quê?, ou seja, o objeto situado em seu tempo e espaço. Em seguida, observamos o gênero do anúncio, pertencente à

propaganda social, para, a partir disso, percebermos que linguagens o constituem, no caso, a linguagem verbo-visual no plano semiótico, em relação com os movimentos da responsividade.

Essa divisão entre esses dois elementos só é ressaltada para fins de melhor entendimento no formato do organograma, mas, na análise, ela é fluida, pois veremos total influência da linguagem verbo-visual, por exemplo, na observação dos corpos representados nas imagens. Importa ressaltar que como o corpus é um enunciado concreto vivo na cadeia discursiva, muitas são as possibilidades de sentidos, como também as de relações de categoria de análise, pois uma análise estanque e rigidamente sistematizada desses elementos não estaria de acordo com a perspectiva do Círculo.

Esses conceitos também apontarão para o signo ideológico, que é a representação ideológica das esferas discursivas. Esta representação será investida de valores apreciativos manifestos na entonação, que como veremos na análise, serão expressos na materialidade verbo-visual, como as cores, os gestos, os adjetivos, as vestimentas, a luz, o foco, a posição dos corpos dos participantes da campanha etc.

Desta forma, acreditamos que, partindo deste esquema prévio, a relação entre os conceitos que foram discutidos esteja mais clara e que, assim, nos oriente no momento de análise de nosso corpus. O próximo capítulo será dedicado a explorar a configuração histórico-social da enunciação de nossa pesquisa, momento em que discutiremos acerca do contexto em que se formou a Marcha das Vadias e as relações dialógicas que esta mantém com o feminismo contemporâneo, a esfera midiática e, principalmente, como ela se materializou na campanha fotográfica Feminista Por quê?.

4 CAMPANHA FOTOGRÁFICA FEMINISTA POR QUÊ?: CONTEXTUALIZANDO O CORPUS DISCURSIVO

*Eu não desejo que elas exerçam poder sobre os homens,
mas sim sobre si mesmas.*

(Mary Wollstonecraft)

Considerando as condições de produção dos anúncios de nosso corpus, no capítulo 3, apresentamos o contexto histórico em que ocorreu a manifestação da Marcha das Vadias, remetendo-nos à história do movimento feminista ocidental, considerando suas idas e vindas e sua força representativa na contemporaneidade. Também discutiremos como a campanha foi organizada em torno do evento da Marcha das Vadias do Distrito Federal e sua relação com a mídia. Para tanto, seguimos a seguinte ordem dos tópicos: a) Um breve histórico do movimento feminista no Brasil e no mundo; b) Marcha das Vadias no Brasil e no mundo: um novo marco feminista; c) A campanha fotográfica *Feminista Por quê?*

4.1 UM BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E NO MUNDO

Dissertar sobre o feminismo e seu histórico de forma sumária é tarefa árdua, dada a multiplicidade de interpretações e manifestações do movimento, que não se adéquam a um estudo com olhar delimitador e sistematizador sobre esse tema, ainda que se privilegie apenas uma de suas perspectivas. Podemos, no entanto, abordar brevemente como a história do feminismo aconteceu, a partir de obras pioneiras sobre questões feministas, e ainda acontece, no intercâmbio de escritos, experiências e diferentes pontos de vista entre feministas do mundo inteiro.

O movimento feminista tem no protagonismo feminino uma de suas principais qualidades, pois é por meio dele que as mulheres são representadas, expressam suas vozes e se manifestam contra situações de inferioridade e subjugação impostas a elas pelo machismo. O movimento também tem como mérito a denúncia da discriminação, da desigualdade de direitos e da violência física e psicológica que mulheres sofrem, hodiernamente, na sociedade patriarcal. Aguiar (2011) explicita que

O patriarcado, enquanto ordem social centrada da descendência patrilinear e no controle dos homens sobre as mulheres corresponde a uma das formas de organização familiar que foram inventadas ao longo da história. Com a descoberta da agricultura, da caça e do fogo, as comunidades que eram tribais e nômades passaram a se fixar em um território. A partir do acúmulo de bens materiais e estabelecimento da propriedade privada, as relações familiares passaram a ser predominantemente monogâmicas. A valorização das atividades desempenhadas pelos homens, como caça e pesca, sobre as atividades predominantemente femininas, como o cultivo da terra e cuidado das crianças, legitimou gradativamente o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas. (AGUIAR, 2011, p.19)

As feministas, como afirmam Sardenberg e Costa (1994), defendem a ideia de liberdade e equiparação de direitos através da crítica às formas hierarquizadas de relacionamentos sociais. O feminismo, segundo Teles (1993), é:

[...] uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto no nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturais. Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre as outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade. (TELES, 1993, p. 10)

O movimento feminista contemporâneo configura-se ao redor de um discurso múltiplo e de variadas tendências perpassadas por demandas que vão além da opressão de gênero, sendo uma das principais preocupações do feminismo em sua primeira fase, incluindo questões de etnia, de classe social, sexualidade, dentre outras. Narvaz e Koller (2006) analisam o caráter filosófico do feminismo atual, que se diferencia das correntes tradicionais por reconhecer que tanto os homens quanto as mulheres têm experiências diversificadas em sociedade e, portanto, não devem ser tratados de modo igual, como apregoavam as feministas do início do século XX, e, sim, de acordo com suas necessidades e diferenças. As autoras explanam a diversidade dos estudos feministas ao afirmarem que o feminismo é

[...] um campo político [...], tanto quanto teórico-epistemológico (Eichler, 1988; Harding, 1986, 1987; Keller, 1985, 1996; Wilkinson, 1986, 1998), embora tenha assumido variadas tendências. Considerado 'problemático, instável e tenso' (Butler, 2003; Harding, 1986, 1993; Negrão, 2002), o feminismo vem problematizando a si mesmo ao longo dos tempos, desde as doutrinas do feminismo original, em permanente (des)construção. As intersecções do feminismo com os movimentos de luta de classes configuram diferentes movimentos feministas, entre eles: o radical (inclui-se aqui o movimento de mulheres negras), o liberal, o socialista, o marxista e o anarquista (Chrisler & Smith, 2004; Toledo, 2003). No campo teórico-epistemológico encontramos o empirismo feminista, o ponto de vista feminista e o

pós-modernismo ou pós-estruturalismo feminista, corrente contemporânea do feminismo na qual se inscrevem os estudos de gênero (Butler, 2003; Harding, 1987; Louro, 1999). Houve, também, várias gerações ou várias fases no feminismo, conhecidas como “ondas do feminismo” (Costa, 2002; Nogueira, 2001). Essas diferentes fases ocorreram em épocas distintas, historicamente construídas conforme as necessidades políticas, o contexto material e social e as possibilidades pré-discursivas de cada tempo (Scott, 1986). Não há, na atualidade, um só feminismo, unívoco e totalizante, mas vários feminismos (Negrão, 2002). (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

A variedade de aplicações do termo feminismo compreende todo um processo de transformação, evolução e, como demonstraram as autoras, tem raízes antigas, sendo ressignificado a cada nova geração de feministas, em seus encontros, manifestos e lutas. Portanto, o feminismo é arquitetado como vasto campo de estudos, não se restringindo a um período histórico nem ao espaço geográfico em que surgiram seus primeiros registros, no caso, o cenário europeu. Feministas contemporâneas ligadas aos estudos pós-coloniais têm críticas a esta definição. Shohat (*apud* Costa, 2001, p. 159), afirma que recontar a história do feminismo, tendo como berço a Europa e os Estados Unidos, faz parte de uma visão ocidental e eurocêntrica, pois mulheres de várias partes do mundo lutaram e continuam lutando contra as formas de opressão impostas sobre elas nos mais variados contextos. Assim, pode-se afirmar que o feminismo tem genealogias múltiplas. No entanto, aqui focalizamos a tradição feminista ocidental, por ser a que mais influenciou teorias e manifestações feministas brasileiras, como a Marcha das Vadias, tema de nosso estudo, advinda do *SlutWalk* original do Canadá, em 2011.

Revisitando essa tradição, observamos que a contestação dos direitos negligenciados das mulheres, no primeiro momento do feminismo, se deu no contexto histórico da Revolução Francesa, cerne do movimento liberal de algumas mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos. O feminismo, portanto, tem sua origem relacionada à modernidade, assim sendo, refletiu as contradições e a diversidade características dos tempos modernos. A publicação francesa, em 1791, da *Déclaration des Droits de La Femme et de la ci-toynne*, de Olympe de Gouges, e o ensaio de Mary Wollstonecraft, em 1792, *Vindication of the Rights of Woman*, em Londres, configurando “o primeiro documento que afirma a humanidade intrínseca das mulheres, insistindo no seu reconhecimento” (MILLETT, 1970, p. 12), juntos representam as duas grandes obras que trazem a essência do pensamento feminista da modernidade e marcam o início do movimento feminista ocidental.

Sobre Olympe Gouges, a historiadora feminista Johann Scott (2005) comenta que ela deixou diversos escritos durante a Revolução Francesa, sendo a Declaração dos

Direitos da Mulher e da Cidadã, de 1791, o mais famoso — explicitamente uma paródia da Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão—, no qual discutia que todos os direitos dos homens, exigidos pelos revolucionários em 1789, também deveriam pertencer às mulheres. A crítica de Gouges, inspirada nas ideias poéticas e filosóficas do marquês de Condorcet, que integrava a Assembleia, se direcionava, principalmente, à concepção de indivíduo presente na Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, que era fundamentada no conceito de “homem”, o ser de sexo masculino, como sinônimo de “ser humano”, o que revelava de fato a exclusão das mulheres desses direitos. Uma amostra dessa contradição, como afirmam Goldemberg e Toscano (1992, p.18), é que a própria revolucionária francesa, após escrever sua declaração acabou guilhotinada em 7 de novembro de 1793 por “ter querido ser um homem de Estado e ter esquecido as virtudes próprias de seu sexo”. A Praça da Revolução em Paris foi o cenário da morte da revolucionária, assim como de mais 300 mulheres.

Scott (2005, p. 11) relata ainda que Olympe de Gouges oferecia em seu tratado “[...] uma dezena de propostas de reformas políticas e sociais, bem como longas críticas às atitudes e práticas de seus contemporâneos”. A luta de Gouges, além de relacionada aos direitos das mulheres, também se ocupava da abolição da escravidão na França. Apesar de a Revolução Francesa ter sido um período de questionamento das relações entre os sexos, com foco na dicotomia homem/mulher, Santos (2013) afirma que o avanço nessas considerações

[...] não conseguiu romper com a conotação de submissão da mulher, o que fez, décadas ou séculos depois, despontar o feminismo no sentido de romper com as barreiras, ao menos minorá-las, que inferiorizam socialmente a mulher, que a mantém, até hoje, em uma posição subalterna no grupo familiar e em relação às oportunidades econômicas e políticas. (SANTOS, 2013, p.4)

Pouco depois das publicações de Gouges, Mary Wollstonecraft publicou *A Vindication of the Rights of Woman*, em 1792, em Londres, marcando o final do século XVII com os pensamentos precursores do feminismo. A obra foi um marco na luta pela isonomia de direitos das mulheres, ao reclamar por iguais oportunidades no trabalho, na política e na educação para ambos os sexos, sendo considerada, segundo Millet (1970, p. 12), a primeira carta do feminismo moderno. A publicação também reprovava os julgamentos de ordem moral sobre as mulheres.

Wollstonecraft (1792) protestava que somente quando as mulheres tivessem acesso à razão, à moral e à experiência com as mesmas condições que as dos homens, ambos

os gêneros atingiriam seu potencial completo. A escritora inglesa considerava a educação um canal privilegiado para a emancipação econômica e a igualdade em relação aos homens, ela também defendeu uma legislação equitativa, em uma de suas c considerava “opressivo e ilógico privar uma parte da humanidade dos direitos que concedemos à outra”. Apesar de ter falecido prematuramente, em 1797, Wollstonecraft tornou-se uma figura célebre do feminismo, influenciando os futuros movimentos sufragistas.

Segundo Saffioti (1979), o movimento feminista no Brasil teve sua origem no final do século XIX, com as lutas das mulheres pelo direito à educação e ao voto. Esse início se deu justamente a partir da tradução livre que a brasileira Nísia Floresta, fez de *A Vindication of the Rights of Women*, de Mary Wollstonecraft. A obra traduzida se chamou *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*, e foi publicada em 1832, fruto da sua experiência de 28 anos morando na Europa. Sobre a influência da escrita de Nísia Floresta, Campoi (2011) ressalta que

[...] o livro publicado por Nísia Floresta provocou a reflexão sobre o status social das mulheres, já que defendia a participação feminina em postos de comando. Em uma sociedade patriarcal, escravocrata e recém-saída da condição de colônia, Nísia Floresta foi mulher incomum, atuante e de certa forma 'desajustada' se forem levadas em conta as expectativas que a sociedade brasileira tinha em relação às mulheres do seu tempo, afinal, a valorização intelectual do gênero feminino inexistia. (CAMPOI, 2011, p. 196-213)

Assim, esses primeiros manifestos do feminismo usaram de concepções liberais de cidadania como recurso intelectual em suas lutas pela igualdade de direitos e liberdade feminina. Entretanto, essa noção liberal de cidadania não transformou as vidas de muitas mulheres rapidamente como as feministas tinham esperado. Segundo Karawejczyk (2007, p.8),

A exclusão das mulheres da vida política se deu praticamente em todos os países ocidentais até os primeiros decênios do século passado. O direito da mulher de votar e escolher os seus representantes políticos foi (de formas diversas, mas sempre uma constante) encarado com desconfiança, pois poderia pôr em risco a família, desagregando-a. A mulher, ao obter o direito a participar mais ativamente da vida política do seu país, exigindo o direito de exercer o voto, estaria subvertendo a ordem natural e universal dos sexos ao intrometer-se no mundo público masculino, desorganizando a vida doméstica e maculando a imagem do anjo do lar. (KARAWEJCZYK, 2007, p.11)

De acordo com Nogueira (2001), após esse período inicial e com a crescente industrialização, a Revolução Industrial e, depois, as duas grandes guerras, foram os

principais marcos políticos e sociais que desencadearam as ações feministas posteriores. Tais eventos fizeram com que uma nova configuração social fosse instaurada, inserindo as mulheres dos meados do século XIX em atividades externas ao âmbito privado, doméstico, para entrarem no mercado de trabalho, ocupando o espaço público antes destinado exclusivamente ao sexo masculino e cada vez mais abandonando seus lares para serem empregadas assalariadas nas indústrias e oficinas. Porém, isso não se deu de forma dignificante e positiva, pois as mulheres entraram em contato com as duras realidades do mercado de trabalho, em que realizavam o mesmo trabalho que os operários da época, mas recebiam um menor salário, que já era mínimo para os próprios empregados masculinos. Logo, era mais lucrativo dar emprego às mulheres que aos homens, o que gerou até mesmo movimentos de oposição ao trabalho feminino.

Kaplan (1992) ressalta, ainda, que esse espaço foi ocupado pelas mulheres de forma provisória e superficial, pois a força trabalhista feminina só era requisitada em situações emergenciais, como as de guerra, e momentos de crises. A superação das vicissitudes econômicas e dos estados de guerra significava que as mulheres voltariam a ser valorizadas apenas no âmbito doméstico e na relevância de seus papéis na família. Esse quadro conflitante das condições de trabalho, ao qual as mulheres foram submetidas, levou-as a reivindicações que calhavam com as da classe operária no geral, que aconteciam durante esse período.

Não à toa, o reconhecimento da ascendência do movimento feminista só aconteceu em meados do século XIX e início do século XX, pela reivindicação dos direitos ao voto, o de escolha de domicílio e o de trabalho, independentemente da autorização do marido, pelo movimento sufragista, liderado, principalmente, por Barbara Leigh Smith e pelo filósofo e economista John Stuart Mill, que criaram um comitê para exigir esses direitos. No ano de 1866, esse comitê apresentou ao Parlamento de Londres um projeto igualitário dos gêneros, que inicialmente foi rejeitado e o movimento sufragista britânico teve de esperar também o século XX para ver o fruto de seus empenhos.

Ainda nesse primeiro momento do movimento feminista, vale ressaltar o que acontecia no cenário nacional, como o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”. Pinto (2003, p. 35), relata que, em manifesto de 1917, mulheres denunciavam a dolorosa situação de trabalho nas fábricas e nas oficinas de produção têxtil do país. Saffioti (1979) destaca que, no Brasil, início do século XX, as manifestações feministas se iniciaram com o retorno de Londres da bióloga e feminista brasileira Bertha Lutz, em 1918, ao ser primeira mulher a discursar, por meio da

imprensa, a favor da emancipação feminina. O termo feminismo passou a significar, nessa época, o conjunto de preocupações e ações políticas que procuravam alcançar maior igualdade política, social e econômica para as mulheres. Em 1922, Lutz fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) que pretendia, entre outras coisas, promover a educação e profissionalização das mulheres.

As campanhas pelo direito do voto feminino aconteceram com mais força nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Espanha, através da luta das *Suffragettes*³³, que organizaram muitas manifestações no espaço público, em ruas e avenidas, algumas delas reprimidas com muita violência do poder estatal, como a que ocorreu na Inglaterra, quando várias manifestantes do grupo de Emmeline Parkhurst foram presas. Para chamar atenção à sua causa, as sufragistas, como eram pejorativamente chamadas, tomavam as ruas, reivindicando igualdade jurídica e política.

Dos países europeus, a Nova Zelândia foi o primeiro a garantir o sufrágio feminino, em 1893. O movimento feminista do Reino Unido ganha destaque desde 1897, com a fundação da União Nacional pelo Sufrágio Feminino. Em 1917, uma lei inglesa concedeu o direito de voto às mulheres, mas com muitas restrições; e somente em 1928 foi assegurado o pleno direito ao voto feminino. Pinto (2003) comenta que essa série de acontecimentos constituiu a primeira geração (também chamada de primeira onda) do feminismo, que, além da luta contra a discriminação e pela garantia da participação das mulheres na cena eleitoral, também denunciava a opressão feminina imposta pelo patriarcado. No Brasil, a luta das mulheres pelo voto durou 22 anos. Começando em 1910, com a fundação do Partido Republicano Feminino, no Rio de Janeiro, e terminando em 1932, quando o então presidente Getúlio Vargas promulga por decreto-lei o direito das mulheres de votar e se eleger a cargos no governo.

No início do século XX, ainda no contexto anglo-americano, a situação mudou rapidamente com as grandes guerras. Nesse tempo, acontece um abrandamento da luta e atuação feminista enquanto movimento reivindicatório e, com os homens nos campos de batalha, as mulheres foram novamente convocadas para o mercado de trabalho, ainda com salários inferiores, pois a renda da esposa não deveria de forma alguma se igualar à do marido, sendo apenas um complemento à renda familiar. A mulher, portanto, não poderia ocupar o espaço inerente ao homem, o de provedor do lar e até antes dos anos de 1960, o

³³O sufrágio universal foi uma das principais conquistas dos homens da classe trabalhadora. Tal conquista, no entanto, não incluía o sufrágio feminino, que foi uma luta específica abrangendo mulheres de todas as classes. Teve lugar então uma mobilização de dois milhões de mulheres, tornando essa batalha um dos movimentos políticos de massas de maior significação no século XX.

ínfimo salário feminino não era questionado. A inclusão no mercado de trabalho era apenas uma medida paliativa, pois, quando os homens retornassem da guerra, elas deveriam voltar a exercer apenas seu papel no âmbito doméstico. A função de dona de casa exemplar e submissa ao marido era um estereótipo bastante reforçado pela publicidade, principalmente após a 2ª Grande Guerra.

Segundo Toscano e Goldenberg (1992), durante o período entre guerras, no Brasil, houve aumento de discussões de ideias feministas principalmente nas reuniões entre classes mais abastadas e grande parte do que era discutido refletia a manifestação feminista da Europa e dos Estados Unidos. Assim, tanto o âmbito dos movimentos sociais quanto as reuniões em universidades, foram manifestadas novas ideias advindas do paradigma ocidental e dava-se início a uma espécie de pesquisas sobre as “condições da mulher” na sociedade brasileira. (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992)

Para Saffioti (1979), a luta feminista, no Brasil, nesse período, estava intensamente ligada às questões de classe, valorizando conquistas do feminismo que a autora nomeia de “pequeno-burguês”, representado pelas sufragistas e por grupos de classe média dos ditos países de “primeiro mundo”. Mesmo ligado a uma realidade aquém da realidade brasileira, a autora valoriza o movimento feminista brasileiro, ainda mais por ter conseguido transmitir às mulheres o desejo de obter emancipação por meio do trabalho.

Conquanto não tenha obtido pleno êxito e nem tenha contado, mesmo na fase de apogeu, com a adesão de grandes massas femininas, desempenhou relevante papel no que diz respeito ao despertar da consciência da mulher não apenas para os seus problemas, como também para todos os problemas do mundo moderno que, em última instância, a afetam, direta ou indiretamente (SAFFIOTI, 1979, p. 274).

Assim, a autora (1979, p. 132- 133) salienta que a ascensão do feminismo em terreno nacional propiciou que as mulheres aspirassem pela liberdade e emancipação através da inserção no mercado de trabalho, sendo um “fator positivo, porquanto permitiu certa concomitância entre o amadurecimento das ideias feministas nacionais e o avanço da mulher em determinadas áreas como as do trabalho fora do lar, da educação, da participação na vida social em geral”. Era necessário, portanto, vincular o feminismo às lutas de classe, saindo do núcleo limitado da classe média, para que não incidisse no erro de se tornar um mecanismo de atenuação das tensões sociais, sem uma perspectiva de transformar a sociedade como um todo.

Costa (2005) acrescenta que, no Brasil, instaurou-se uma espécie de “dupla militância” do feminismo no ideário de muitas feministas brasileiras, fazendo com que elas circulassem entre os grupos mais diversos e reivindicações sociais, engajando-se nas causas gerais da sociedade enquanto discutiam problemas específicos ao universo das mulheres. Esta forma de agir teve como consequências graves tensões com a esquerda e setores progressistas da Igreja Católica, que consideravam inadmissível uma participação feminina significativa na sociedade da época, por não condizer com códigos morais que mulheres deveriam seguir .

Retornando para o contexto feminista anglo-americano, notamos que, passado o silêncio das ações feministas no período entre guerras, o momento pós-guerra, em meados do século XX, inicia a segunda fase do feminismo. Sob a influência de obras como *O Segundo Sexo* (1949), da francesa Simone de Beauvoir, e *A Mística Feminina* (1963), da americana Betty Friedan, a luta das feministas passa a tratar de questões que não estão apenas ligadas à conquista de direitos civis. Essa nova onda do feminismo também se preocupa em mostrar os mecanismos psicológicos e psicossociais dessa marginalização e opressão das mulheres e projetar estratégias capazes de proporcionar a elas uma libertação total, o que envolvia também o corpo e o desejo feminino, em uma cultura masculina. Dessa forma, pela primeira vez, as feministas falaram diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. Narvaz e Koller (2006, p.649) comentam que, entre os anos de 1960 e 1970, as feministas americanas se manifestavam pela igualdade e denunciavam a opressão masculina sobre as mulheres, enquanto “as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada”.

Durante esse mesmo período, no Brasil, a presença das mulheres no espaço político e social brasileiro configurava-se durante o processo de organização dos movimentos sociais constituídos após a década de 1960, no período da Ditadura Militar, sendo mais bem articulados durante as décadas de 1970 e de 1980, como descreve Toscano e Goldenberg, (1992). Diante das crises econômicas e do “lento e gradual” processo de abertura política, deu-se a reorganização de setores das classes médias urbanas e da classe operária.

De acordo com Sarti (1988), o feminismo brasileiro nos anos 70, nomeado “movimento de mulheres”, era organizado a partir da influência do feminismo internacional, principalmente o europeu, e da resistência das mulheres à ditadura militar. O principal desafio desse movimento era articular de formas distintas as demandas das mulheres das camadas populares à militância das mulheres das camadas médias, tirando o foco das preocupações das feministas elitistas e sem perder a unidade do movimento.

Após longo período de Ditadura Militar, o feminismo acompanha a luta pela volta da democracia ao país e o número de mulheres identificando-se com o feminismo crescia. Segundo Pinto (2003, p.55) reuniões periódicas eram marcadas entre feministas brasileiras, de outros países da América Latina e da Europa, em Paris, para análises de textos, filmes, artigos e editoriais a serem publicados nos recém-criados jornais feministas *Brasil Mulher* (de Londrina) e *Nós Mulheres* (editado em São Paulo). O grupo de feministas que realizavam esse intercâmbio com países europeus também criava espaços públicos de reflexão, organizava assembleias e implementava uma política de expansão do pensamento feminista com o envio de material para o Brasil e o contato com outros grupos de feministas que permaneciam aqui. Pinto (2003, p.55) comenta ainda que, mesmo com certa heterogeneidade interna do movimento, duas linhas de pensamento, em específico, se destacavam: a que defendia uma dupla militância, a favor das mulheres e da luta de classes, e a que dava ênfase à libertação da mulher e às questões de sexualidade e prazer. Para a autora, esta segunda vertente foi “a grande propulsora de um feminismo mais vigoroso e mais capaz de pôr em xeque as estruturas de dominação”.

Toscano e Goldenberg (1992) explanam que alguns elementos permitem compreender as peculiaridades das lutas das mulheres brasileiras, como o longo histórico de escravidão do país, o difícil acesso da mulher à educação, a manutenção do modelo fundiário desenvolvido pelo colonizador português e a influência da Igreja Católica como força política e instrumento de controle social sobre as minorias. Além disso, para as autoras, a partir destes elementos é possível entender também, o patriarcalismo, o conservadorismo, o paternalismo e o machismo dos homens brasileiros.

Nogueira (2001) explana que os avanços tecnológicos e científicos também serviram como impulsionadores do movimento feminista no mundo. A criação da pílula anticoncepcional, por exemplo, foi fundamental para a configuração de uma nova mulher que reivindicava, entre outros direitos, o de controle sobre seu próprio corpo e de seu ciclo fértil. A autora também comenta que, nesse momento, a mulher mais uma vez retornava ao espaço público e econômico, mas, dessa vez, em condições diferentes:

As mulheres foram chamadas a participar no mercado de trabalho, um convite substancialmente distinto daquele feito durante a segunda guerra mundial, já que naquela altura apenas lhes era pedido um esforço de trabalho circunstancial. O slogan da altura “o que é que os homens fazem que as mulheres não possam fazer?”, foi também o resultado da observação das experiências das mulheres no seu combate diário (muitas delas viúvas de guerra) e não uma crença teórica. (NOGUEIRA, 2001, p. 6).

Ainda de acordo com a autora, outra preocupação das feministas da época centrava-se na percepção da mulher no núcleo familiar, sem autonomia, dependente do marido, subvalorizada e reclusa de interações sociais, pois era cobrado dela que dedicasse seu tempo integral à família, pois era sua “célula máter”.

O criticismo feminista sobre a ideologia prevalecente da existência da família nuclear como uma instituição imutável, natural e necessária, sugeria que esta (ideologia), representava apenas uma mera glorificação hipócrita da maternidade, que acarretava desigualdades de poder entre os membros de um casal. (NOGUEIRA, 2001, p. 6)

O contexto familiar refletia a condição de opressão da mulher, visto que tal instituição representava a essência do pensamento “pequeno burguês”, em que o lugar diligenciado à mulher era o esteio moral da família e da sociedade, através da educação dos filhos e do suporte incondicional ao marido. Segundo Moura (2008) as mulheres:

Na maioria das vezes recolhidas ao lar sob o domínio do pai, do marido ou de alguma figura masculina, as mulheres viveram à parte da história – de uma história praticamente contada pelos homens, na qual seu papel é reduzido e inexpressivo, tanto na arte, na literatura, na política, como em outros setores (MOURA, 2008, p.4).

Nogueira (2001) prossegue sua reflexão afirmando que o crescimento do feminismo como força política proporcionou significativas transformações, ajustes políticos e acordos institucionais no contexto social, sob menor ou maior influência dos debates e reivindicações das mulheres. Elas voltam a tomar as ruas em protesto, foram crescentes os números de manifestações nos Estados Unidos e na Europa, a situação era favorável graças à disseminação dos ideais da contracultura e do modo de vida do movimento *hippie*, que divulgavam um discurso contrário aos valores morais e de consumo da época, como o casamento e a formalização do amor sancionada pela igreja e pela lei. Aconteceram outras contradições existentes entre as normas, as práticas e as condutas sociais, como por exemplo, a reivindicação do direito ao divórcio, o que desencadeou muitos conflitos.

Todas essas reivindicações e a discussão em torno do pensamento feminista da segunda onda não passaram sem críticas que viriam posteriormente do próprio movimento. Uma das principais críticas era a de que essa vertente tinha estipulado o feminismo como um projeto único, moldado a partir das necessidades da mulher branca, ocidental, de classe média, instruída. As feministas intituladas “radicais” desse tempo trabalhavam com uma categoria universal de “mulher”, embasada por traços biológicos e aspectos socialmente construídos,

criando, assim, uma identidade coletiva válida e generalizante para diferentes culturas, independente das individualidades do ser feminino. Desta forma, o feminismo radical passou a adotar o conceito de patriarcado. Zirbel (2007) assevera que, para as feministas radicais, o patriarcalismo:

[...] era um sistema sexuado de poder e dominação no qual os homens possuem privilégios e controle sobre a sociedade e o corpo das mulheres, utilizando-se dos mais diversos meios para este fim (pornografia, estupro, violência doméstica, assédio sexual, leis restritivas sobre a contracepção, esterilização e aborto, etc. (ZIRBEL, 2007, p. 119).

Zirbel (2007) cita Goldberg (1989b, p.7) em sua afirmação de que o patriarcado estaria presente “em todas as sociedades históricas e em todas as relações sociais, sendo responsável pela exclusão sistemática das mulheres de todas as instâncias de poder e pela permanente desvalorização dos papéis e tarefas a elas atribuídos”.

Kate Millett (1970), ao discutir sobre o patriarcalismo, em sua tese de doutorado intitulada *Sexual Politics* (1970), afirma que a divisão sexual está no cerne de todos os problemas sociais por seu caráter hierárquico de dominação. O sexo, de acordo com sua percepção, possui um caráter político que, mesmo não aparente, remete a significados que implicam a desvalorização das atividades e do mundo das mulheres. Zirbel (2007, p. 119), dá continuidade a esse pensamento ao afirmar que “o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens (ou do masculino), enquanto categoria social, atribuindo, dentre outras coisas, um valor maior às atividades masculinas em detrimento das femininas”. Adrienne Rich (1976) complementa que o patriarcado é

[...] a familiar-social, ideological, political- system in which men by force, direct pressure or through ritual, tradition, law, and language, customs, etiquette, education, and the division of labor, determine what part women shall or shall not play, and in which the female is everywhere subsumed under the male. (RICH, 1976, p. 57 -58)³⁴.

O debate sobre o patriarcado tinha a intenção de evidenciar em que pontos esse sistema ideológico propiciava a manifestação da violência de gênero alicerçada na dinâmica da dominação e submissão das mulheres. Nos anos 80, essa discussão prossegue e, dessa vez, o movimento feminista passa a enfatizar a questão da diferença, da subjetividade e da

³⁴[...] Um sistema sócio-político-ideológico familiariza, em que os homens pela força, por pressão direta ou através de ritual, tradição, lei e linguagem, costumes, etiqueta, educação e divisão do trabalho, determinam que parte das mulheres deve ou não deve estar, e em que a fêmea está em todos os lugares subsumido o macho.

singularidade das experiências, o que na corrente segunda onda do feminismo não era discutido. A crítica pós-modernista da ciência ocidental introduz o paradigma da incerteza e das divergências no campo do conhecimento, o que foi essencial para outra virada do pensamento feminista.

Narvaz (2005, p.58) comenta que as feministas, principalmente as francesas, tiveram grande influência do pensamento pós-estruturalista dos filósofos Michel Foucault e Jacques Derrida que predominava na época, na França, em especial, a exploração das subjetividades e como elas são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo. Essa visão mais relativista de feminismo, que incluía um debate inicial sobre diversidade, foi o que iniciou a chamada terceira onda do feminismo, perdurando durante toda a década de 1980.

O movimento começa, então, a pensar questões concernentes aos diferentes tipos de mulher fora do eixo das teorias políticas exclusivamente ocidentais, considerando aspectos culturais, sociais, étnicos, de sexualidade e de gênero, dentre outros. As teorias pós-modernas abrem espaço para novas vozes advindas de diferentes experiências pessoais. Como resultado, esses aspectos contemporâneos oferecem uma rica fonte de um novo pensamento libertário, através dos debates acerca da alteridade e dos estudos das relações de gênero. O desafio nesta fase do feminismo é de, simultaneamente, pensar a igualdade e a diferença.

De acordo com Louro (1995), esta fase do movimento feminista é fruto da intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e as universidades, nos centros de estudos sobre a mulher e sobre gênero, onde teóricas feministas revisaram certas categorias de análise consideradas fundamentais, mas mutáveis quando relacionadas aos estudos de gênero. Narvaz (2005) explica:

As questões introduzidas pela terceira geração do feminismo revisaram algumas categorias de análise consideradas fundamentais, mas instáveis (Harding, 1993; Scott, 1986; Louro, 1995) aos estudos de gênero. Estas categorias estão articuladas entre si, que são: o conceito de gênero; a política identitária das mulheres; o conceito de patriarcado e as formas da produção do conhecimento. (NARVAZ, 2005, p.59)

Ainda segundo a autora, as feministas desta geração problematizaram as teorias essencialistas que consideravam as características do gênero imutáveis, pensamento bastante presente nas gerações anteriores. Quando se fala em relações de gênero, são evidenciadas, sobretudo, as características atribuídas aos sexos pelas relações que o indivíduo estabelece

com a sociedade e sua cultura. Narvaz (2005) continua explicitando que o gênero costumava ser

[...] definido a partir do sexo enquanto categoria natural, binária e hierárquica, como se existisse uma essência naturalmente masculina ou feminina nas pessoas. A expressão 'totalizante' foi usada para descrever a ideia até então vigente de que havia uma essência, uma única forma estável e homogênea de ser mulher ou de ser homem. Enquanto 'sexo' descrevia os aspectos biológicos, gênero compreendia a construção cultural que ocorria sobre as diferenças entre homens e mulheres, com base nas diferenças biológicas. (NARVAZ, 2005, p.59)

Como não existe a natureza humana aquém da cultura, a diferença sexual não pode mais ser pensada isoladamente desse contexto cultural na qual está imersa. A diferença biológica é apenas um atributo da construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é característica biológica, enquanto o gênero se relaciona à dimensão de interações sociais do feminino e do masculino. O conceito de gênero também permite pensar nas diferenças sem transformá-las em desigualdades, ou seja, sem que as diferenças sejam ponto de partida para a discriminação.

A categoria gênero foi trabalhada pelas feministas de forma a apontar o silêncio da narrativa histórica hegemônica que se deu sobre as mulheres e também criticar a ideia de "neutralidade" do gênero na epistemologia moderna, desnaturalizando e desconstruindo a perspectiva sobre o gênero. Scott (1990) compreende o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais estabelecidas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica dos sexos. Assim, que o gênero passa a ser uma categoria relacional e política, que ocorre num campo discursivo e histórico de relações de poder.

Na afirmação de que sexo e corpo são construções culturais, Scott (1990) e outras teóricas feministas não pretendem de forma alguma negar a materialidade dos corpos ou a existência de uma diferença anatômica entre homens e mulheres, mesmo porque essa divisão binária de homem/mulher exclui outras condições produzidas pela natureza, como os casos de hermafroditismo, por exemplo, além de ignorar que constantemente os indivíduos modificam seus corpos de maneira a adaptá-lo a algum gênero. A construção perfeita de homem e mulher recai como um dever opressor, propagandeado pela mídia, sobre os sujeitos que devem se adaptar a um "gênero" e ao conceito de beleza associado a esse, mesmo que, por vezes, se trate de uma escolha de identidade que o indivíduo pretende praticar independente de seu sexo biológico (e, como escolha, atua como possibilidade de libertação), como no caso dos/as transexuais e dos/as transgêneros.

O que se pretende, ao contrário, é relativizar o caráter pré-estabelecido de um sistema conceitual de relações que equaciona *sexo* e *corpo*, pois é apenas nos interstícios da cultura que o corpo e o sexo produzem sentidos e significados, tornando-se compreensíveis. De acordo com Flax (1992, p. 218-219) "uma das metas básicas da teoria feminista é (e deve ser) analisar as relações de gênero: como as relações de gênero são constituídas e como nós pensamos ou, igualmente importante, não pensamos sobre elas". A autora ainda afirma por "relações de gênero" entende-se "um conjunto complexo de relações sociais".

Quando as categorias gênero e sexualidade são relativizadas, as afirmações sobre uma "normalidade" ou "anormalidade" de determinadas sexualidades também podem ser repensadas como construtos culturais e não como "verdades" transcendentais e inquestionáveis. Em razão disto, Butler (2008) defende que

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado "sexo" seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revelasse absolutamente nenhuma. (BUTLER, 2008, p.25)

Assim, de acordo com a teórica, o sexo também seria uma construção discursiva/cultural, não uma facticidade anatômica pré-discursiva, pois não há corpo que não sofra interpretações culturais e atribuição de significados. Narvaz e Koller (2007, p. 217) complementam que o gênero pode ser considerado uma "relação política, que ocorre num campo discursivo e histórico de relações de poder", sendo gerado a partir de discursos, e não da biologia.

As autoras asseveram que estas novas concepções sobre gênero abriram espaço ao questionamento do que é "ser mulher" que, ao contrário de qualquer visão essencialista e tradicional do feminismo, passa pelos efeitos de formações específicas de poder que variam de uma época para outra e até na mesma época, em regiões distintas e em camadas sociais específicas. Para Butler (2008),

Mulheres é um falso e unívoco substantivo que disfarça e restringe uma experiência de gênero variada e contraditória. A unidade da categoria 'mulheres' não é nem pressuposta nem desejada, uma vez que fixa e restringe os próprios sujeitos que liberta e espera representar. (BUTLER, 2008, p. 213).

Portanto, a teórica explana que, de fato, não há qualquer essência que defina a mulher ou do homem, pois o próprio ato de nomeação "é uma mulher" é performativo. A

categoria “gênero” é conceituada pela autora como um “ato performático”, como um efeito produzido ou gerado. Narvaz (2005, p. 60) explica que essa teorização remete à formação individual de cada sujeito como um processo, que acontece dentro de um campo situado de possibilidades, de seu próprio gênero, sendo “reafirmado ou renegociado através de sucessivas ‘performances’” e reitera que performances “são práticas concretas através das quais os sujeitos se constituem, tais como, por exemplo, a maneira de vestir-se”, de portar-se e de expressar-se ante a sociedade. Costa (2002, p.71), conclui que

[...] “mulher” é uma categoria histórica e heterogeneamente construída dentro de uma ampla gama de práticas e discursos, e sobre as quais o movimento das mulheres se fundamenta [...] Dado o contexto conjuntural que acompanha certas exigências políticas, essa categoria é (e deveria continuar sendo) utilizada para articular as mulheres politicamente, reconhecendo-se, contudo, suas temporalidades e densidades divergentes. (COSTA, 2002, p.71).

Dessa forma, na atualidade, coexistem correntes do movimento feminista que propõem abandonar a categoria “mulheres”, como sugerido por Butler (2008), com teorias que entendem ser necessária manter a identidade de uma categoria, em função das lutas políticas que devem ser travadas pelas “mulheres do feminismo”, como compreende Narvaz (2005). A categoria, assim, se posiciona em terreno de formações histórico-discursivas, onde sua história deve ser acompanhada e compreendida à luz da história de várias outras categorias, como classe, raça, etnia, sexualidade, nação, entre outras, para que se mantenha crítica, atual e relevante.

Tanto em seus aspectos políticos quanto teóricos, as gerações do feminismo não podem ser entendidas desde uma perspectiva histórica linear. As propostas divergentes peculiares de cada uma das fases do feminismo sempre coexistiram e ainda se relacionam na contemporaneidade. Mesmo com o avanço do pensamento feminista, as militantes continuam sustentando o peso de defender os direitos da mulher e dar visibilidades às suas singularidades. Mesmo hoje em dia, a palavra “feminismo” carrega uma grande carga pejorativa, associada à figura estereotipada de mulheres que querem subjugar homens. Essa imagem vem sendo progressivamente desconstruída pelas feministas da contemporaneidade, ressaltando, ao contrário, a imagem das mulheres que querem equivalência de poderes, oportunidades e direitos não contra ou a frente dos homens, mas, sim, ao lado deles. É importante constatar que o feminismo é um movimento em constante construção e reconstrução.

Muitos dos direitos básicos, aqui discutidos durante um breve histórico do feminismo, não foram outorgados integralmente ou sequer foram dadas titularidades a esses direitos e, quando raramente acatados, tem seus exercícios condicionados à situação social ante as expectativas da sociedade em relação às responsabilidades específicas de gênero. Mesmo com esses percalços, as mulheres estão presentes em todos os espaços da vida cotidiana e continuam se reunindo para dar voz às suas reivindicações de participação social paritária à dos homens tanto nos espaços públicos, quanto nos espaços privados. Na atualidade, esse debate ganha mais força, permitindo que as experiências pessoais e sociais dos sujeitos femininos e masculinos sejam repensadas. O movimento procura reforçar a identidade sexual feminina negando a relação de hierarquia entre o homem e a mulher. Defende, ainda, que as qualidades ditas femininas ou masculinas sejam vistas como atributos do indivíduo e não de um ou outro sexo. As questões feministas, agora, ocupam espaço não só na academia, mas também na política, nas discussões em eventos de proporções mundiais, na rua, no gueto e, inclusive, nas favelas, sempre levantando novas propostas e dando continuidade às discussões e conquistas das gerações anteriores.

Dentre as reivindicações do moderno movimento feminista, está a interrupção voluntária da gravidez, dentro da perspectiva de controle da natalidade, a radical igualdade nos salários, o acesso a postos de representatividade pública feminina, o reconhecimento e a valorização das conquistas dos povos negros e de outras etnias, bem como a valorização de suas identidades, as lutas contra a homofobia, a ênfase na liberdade e valorização das múltiplas sexualidades, a luta hodierna contra os índices “gritantes” de violência contra a mulher no Brasil e no mundo, dentre diversas outras causas levantadas, ativamente discutidas em meio feministas.

Embora tenha alcance internacional, o movimento feminista não é unificado nem possui uma organização central, sendo caracterizado, principalmente, pela auto-organização das mulheres em múltiplas frentes, tendo como métodos de atuação desde grupos de pressão política até grandes manifestações públicas, como a Marcha das Vadias, ressaltada em nossa pesquisa. A marcha dialoga com todas essas questões citadas, dando especial foco a busca pela legitimidade de todas as mulheres terem a sua liberdade sexual garantida e protegida contra qualquer tipo de violação, como o estupro, em uma perspectiva libertadora das opressões presentes na sociedade sobre a sexualidade feminina. Essa luta só é significativa por ser construídas dentro de um processo permanente e constantemente atualizado de reconhecimento de outras lutas de *outras* mulheres por liberdade.

4.2 MARCHA DAS VADIAS NO BRASIL E NO MUNDO: UM NOVO MARCO FEMINISTA

É conhecido internacionalmente como “Slutwalk” o movimento de protesto das mulheres contra a violência sexual e o machismo. O “Slutwalk” iniciou-se em Toronto, Canadá, em 3 de abril de 2011, e teve como principal catalisador do movimento a declaração do policial Michael Sanguinetti que afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas”, durante uma palestra sobre auto proteção, em 24 de janeiro de 2011 na Universidade de Toronto, segundo o site torontônio do movimento³⁵. Em vista desses comentários, várias jovens se indignaram na plateia e, junto às universitárias feministas da York University, publicaram em redes sociais sobre os comentários moralistas e patriarcalistas do policial e organizaram o primeiro “SlutWalk” de Toronto.

O que acabou sendo produtivo sobre os comentários degradantes de Sanguinetti foi a grandiosa resposta internacional que emergiu desta breve fala que, pode-se dizer, é típica do cotidiano e normalmente passaria despercebida nas pequenas violências verbais do dia a dia. O “SlutWalk” ilustrou como um pequeno grupo de mulheres decididas pode promover conscientização sobre a violência contra a mulher à nível internacional e uma forma de resistência política contra uma cultura que considera aceitável culpar as vítimas de violência sexual.

A grande divulgação desses acontecimentos provocou diversas represálias de feministas de todo o mundo, que afirmavam que “se ser livre é ser vadia, somos todas vadias” em resposta à declaração do policial. Elas reforçam ainda que este tipo de declaração justifica a atitude dos estupradores como uma consequência natural às roupas “provocantes” das mulheres, que, segundo a visão dele, se vestiam como vadias.

Este acontecimento entrou para a história ao ganhar repercussão nos principais jornais e redes sociais do mundo, o que gerou uma onda de protestos dos movimentos feministas em diversos países. No Brasil, o movimento recebeu o nome de Marcha das Vadias e já percorreu estados, como Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Curitiba, Belo Horizonte, Recife, dentre outros. Durante a Marcha, mulheres de todas as faixas etárias produzem cartazes com frases da ideologia feminista, organizam a manifestação e vão às ruas vestidas com roupas provocantes para protestar.

Apesar do caráter feminista atual da manifestação, as primeiras Marchas não foram organizadas por ativistas que se intitulavam ou se assumiam feministas. Tanto a

³⁵Como explicitado na sessão “Why”. Cf: <http://www.slutwalktoronto.com/>. Acessado em: 19 de março de 2014.

primeira marcha de Toronto, no Canadá, como a primeira marcha brasileira, em São Paulo, foram organizadas por universitárias que se identificavam com a proposta de luta da Marcha, mas que não se consideravam feministas, talvez pela conotação negativa que o termo recebe da mídia. Pouco após a realização das primeiras Marchas, a *SlutWalk* de Toronto passou a se identificar como uma marcha feminista, alinhando-se, também, a outras propostas do movimento. Já as organizadoras da primeira Marcha das Vadias de São Paulo, saíram da organização da mesma na segunda edição por considerarem que “os grupos feministas acabam sendo o oposto do machismo. E na nossa marcha nós deixamos claro que não éramos feministas, e sim femininas”, como relata Aronovich (2011)³⁶. Tais acontecimentos demonstraram não só um desconhecimento do que é o feminismo, como a reprodução de estereótipos do sujeito feminista e das suas práticas sociais, presente na fala da organizadora de São Paulo. Passado esse tempo de adaptação, no ano seguinte, em 2012, com a “retomada” feminista, grande parte das ativistas se identificaram abertamente como feministas e além de levantar cartazes de que expressam frases do movimento, as ativistas pintaram seus corpos com mensagens de sororidade e protesto.

O termo “vadia” – traduzido do inglês *slut* – pejorativamente significa mulher de conduta duvidosa, licenciosa ou, mais vulgarmente, “vagabunda”, ou “prostituta”. Pode-se observar assim que o termo pode se referir a qualquer mulher que exerça sua liberdade, principalmente a sexual. A utilização desse termo por um policial, defensor da lei e da ordem, para categorizar as mulheres que usam roupas provocantes como culpadas, caso sejam estupradas, reflete as opiniões machistas e preconceituosas do pensamento das sociedades patriarcais que reverberam no mundo inteiro. Por conta disso, o termo foi apropriado pelas mulheres que questionam o *status quo*, ressignificando o uso da palavra vadia para “aquela mulher que é livre”.

O termo “vadia” passa a funcionar, nesse contexto, com um sentido positivo, como palavra de ordem para o movimento feminista, pois este sentido é subvertido e ressignificado no contexto da marcha, como forma de ruptura dos sentidos estabilizados pelo chamado “senso comum”, como mulher independente, emancipada, que vai à luta por seus direitos. Interessante notar, quanto a este último sentido, que o substantivo *vadia* está relacionado ao verbo *vadiar*, cujo sentido etimológico vem do temo latino *vagare* que seria andar sem propósito, sem destino. No caso da Marcha das Vadias, ao contrário disso, parece

³⁶ Cf: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2011/06/o-que-e-isso-companheiras.html>. Acessado em: 30 de março de 2015.

ser um movimento de mulheres que andam com propósito, que lutam com um destino: terem os seus direitos reconhecidos por uma sociedade dita machista.

Segundo a teoria bakhtiniana, é no diálogo com os discursos na grande temporalidade diacrônica que o enunciador ressignifica o discurso que o constitui o seu horizonte de valores, através da contrapalavra. É essa categoria que permite, através da compreensão responsiva, a produção do novo e a ruptura de sentidos estabilizados, pois segundo Bakhtin (2010), “mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolado subsequente, futuro”. De que forma, portanto, as feministas desconstroem e reconstroem os papéis atribuídos à mulher a partir de discursos machistas?

A Marcha das Vadias propõe-se a ressignificar insultos direcionados à mulher, como a própria palavra “vadia”, combatendo, desta forma, não só a violência física, como também a violência verbal, ambas decorrentes do uso sexista da linguagem direcionado às mulheres. Sendo assim, o movimento propõe a superação do estigma da palavra derogatória pela adoção da mesma, ao incorporar para si o termo mais fortemente investido pelo que o movimento feminista Marcha das Vadias denomina de “cultura patriarcal”. É, portanto, uma das estratégias políticas e linguísticas de empoderamento na/pela linguagem dos movimentos feministas mais utilizadas no momento.

É importante ressaltar que a Marcha das Vadias está longe de ser consensual entre as feministas, apesar da visibilidade política alcançada desde seu início. Um dos avanços que as feministas problematizam na Marcha, por exemplo, é a legitimidade de incorporar homens e transexuais na organização da mesma, o que indica uma mudança significativa em relação às concepções feministas das gerações anteriores, que representava mulheres, em sua maioria, brancas, cisgêneras e de classe média.

A visibilidade do movimento negro iniciou a problematização da questão racial, que foi pouco abordada nas primeiras Marchas. O tema cor/raça tornou-se recorrente nos debates que acontecem em reuniões feministas, pois as feministas negras relatam não se sentirem contempladas totalmente pela Marcha, por não estarem inseridas no padrão de feminismo desse movimento. Elas debatem que a mulher negra sofre dupla opressão: por ser mulher e por ser negra, logo a sua luta por uma igualdade de gênero torna-se mais difícil e ser denominada como “vadia” não ajudaria na representação positiva da mulher negra.

A existência dessas controvérsias ilustra a complexidade dos feminismos na atualidade, o que possivelmente indicará novas direções para o movimento no futuro, pois,

com a unificação de pautas de todas as feministas, mais mulheres se sentem representadas e a luta vai para além do machismo, se estendendo a questões raciais, que promovam a quebra de estigmas da mulher negra. De acordo com Sueli Carneiro (2004), pioneira do movimento de mulheres negras:

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra [...] ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres [...] e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (CARNEIRO, 2004 p.49-58)

Com as várias exigências de representação do sujeito mulher, dentro da Marcha das Vadias, essa categoria se apresenta como uma variável sócio-histórica-ideológica. A dicotomia homem/mulher, demarcada fortemente pelo “sexo biológico” em nossa sociedade, não é abordada de forma essencialista pelo movimento, mas socialmente construída e influenciada por vários marcadores sociais da diferença. As novas pesquisas em torno do gênero, em que a Marcha das Vadias se insere, buscam a desessencialização, não procuram mais a compreensão de um sujeito único do feminismo, abrangendo mulheres que não se limitam pelo gênero designado no nascimento, e incluindo questões de representação social, racial, com foco no combate à violência de gênero. Esse sujeito discursivo feminista reivindica outros parâmetros de representação para as mulheres não só no âmbito social, como também no campo léxico e verbo-visual, que reproduza a enorme diversidade que se faz presente em nossa sociedade e que não reduza o construto mulher a dois papéis: santa ou prostituta.

A acusação da vítima está pautada na crença cultural de que as mulheres são portadores da moralidade e fundamentada em entendimentos de que essa moralidade está mantida dentro do corpo feminino. Assim, a regulação sexual sobre o corpo das mulheres, em que o corpo feminino é acreditado como uma ferramenta de magia e sedução, demonstra que ele não está nem seguro no biquíni, em que se encontra em plena exibição, ou dentro da burca, na qual está totalmente velado, como afirmam Duits e Van Zoonen (2006).

Deve-se reconhecer, no entanto, que a sociedade ocidental contemporânea já fez grandes avanços em relação à criminalização da violência sexual. Fonseca (2012) relata, por exemplo, que no contexto brasileiro, em até meados do século XX,

[...] no caso em que uma mulher fosse estuprada, o agressor não era punido caso se casasse com a agredida. Isso revela a ideologia de que o estupro realizado por uma pessoa, que não o marido, se trataria somente de um problema de “honra” da mulher e que bastaria o casamento para ser solucionado. Nesta lógica não se incluiria como crimes os casos de estupro “marital”. (FONSECA, 2012, p.55)

Leis que permitiam esse tipo de prática eram comuns até alguns anos atrás no Brasil e ainda são postas em prática em algumas nações do Oriente. Pinker (2013 p. 536) relata outras práticas abusivas que aconteciam nas civilizações antigas: as mulheres e crianças, se estupradas, podiam ser vendidas aos estupradores; a mulher casada que sofresse estupro era considerada adúltera e condenada à pena de morte; e os soldados que invadissem alguma nação tinham autorização para abusar das jovens mantidas em cativeiro. Assim, observa-se que durante muito tempo, e por meios legais, absolveram-se cônjuges que assassinaram, ou maltrataram suas companheiras sob a égide da legítima defesa da honra masculina, que só era assegurada aos homens, visto que a recíproca não era verdadeira. Tais barbaridades são a materialização da violência machista, que ainda vigora nos índices de vítimas de violência doméstica.

Esses exemplos de violação dos Direitos Humanos, infelizmente, ainda se repetem em certos países onde não há censura alguma da violência contra a mulher, o que demonstra que, mesmo com avanços significativos nas políticas de gênero, as mulheres ainda estão sujeitas a valores sociais e culturais profundamente sexistas, ou o que alguns grupos de ativistas estão definindo como "cultura do estupro". Para escritora e blogueira feminista Aronovich (2012), a “cultura de estupro é quando temos uma sociedade que tolera e até incentiva o estupro, e que está sempre pronta pra culpar a vítima”. Esta cultura é constantemente engendrada em discursos machistas, mascarados pelas imagens culturais e tradicionais dos gêneros, naturalizadas no imaginário dos sujeitos sociais e que provém de discursos misóginos, da ideologia patriarcalista. Tais discursos, portanto, são reiterados cotidianamente, perpetuando e legitimando, através de diversos meios simbólicos e midiáticos, a posição de submissão e opressão que as mulheres deveriam ocupar.

Uma campanha fotográfica como a da Marcha das Vadias de 2012, do Distrito Federal, que divulga a pertinência de um ato como o da Marcha das Vadias, que é um movimento mundial, é importante para a modificação das estruturas sociais violentas em relação às mulheres, na medida em que desvelam, explicitam e desnaturalizam as relações de poder que o homem, a entidade familiar e a sociedade têm sobre a volição e liberdade da mulher.

A Marcha das Vadias atualiza um discurso reivindicatório do corpo³⁷ da mulher, demonstrando que a bipolaridade santas/putas que divide e estigmatiza as mulheres, é uma interdição que ainda precisa ser sobrepujada. Isso se revela quando os atos são reafirmados, reconstruídos e disseminados simbolicamente em cartazes, nos corpos das militantes, nas plataformas virtuais, como no caso da campanha fotográfica Feminista Por Quê?, estabelecendo uma reverberação mundial na luta das mulheres. A relação corpo carnalizado-discurso-imagem anuncia uma nova maneira de atuar para as organizações feministas, que atualizam as lutas contra as interdições sobre os corpos femininos, que estigmatizam a mulher e naturalizam a violência de gênero.

4.2.1 MARCHA DAS VADIAS E AS REDES SOCIAIS

Apesar do caráter internacional da Marcha das Vadias, existem especificidades locais que têm origem no cotidiano e nas experiências diferenciadas das mulheres, que são consideradas na organização da Marcha em diferentes localidades. As militantes da Marcha das Vadias da vertente do Distrito Federal afirmam que, por conta desses aspectos, a Marcha não foi importada e sim apropriada, criada e recriada a partir das diversas vivências locais das mulheres nas cidades onde as Marchas são realizadas.

Elas também justificam a participação das mulheres na Marcha, ao ressaltar que todas essas mulheres marcham por seus direitos de ir e vir, de se relacionar com quem e da forma que desejarem e de se vestir da maneira que lhes convier, sem a ameaça do estupro e/ou de qualquer outro tipo de violência e sem o agravante da responsabilização da vítima por esses crimes. É enfatizada, ainda, que a principal motivação da Marcha das Vadias é a situação, compartilhada por mulheres de todo o mundo, de cerceamento da liberdade e da autonomia, de medo de sofrer violência e da objetificação sexual, muito difundida pela mídia e exaltada nas propagandas de diversos produtos de consumo.

A internet e, em especial, as redes sociais, tiveram um papel fundamental na construção e na divulgação das Marchas desde o início. Ela proporcionou uma forma mais rápida e dinâmica de intercâmbio de ideias para a formação das Marchas em todo o mundo, favorecendo a divulgação de diferentes concepções dos feminismos contemporâneos e desmistificando opiniões populares de que o feminismo busca a superação dos homens pelas

³⁷ Temos conhecimentos de estudos clássicos sobre “o corpo”, como os de Foucault (2010) e Butler (2008), no entanto, aqui, trataremos o corpo sob uma perspectiva bakhtiniana (1987)

mulheres, quando, na verdade, o que se busca é a equidade de direitos entre os mais diversos gêneros e sexualidades, valorizando as diferenças e especificidades de cada uma. Assim, a internet passa a ser uma importante ferramenta também de crítica, discussão, reação e diálogo com os mais diferentes setores da sociedade, possibilitando enfrentamentos com a grande mídia sobre temas como o feminismo, o gênero e a violência.

No Brasil, essa espécie de “web-militância” feminista incita diversificados debates em populares redes sociais como o Facebook e o Twitter, bem como a divulgação de seminários e palestras sobre as mulheres, o gênero, a sexualidade e a cultura na Marcha das Vadias. As militantes das Marchas também tiveram a preocupação de expandir suas atividades para além da internet, por ainda ser um espaço elitizado ao qual nem toda a população tem acesso ou familiaridade.

Assim, para pensar essas questões, é de grande importância perceber a diversidade da produção da Marcha possibilitada pelas mídias virtuais, como a campanha fotográfica Feminista Por quê?, produzida pela Marcha das Vadias do Distrito Federal (Mdv-df), e analisar de que modo esta responde a discursos machistas, viabilizando a produção de opiniões alternativas sobre feminismo e as identidades femininas, o que, neste trabalho, é almejado utilizando o arcabouço teórico proposto pelo Círculo de Bakhtin.

4.2.2 Marcha das Vadias e a Mídia

Na sociedade contemporânea, é inegável o papel que a mídia desempenha como mecanismo poderoso de veiculação de discursos e formas autorizadas de poder, com destaque para o jornalismo, prática social responsável pela mediação entre esferas, sujeitos e discursos sociais, e para a publicidade. Tais produções midiáticas atuam como “espelhos” das relações travadas em sociedade, dos costumes adquiridos, das ideologias disseminadas, enfim, configuram-se como meios sensíveis às transformações sócio-histórico-ideológicas por que passam as comunidades discursivas.

De acordo com uma visão bakhtiniana, a mídia, como prática social e discursiva, deve ser entendida sempre como relação dialógica entre sujeitos objetivamente localizados, cujos modos de ser e de estar no mundo não são puros, mas constituídos fundamentalmente por discurso, o que significa serem “impregnados pela configuração social” (FIORIN, 2009). No cenário brasileiro contemporâneo, os discursos hegemônicos de docilização dos

corpos³⁸ das mulheres são visivelmente reproduzidos pela mídia de massa, que, ao se utilizarem de discursos que se construíram e se fundamentaram na História, projetam e reproduzem estereótipos de identidades que desrespeitam as minorias sociais.

Sobre a Marcha das Vadias, por ser um fenômeno muito recente, não tem um estudo com dados específicos sobre a percepção da sociedade acerca do movimento, no entanto, têm-se inúmeras pesquisas prévias sobre a relação entre as questões feministas e os meios de comunicação. As críticas da mídia à legitimidade da Marcha são recorrentes e apenas fazem parte de um contexto discursivo maior de controvérsias políticas e públicas relativas à interpretação midiática de temas que rondam a “cultura de estupro” e outras questões em que os corpos das mulheres, sua segurança e saúde reprodutiva são centrais. Durante décadas o movimento feminista tem respondido à mídia sobre questões como estas, atacando diretamente o silenciamento dela frente a dados “gritantes” de violência com razões machistas contra a mulher e a deturpação das histórias de vítimas de violência sexual, tão explorada em manchetes sensacionalistas, em que, muitas vezes, a culpa do crime é atribuída à vítima.

De acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública³⁹, entre 2005 e 2010, ou seja, em cinco anos, os registros de estupro no Brasil aumentaram em 168%. Os dados demonstram que se em 2005 os registros foram de 15.351 e que em 2012 subiram para 41.294. Segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), estima-se que a cada 12 segundos uma mulher sofre violência no país. A cobertura jornalística de um movimento como a Marcha das Vadias continuamente interpreta mal os objetivos feministas do movimento, enquanto faz uma abordagem insuficiente de políticas que revertam esses índices de violência. Em outras palavras, mesmo que o conteúdo midiático seja destinado a fornecer informações sobre os problemas sociais e as desigualdades existentes, permanece o fato de que as instituições midiáticas são meios e produtos das mesmas estruturas sociais que produzem essas desigualdades, e, portanto, muitas vezes são incapazes de ver além das atuais normas e pressupostos sociais existentes.

Apresentar a Marcha das Vadias como um evento ativista sério e significativo é um passo na direção certa para uma profunda reflexão sobre a questão da culpabilização da vítima e por abordar ativamente os estereótipos sexistas ao redor das vítimas de agressão

³⁸Foucault (2010) explica que corpo dócil é aquele que obedece: não questiona, não sente, não pulsa; somente atenta-se a responder a ordens exteriores quase como um reflexo. Neste momento, o corpo aprende a calar sua voz e a linguagem, aprende a repetir os discursos que lhe são soprados ao ouvido.

³⁹Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/5a-edicao>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2015.

sexual. Isso desafia alguma da literatura anterior sobre a cobertura de notícias, e mostra que uma organização de notícias convencional pode cobrir o feminismo e agressão sexual com precisão e respeito.

Uma manifestação como a Marcha das Vadias, em que o corpo despido é utilizado para promover visibilidade na divulgação das mensagens de igualdade e liberdade, vai de encontro a esses discursos e confronta a atual imagem hegemônica da mulher e do feminino representadas na mídia e na sociedade de consumo. A Marcha promove o questionamento dos padrões estéticos impostos à mulher, como a sustentação de aspectos de magreza, beleza, erotismo e sexualidade, que respondem aos critérios criados pela engrenagem que move a circulação midiática do corpo. Nesta lógica, o instável corpo feminino deve ser mantido dentro de um rígido ideal de beleza seja conservado pelo máximo de tempo possível. A mídia tem o poder de representar, e, conforme observa Silva (2000),

[...] quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. À medida que associam significados, imagens, características, condutas e estilos de vida a um ou outro gênero, as representações midiáticas ajudam a configurar identidades e relações de poder na sociedade. Entretanto, apesar do poder exercido pelos discursos da mídia na sociedade contemporânea, a produção de sentidos não garante a assimilação de modelos de comportamento e papéis de gênero pelos sujeitos interpelados. A subjetividade é inerente à linguagem e, com isso, existe o potencial de aceitação ou de rompimento dos sentidos articulados no discurso, em um contexto de comunicação. (SILVA, 2000, p.91)

Posto isso, enfatizamos que, ao pensarmos a ideia de confronto na Marcha das Vadias, referimo-nos aos aspectos padronizantes dos ideais de feminilidade, atrelados à essencialização do que é o ser “mulher”, que a cultura midiática difunde largamente. As militantes, não conformadas com esses modelos, se dispõem a enfrentá-los e, dessa forma, conquistam a simpatia e o apoio de pessoas que se identificam com as propostas do movimento. Villaça (2010) percebe que:

[...]o momento atual sofre de excesso de controle sobre a produção de nossa corporeidade, seja através de intervenções médicas, seja através de intervenções de toda sorte em busca da perfeição publicitária anunciada nas imagens midiáticas e virtuais na era do consumo e do espetáculo. (VILLAÇA, 2010, p. 160).

Entendemos que a Marcha das Vadias desfaz a ideia de que a juventude feminina do século XXI é acomodada, estagnada e alienada. É também um movimento feminista moderno, que se propõe a rever a própria denominação “mulher”, se abrindo ao que Butler

(1998) denomina de “todo um campo de diferenças indesignáveis [...] permanentemente aberto e passível de ressignificações”. A marcha também problematiza os estereótipos por meio da abordagem das subjetividades excêntricas dos corpos que tem nos recursos da identidade, possíveis lugares estratégicos de ação política.

Butler (1998) enfatiza, ainda, que qualquer mirada orientada para a denúncia da naturalização do que é “ser mulher” na sociedade contemporânea deve mobilizar os significantes a serviço de uma produção alternativa, deslindando os atos constitutivos e discursivos, que conferem estatuto positivo aos estereótipos, isto é, a certa “aderência forçada” entre referentes e significados. É necessário que se problematize a legitimidade da representação estética e política, ao interrogar os sistemas de poder, como a mídia, que autorizam certas representações do feminino, enquanto outras são obstaculizadas, proibidas ou invalidadas.

4.3 O PAPEL DA PROPAGANDA NA DIFUSÃO DE MENSAGENS SOCIAIS

A mídia, pensada de acordo com o ideário proposto pelo Círculo de Bakhtin, pode ser caracterizada como uma esfera discursiva formada por uma “rede complexa de signos ideológicos situada no interior de ambientes múltiplos” (STAM, 2010, p.331) que se constitui em um campo de batalha de significados sociais. Em meio a diversas práticas discursivas sociais, a comunicação midiática, especificamente, a propaganda, atua sobre a produção, reprodução, manutenção e/ou transformação dos discursos.

É importante fazermos um breve comentário sobre a diferença terminológica, entre os termos publicidade e propaganda devido à divergência entre os estudiosos da área quanto aos vocábulos referentes a esse recurso midiático. No entanto, não nos ateremos a nomenclaturas e características específicas de uma ou outra, por estas estarem diluídas em nossa análise da campanha fotográfica Feminista Por quê?.

Interessa-nos, assim, as acepções de Sant’Anna (2006, p. 75) de que os termos publicidade e propaganda não significam a mesma coisa, mesmo sendo usados na atualidade como sinônimos. O autor elucida que o termo propaganda deriva do verbo latino *propagare* e “que quer dizer enterrar, mergulhar, plantar”, desta forma, a propaganda seria a propagação de princípios e teorias. Já o termo publicidade deriva de público, do latim *publicus*, e significa divulgar, tornar público um fato ou uma ideia.

Os trabalhos de Vestergaard e Schröder (2004) sobre a linguagem da propaganda, não apontam preferências entre um ou outro termo, no entanto, enfatizam a distinção entre os diversos tipos de propaganda. Inicialmente, fazem a comparação entre a propaganda não comercial da comercial. Podemos dizer que o propósito da propaganda é informar o público ou algum setor do público sobre um produto, empresa, serviço, ação, etc. Segundo Vestergaard e Schröder (2004, p.3), a linguagem usada no gênero propagandístico é geralmente selecionada com muito cuidado para satisfazer objetivos específicos, pois, além de informar, os anúncios também são usados para persuadir e influenciar. Existem dois tipos principais de publicidade, de acordo com os autores: a publicidade não-comercial e a comercial. A primeira inclui, por exemplo, comunicados de agências governamentais para os cidadãos, ou apelos de várias associações e sociedades, com objetivos que variam de caridade para propaganda política.

A propaganda comercial pode assumir muitas formas; primeiramente, como aquela em que empresas não anunciam um produto ou serviço, mas sim um nome ou imagem, sendo conhecida como publicidade de prestígio ou institucional, por meio de extratos públicos, de relatórios das empresas ou contas em jornais de prestígio. A pretensão, neste caso, é a de criar uma receptividade duradoura junto ao público. Outro tipo de propaganda comercial é a *propaganda industrial* ou de varejo em que uma empresa anuncia seus produtos ou serviços para outras empresas. Nesse tipo de propaganda tanto o anunciante quanto o leitor em potencial tem um interesse especial no que está sendo anunciado, e eles têm algum conhecimento sobre o assunto. Isso se reflete na linguagem utilizada, em que a informação factual é mais importante e há menos ênfase na persuasão. O terceiro tipo é a propaganda ao consumidor, em que uma empresa tenta vender seus produtos ou serviços para os consumidores “amadores em face a um vendedor profissional”.

Em seguida, os autores se debruçaram sobre os diferentes parâmetros tradicionalmente analisados na propaganda, estabelecendo uma distinção entre dois tipos de parâmetros: a mensagem verbal e a mensagem visual. Na mensagem verbal, estudam, dentre outros elementos, a situação de comunicação; estrutura textual: coesão e coerência; estrutura de informação; conteúdo: implícito e explícito; e os papéis dos participantes. No que tange à mensagem visual, eles estudam o texto relacionado à imagem; as imagens relacionadas aos contextos de comunicação; o ícone, o índice e o símbolo; a denotação e a conotação e a ênfase visual. Conforme os autores (2004, p. 74), “os anúncios devem preencher a carência de identidade de cada leitor, a necessidade que cada pessoa tem de aderir a valores e estilos de

vida que confirmem seus próprios valores e estilos de vida e lhe permitam compreender o mundo e seu lugar nele”.

Acreditamos, portanto, que os anúncios da campanha fotográfica Feminista Por quê? se enquadram no que os autores chamam de propaganda não-comercial, por interpretarmos que esse discurso propagandístico está inserido sócio, histórico e culturalmente no que Bakhtin (2010b) denomina de gêneros “relativamente estáveis”. O que significa dizer que eles refletem as condições específicas e finalidades da esfera de atividade humana na qual se manifesta, apresentando composição, conteúdo temático e estilo próprios (BAKHTIN, 2010b, p.261-2). Tanto a publicidade quanto a propaganda são gêneros passíveis de adquirir novos sentidos e diversas funções, com um potencial emancipatório latente, o que acreditamos ser de grande valia para a causa feminista da Marcha das Vadias e os propósitos da campanha fotográfica de desmascarar os mecanismos de repressão e recuperar a crítica e as vozes abafadas das mulheres.

4.4 A CAMPANHA FOTOGRÁFICA *FEMINISTA POR QUÊ?*

Uma das atividades mais desenvolvidas pela Marcha das Vadias, no Brasil e no mundo, foi a produção de cartazes, propagandas, vídeos, em se utilizaram de frases, textos e imagens como forma de divulgação das ideias do movimento. A maioria dessas produções focaliza a denúncia da violência simbólica e física sofrida pelas mulheres, buscando formas de ressignificar o corpo e as relações de desigualdade existentes em variadas produções sociais.

As lutas de libertação das mulheres têm historicamente a busca pela autonomia de seus corpos, que abarcam desde os direitos ao controle da fertilidade, as discussões das políticas de aborto, a punições às violências sexuais e outras invasões ao corpo da mulher sem consentimento, até as maneiras de se vestir no ambiente público, que é quando o corpo da mulher sai do âmbito “doméstico” e íntimo e vai para as ruas ser arma de reivindicação. Este último aspecto é um dos mais característicos da Marcha das Vadias.

Por isso, se deu a proposta de uma reapropriação e ressignificação do termo “vadia”, que, nesse contexto, condiz à mulher que vai a rua exercer a sua liberdade, com o propósito de esvaziá-lo de sua conotação negativa, dando a ele outros valores, visto que a palavra “vadia” é carregada de uma simbologia fruto de uma cultura patriarcal que aciona

diversos dispositivos para reprimir a sexualidade da mulher, dividindo-as em ‘santas’ e ‘putas’.

Estes papéis também são índices de como a mulher deve se encaixar no plano espacial da vida em sociedade: a santa, representada pela esposa e tipicamente nomeada como “mulher para casar”, deve permanecer confinada às funções e ao espaço privado do “lar”; e as putas, representadas pelas profissionais do sexo, devem ocupar o espaço público da rua, sendo este designado à prostituição. A Marcha das Vadias, portanto, “ofende a ordem” desse sistema de ordenação do espaço que as mulheres devem ocupar de acordo com seus “tipos”, ameaçando a contaminação de um espaço pelo outro, o que, hodiernamente, é por ações violentas da “cultura patriarcalista” de manutenção desse *status quo*.

Além de promover a obstrução e ocupação desses espaços, um dos principais atrativos das Marchas das Vadias corresponde ao caráter carnavalizado desses eventos - nos termos de Bakhtin (1987) -, que vai desde a natureza polifônica do movimento, carregado de símbolos e alegorias que pontuam as diferenças entre o “oficial” e o “não-oficial”, até a caminhada nas ruas e apossamento das praças públicas. Ela é, ao mesmo tempo, contestação política e ação de visibilidade cultural, ao exaltar a espontaneidade na paródia que fazem das posições designadas para a mulher em sociedade e promover a identificação das diferenças e de valorização das diversidades.

Assim, as Marchas encontram-se entre duas dimensões: a que questiona o *status quo* e, nesse sentido, dialoga com os discursos de outros movimentos sociais e a dimensão da expressão lúdica da liberdade das mulheres sobre seus corpos, o que, em outros contextos, é reprimido em público. É esse caráter carnavalizado, da ambivalência dos papéis femininos e da valorização do diferente, que constitui um traço intrinsecamente libertário e heterogêneo do evento, que se reveste do poder subversivo que um movimento feminista contemporâneo pode ter, ainda que seja escamoteado pelos discursos moralistas de várias esferas do âmbito social, como os da mídia de massa, da família nuclear e de grande parte das religiões cristãs.

A apresentação pública das militantes das Marchas é feita através de táticas de escritas sobre seus próprios corpos, como forma de subverter a nudez e a exposição dos corpos femininos como algo despolitizado e sem propósitos. Esses escritos abrangem o repúdio a qualquer tipo de violência contra as mulheres, à criminalização das vítimas e ao machismo, nas mais diferentes relações sócio-culturais.

Focalizando a campanha fotográfica *Feminista Por quê?*, que compõe o *corpus* do nosso estudo, realizada por uma vertente da Marcha das Vadias do Distrito Federal, podemos observar uma tentativa de aproximação entre as ideias feministas e o cotidiano das pessoas.

Isso se dá com o intuito de buscar um deslocamento das imagens construídas na mídia, e respaldadas por um senso-comum, da militante feminista, fortemente marcada pelos estereótipos da mulher radical e “mal-amada”, que busca a superação do gênero masculino, como vastamente divulgado na grande mídia. O sujeito do feminismo foi, em diversas dessas criações, apresentado de uma forma que desconstruísse tais imagens.

A propaganda da Marcha das Vadias do Distrito Federal se encaixa, portanto, no que Garcia (1982) chama de “propagandas sociais”. Este tipo de propaganda pode ser classificado tipologicamente como aquela que é voltada para as causas sociais como, por exemplo, as que promovem a adoção de menores, a conscientização contra o uso de drogas, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, dentre outras, sendo, portanto, propagandas que procuram aumentar a aceitação de uma ideia ou prática social em um grupo-alvo.

A campanha fotográfica *Feminista Por quê?*, como propaganda social, procura evidenciar de que modo o feminismo atua nas mais diversas relações cotidianas, buscando a compreensão de que o feminismo, mais do que uma luta por direitos e igualdades para as mulheres, questiona as práticas sociais e culturais que constroem e reforçam essas desigualdades. A Marcha também reforça lutas contra o racismo, a homofobia e a violência de classe, que também são representados como pautas do feminismo.

5 ISSO TAMBÉM É FEMINISMO

Howe um tempo em que não eras uma escrava, lembra-te disso. Caminhavas sozinha, alegre, e banhavas-te com o ventre nu. Dizes que perdeste toda e qualquer lembrança disso, recorda-te... Dizes que não há palavras para descrevê-lo, dizes que isso não existe. Mas lembra-te. Faze um esforço e recorda-te. Ou, se não o conseguires, inventa. (Monique Wittig)

Este capítulo será dedicado, considerando a fundamentação teórico-metodológica, à realização da análise propriamente dita dos anúncios selecionados da campanha fotográfica “Feminista Por quê”. Assim, apresentamos o percurso metodológico da nossa pesquisa, o corpus, os dados e os procedimentos de análise dos dados. A nossa análise está dividida em cinco tópicos principais: Mulher e Formação Familiar; Mulher e Sociedade; Mulher e Pertencimento Étnico-racial; Mulher e Sexualidade; e Mulher e Identidade de Gênero.

5.1 TIPO DE PESQUISA

Como anteriormente discutido, esta pesquisa insere-se no campo da Linguística Aplicada (LA), transdisciplinar, que concebe que só podemos investigar os discursos e as identidades de outrem, de forma que nos despojemos de filiações teóricas fechadas, não socialmente responsáveis e que não abrem espaço para perspectivas híbridas, em uma tentativa de abordar múltiplos sujeitos sociais.

O caráter transdisciplinar se justifica pelo esforço empreendido na análise do objeto de investigação por diferentes ângulos e perspectivas. Conforme Lopes (2010, p. 3), “a transdisciplinaridade cumpre o papel de nos auxiliar na tomada de posição e organização frente ao elemento complexo, facilitando o entendimento daquilo que a princípio soa como estranho, torto, bizarro, desarmonioso, ruidoso, errático, dissipativo e atonal”. Esta empreitada se viabiliza pelo trabalho cooperativo entre diferentes disciplinas, que pode responder às diferentes demandas do processo de construção do conhecimento científico.

A LA é sempre provocada a se redefinir quanto aos conhecimentos que produz, quanto a seus limites e a suas possibilidades de abertura. Entendemos, assim, que as práticas discursivas não podem ser analisadas de modo vago, descomprometido e supostamente

parcial, por ser de ordem política e ter o poder de afetar a vida e a relação dos indivíduos. Ainda que respostas para as problemáticas aqui levantadas não sejam definitivas, o presente trabalho intenta produzir conhecimento de aplicação prática, com possíveis soluções a determinados problemas diagnosticados.

A abordagem apropriada a esta pesquisa é a qualitativa, pois não utilizará métodos ou técnicas estatísticas. Com relação a essa abordagem, Richardson (1999), afirma que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Por tratarmos de sujeitos sociais, entendemos que, com essa abordagem, não se pode dissociar os sujeitos das práticas do mundo que os rodeia, do dinâmico movimento em que eles se interconectam mutuamente em meio a ações e retroações com outrem, também inserido nesse mundo. O método qualitativo se caracteriza em um método descritivo de caso, em que a amostra é reduzida, contudo, é um método preocupado com a profundidade da pesquisa.

Com relação à fundamentação teórica realizada para atender aos objetivos deste trabalho, assinalou-se como uma pesquisa exploratória, que, para Cruz e Ribeiro (2003), objetiva “compreender a forma como se processam os fenômenos observáveis, descrevendo sua estrutura e funcionamento [...] tem o propósito de descobrir respostas a questões propostas”. Por meio do estudo exploratório, busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa.

Já a forma de desenvolvimento da pesquisa exploratória pretendida é a pesquisa bibliográfica (GIL, 2008). A pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto. Por meio dela, poderão ser descobertas experiências práticas com problemas e análises semelhantes que estimulem a compreensão acerca do problema aqui proposto.

No que se refere ao quadro teórico da pesquisa, este está embasado na perspectiva enunciativo-discursiva desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, tendo como princípio fundador o *dialogismo*, que se apresenta como um fenômeno geral de todo e qualquer uso da língua, tanto na oralidade quanto na escrita tanto em linguagem verbal, como em linguagem verbo-visual. É através dessa visão dialógica da linguagem, percebida através da pluralidade de vozes que se entrelaçam da construção do discurso, que se analisará o *corpus* deste trabalho.

O método adotado para esta pesquisa, como anteriormente ressaltado, é o Método Dialógico de Análise do Discurso, que se relaciona à Análise Dialógica do Discurso (ADD). Para tanto, teremos como etapas fundamentais as postuladas por Bakhtin/Volochínov (1981):

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da consciência ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura). (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 44 – grifos do autor).

Assim definidas as bases para a análise e a concepção de linguagem postulada pelo Círculo de Bakhtin, é importante considerar a relação estreita entre discurso e os integrantes que lhe dão vida, os sujeitos. Estes que se constituem na complexidade das relações humanas, fundamentadas no princípio da interação, essencial para compreender a construção de sentidos através da língua. Deste modo, o princípio dialógico não se separa da escolha metodológica, pois as etapas seguidas nesse processo são construídas dialogicamente por todos os envolvidos na pesquisa: Pesquisador, pesquisado, concepções teóricas e abordagens metodológicas. Assim, de acordo com Brait (2010), o método dialógico do discurso objetiva:

[...] [ultrapassar] a necessária análise dessa ‘materialidade linguística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2010, p.13).

Desta forma, reiteramos que a Análise Dialógica do Discurso rompe com a Linguística propondo uma Translinguística, que se utilize das resoluções daquela, a fim de ampliá-las seguindo o caráter interativo e social da linguagem. Isso implica em um trabalho analítico e interpretativo de materiais discursivos, que realize a identificação das relações interdiscursivas e da inserção sócio histórico cultural dos discursos e dos sujeitos dessa produção, sempre concebidos em suas heterogeneidades.

Assim, organizaremos nossa análise de acordo com as categorias bakhtinianas discutidas anteriormente nos Capítulos 1 e 2, sem, no entanto, seguirmos estritamente a ordem didática hierárquica proposta no organograma (figura 1) do capítulo 2, por acreditarmos serem os cruzamentos entre os conceitos mais produtivos no processo de compreensão dos sentidos presentes nos anúncios. Iniciaremos com o exame da enunciação, em que faremos uma aproximação do horizonte sócio-histórico-cultural e político em que se inscreve o exemplar do anúncio estudado. Após isto, daremos ênfase à análise do material visual do enunciado, para, posteriormente, focalizarmos na análise dos verbais e, por fim, apreenderemos de maneira una e completa o anúncio como enunciado verbo-visual concreto.

5.2 CORPUS DA PESQUISA

Esta pesquisa objetiva focalizar a forma como uma campanha fotográfica, de uma vertente brasileira da Marcha das Vadias, desconstrói e reconstrói, através da ressignificação de termos pejorativos e misóginos e do uso da contrapalavra carnavalizada, papéis atribuídos à mulher por uma cultura dita patriarcalista e machista. Para tanto, foi realizada a coleta de um *corpus*, contendo 5 (cinco) anúncios da campanha fotográfica *Feminista Por quê?*, veiculada na internet através do site da Marcha das Vadias do Distrito Federal⁴⁰.



⁴⁰Cf: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>. Acessado em: 19 de março de 2014.



Quadro 1. Corpus de pesquisa

A campanha fotográfica, formada por 52 imagens, todas compostas por enunciados visuais, fotos, de ativistas que representam a marcha e enunciados verbais, foi formulada pela Comissão de Comunicação do coletivo da Marcha das Vadias, do Distrito Federal. Ela conta com a participação de mulheres de diferentes faixas etárias, principalmente jovens, identidades de gênero⁴¹, sexualidades, pertencimentos étnico-raciais, formações familiares, homens, casais héteros e homossexuais etc. A diversidade também é representada nos enunciados que acompanham as fotografias, com proposições sobre diversos subtemas correlacionados às lutas feministas, que se configuram como contrapalavras e respostas à violência de gênero, racismo, homofobia, transfobia⁴², dentre outras formas de violência simbólica.

5.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A campanha fotográfica *Feminista Por quê?* foi selecionada em virtude do seu conteúdo ser a Marcha das Vadias, que tem, dentre outras demandas, o objetivo de ressignificar termos pejorativos utilizados na violência verbal contra as mulheres. Também,

⁴¹Conforme Preciado(2011), essa identidade de gênero “[...] não se baseia em uma identidade natural (homem/mulher), nem em uma definição baseada nas práticas (heterossexuais/homossexuais), mas em uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais” (p.11-20).

⁴²É a discriminação relativa às pessoas transexuais e transgêneros.

pela forma como o tema foi organizado em uma propaganda de cunho social, produzida pelas militantes do movimento do Distrito Federal, em uma tentativa de deslocar as imagens construídas na grande mídia, e respaldadas pelo senso-comum, do sujeito do feminismo ainda fortemente estereotipado. O material da campanha conjuga, para esse fim, a linguagem verbo-visual, na representação da diversidade dos feminismos e da categoria identitária “mulher”.

Para tanto, dividimos os 5 anúncios por temas recuperados a partir do material analisado, que abordam tópicos pertinentes aos propósitos da campanha. São eles: Mulher e Formação Familiar (1), Mulher e Sociedade (1), Mulher e Pertencimento Étnico-racial (1), Mulher e Sexualidade (1) e Mulher e Identidade de Gênero (1). A escolha dos anúncios não foi aleatória. Importa, ainda, ressaltar que, dentro do universo dessas categorias, existe uma quantidade maior de anúncios, além dos escolhidos, que se encaixavam nas mesmas categorias, como na categoria Mulher e Sociedade, com 23 anúncios, com exceção da categoria Mulher e Identidade de Gênero, que apresenta apenas um anúncio com uma mulher transgênera. Como fatores comuns a todos os tópicos, selecionamos os anúncios que apresentavam protagonismo feminino, anúncios que têm como protagonista uma ou mais mulheres, e um maior número de recursos verbo-visuais (símbolos, ícones, elementos carnavalizados etc.) para uma análise mais profícua das categorias bakhtinianas.

Dentre os objetivos da campanha estava a divulgação da Marcha, que foi realizada em 26 de maio de 2012, e a promoção de um feminismo múltiplo – em que as mulheres são vistas à luz de aspectos plurais inerentes à sua subjetividade, em que são considerados fatores como a classe socioeconômica, a etnia, a identidade de gênero e a sexualidade a que pertencem – representado pelas ações e identidades das partícipes da campanha. Quanto ao seu público-alvo, o manifesto de 2012, presente no site do movimento, abrange “negras, brancas, indígenas, estudantes, trabalhadoras, prostitutas, camponesas, transgêneras, mães, filhas, avós” e a quem mais interessar as reivindicações da Marcha das Vadias.

O discurso da propaganda social, em que os anúncios se constituem, compõe-se pelo intercâmbio, sobretudo entre palavras e imagens em uma finalidade que se baseia no contexto situacional e o público a quem se dirige.

No contexto de uma retórica carnavalesca, anúncios como o da campanha *Feminista Por quê?* apresentam estratégias de produção de sentidos, que podem provocar um estranhamento para o interlocutor não familiar com a Marcha, no processo de significação das expressões utilizadas. Esses anúncios refletem a aspectos da realidade feminina, através de um discurso persuasivo, que usa significados culturais facilmente reconhecidos pelo público feminino, pois fazem parte de situações cotidianas que as mulheres passam.

Como já explicitamos, o *corpus* manifestou, a nosso ver, os seguintes tópicos que refletem a pluralidade do universo feminino: Mulher e Formação Familiar, Mulher e Sociedade, Mulher e Pertencimento Étnico-racial, Mulher e Sexualidade e Mulher e Identidade de Gênero. Assim sendo, para o tópico “Mulher e Sociedade”, escolhemos um anúncio, que lida com direitos e a representação da mulher na sociedade; para o tópico “Mulher e Identidade de Gênero”, analisamos um anúncio com uma mulher transgênera, única representante não cisgênera da campanha; para a categoria “Mulher e Pertencimento étnico-racial”, foi analisado um anúncio que trata do racismo, tema transversal, também recorrente na Marcha das Vadias; para o tópico “Mulher e Sexualidade”, selecionamos um anúncio referentes à prática da sexualidade realizadas pelas mulheres e a relação que estas estabelecem com seus corpos; para a última categoria, “Mulher e Família”, foi analisado um anúncio que representa a relação que as mulheres estabelecem no âmbito familiar.

O *corpus* foi analisado de acordo com as categorias bakhtinianas, já citadas anteriormente. Durante a pesquisa, realizamos o estudo detalhado de cada texto, de forma a identificar a que diferentes vozes os discursos e contrapalavras feministas da campanha respondem e empoderam. Também estudamos como se dá o processo de ressignificação de palavras derogatórias, utilizadas no discurso sexista, através das contrapalavras e como novos sentidos, que subvertem e/ou tentam neutralizar os termos pejorativos utilizados contra as mulheres, são produzidos a partir desse processo.

Foi através dessa análise inicial que descrevemos como os papéis sociais atribuídos às mulheres são desconstruídos na campanha fotográfica, em resposta ao que as feministas da Marcha das Vadias denominam “cultura patriarcal” e observamos quais estratégias discursivas presentes no discurso da campanha fotográfica contribuíram para a reconfiguração e ressignificação das identidades da mulher. Por fim, averiguamos como as imagens dos corpos que, por vezes, apresentaram-se de forma carnavalizada, como contrapalavras que contribuem para uma análise da linguagem verbo-visual presentes nos anúncios da campanha.

5.3.1 Mulher e Família

O anúncio que compõe nosso corpus faz parte da campanha fotográfica, Feminista Por quê?, que convoca mulheres para participar da Marcha das Vadias de 26 de maio de 2012, no Distrito Federal. Como podemos perceber abaixo, há uma foto de três

ativistas, com o foco na figura feminina central. O enunciado verbal, por sua vez, é-nos apresentado com uma das chamadas da campanha “Somos feministas porque”, em tom esverdeado e os ditos, em letras maiúsculas: *Somos vadias de família, Somos uma família de vadias*, em um tom roxo. A enunciação, portanto, se encaixa na categoria “Mulher e Família”, por tratar de relações familiares entre mulheres.

Bakhtin (2010) propõe que toda enunciação é constituída em um horizonte apreciativo específico e carrega suas marcas, o que significa que a palavra é necessariamente marcada por valores ideológicos. Ao refletir acerca dos gêneros do discurso, em *Estética da Criação Verbal* (2010), Bakhtin demora-se na proposta de pensar a dialogicidade como a característica inerente ao enunciado, o que implica dizer que o enunciado é uma ressonância de outros, com os quais realiza uma atividade responsiva ativa, pois “o enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 316).

O ato de enunciar, nesta perspectiva, articula dois outros movimentos: os de interpretar e responder à enunciação de outrem com contrapalavras marcadas pelos valores apreciativos e ideologias que constituem os sujeitos envolvidos no processo. O discurso, constituído pelo discurso dos outros, outros sociais e ideológicos, se manifesta, portanto, como resposta aos enunciados passados desses outros, mas sempre almejando e prevendo respostas futuras. Dessa maneira, os enunciados a serem analisados nesta pesquisa – anúncio que possui uma dimensão visual interagindo constitutivamente com uma verbal, acrescentando-lhes valores – serão tomados como resposta a outros que os constituem.

O anúncio abaixo faz parte da campanha fotográfica *Feminista Por quê?* divulgado pelo movimento Marcha das Vadias do Distrito Federal, especificamente o anúncio publicado em maio de 2012, que articula sentidos, a partir do material verbo-visual, que subvertem o conceito tradicional de família, se encaixando, portanto, no tópico “Mulher e Família”.



Figura 2-Anúncio *Somos vadias de família, Somos uma família de vadias*. Disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/#jp-carousel-502>. Acesso em: 10 de outubro de 2012.

O anúncio mostra um fundo de cor branca a que se sobrepõe a imagem de uma família de mulheres, sendo a do centro a mais velha e “ousada” se levarmos em conta o comportamento das duas que se encontram nas pontas. Não se sabe ao certo se essas mulheres formam uma geração de mãe e filhas, ou se as mais jovens são irmãs, ou se possuem outro tipo de relacionamento que não envolve laços sanguíneos. O que sabemos ao certo é que elas representam uma família não convencional, que se auto intitula de “vadias de família” e uma “família de vadias”.

Realizando a leitura da imagem, inferimos que o conteúdo visual confirma e reafirma os sentidos produzidos pelos textos verbais. A palavra “vadia”, aqui, funciona como um substituto para “mulher”, em que essa palavra é subvertida e ressignificada no contexto da Marcha das Vadias, como uma contrapalavra, que promove a ruptura dos sentidos

estabilizados no senso comum, que inclui ditos populares, como os de que para ser “mulher de verdade”, tem que ser “mulher de família”. Reapropriando-se de uma pauta histórica para o feminismo, como o papel da mulher na formação familiar, essa imagem divulga outra estética ao retratar esse tema, exibindo mulheres que ridicularizam a concepção “normal” do que é uma família, principalmente ao afirmar que o modo de ser “vadia” é hereditário, quebrando a expectativa do receptor da mensagem.

A elaboração dialógica da imagem acontece em diversas manifestações. Uma delas é a caricatura de Frida Kahlo na blusa da mulher de óculos, que se encontra posicionada à direita da mulher do centro. Essa caricatura pode ser considerada um signo ideológico, por sustentar a imagem de uma das artistas mais celebradas pelas mulheres feministas. Esse signo reflete, portanto, a adesão aos ideários divulgados pela artista, que é um dos maiores símbolos do feminismo.

Outro fator que chama a atenção é a posição em que a mulher mais velha se encontra: no centro, sentada com as pernas abertas em vértice, em contraste com a posição das duas que se encontram em pé nas pontas. O corpo da “matriarca” da família apresenta-se de forma carnalizada, rememorando o corpo grotesco em uma alegoria entre o céu e a terra, em que o céu estaria para o alto (o rosto) e a terra estaria para o baixo corporal (as genitálias). Bakhtin (1987) fala dos extremos, das aberturas, do parto, da nova vida, por isso, “a imagem grotesca ignora a superfície do corpo e ocupa-se apenas das saídas, excrescências, rebentos e orifícios” (BAKHTIN, 1987, p. 277).

Se levarmos em conta que, na publicidade, as identidades de gênero são construídas com base em modelos reconhecíveis na realidade cotidiana e presentes na consciência coletiva, então mulheres e homens se definem não só por aquilo que consomem, mas também pelas ações que praticam. A publicidade, como toda prática discursiva, produz sentidos valorativos que almejam a adesão do público a uma determinada ideologia, no caso, a feminista, pois “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” Bakhtin/Volochinov (1981, p.31).

Ainda no âmbito dialógico, a disposição das mulheres faz uma *alusão* a um texto anterior, de forma que mantém os sentidos do original, sem que ocorra confronto com o sentido anterior: “o texto que alude não constrói um sentido oposto ao do texto aludido” (FIORIN, 2003, p.31). Neste sentido, entendemos que a imagem mobiliza uma memória social que se inscreve através da linguagem verbo-visual. No caso, a imagem a que se faz alusão é a dos “Três Macacos Sábios”, o que cobre os olhos, o que tapa os ouvidos e o que

tapa a boca, o que, segundo o site *Wikipédia*, pode ser traduzido como “não ouça o mal, não fale o mal e não veja o mal”.

Essa constituição imagética do anúncio apresenta um discurso jocoso, através de uma paródia que demonstra a despreocupação com as opiniões machistas e preconceituosas que possam recair sobre esse modelo familiar. Linda Hutcheon (1985) considera a paródia “uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica, nem sempre as custas do texto parodiado. [...] A paródia é, noutra formulação, repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança.[...]” (p.17).

Esta diferença é representada pelo riso que surge quando se percebe a inversão irônica do texto parodiado, o que é perceptível no jogo de palavras entre “mulheres de família”, expressão típica do discurso patriarcal, e “vadias de família”, situada no contexto da Marcha das Vadias. A sobreposição de textos revela a pluralidade de vozes presentes nesse discurso ligadas à carnavalização bakhtiniana por unir elementos opostos. Vale salientar que uma obra carnavalizada, na perspectiva bakhtiniana, é aquela na qual encontramos o riso atrelado a uma relativização da verdade. Nada é considerado superior, pois há uma espécie de descentralização do poder.

A imagem da família “perfeita” e convencional, constituída por pai e mãe heterossexuais e filhos, é o pilar da sociedade patriarcal, focada na figura do homem, o patriarca. Todos devem, portanto, respeitar e se submeter à autoridade paterna, que é o poder pátrio. Guedes e Westphal (2011, p.4) ressaltam que “na família a autoridade estava centralizada no homem e não deveria ser abolida, já que teria origem comum à vida humana”. A partir desta lógica de naturalização dos laços familiares, os homens podiam castigar fisicamente as mulheres para defender a honra de sua família ou para corrigi-las.

Narvaz (2005) mostra-nos uma profícua contextualização da estrutura familiar no Brasil, que ajuda-nos a compreender como o enunciado analisado subleva concepções estagnadas de família. Ela cita estudiosos como Saffioti, (1979) e Xavier (1998), que entendem que a história da instituição familiar, no Brasil, teve início no modelo patriarcal, importado da colonização portuguesa e adaptado às condições sociais do país, de base latifundiária e escravagista: “na família colonial, o patriarca era o detentor das posses, não apenas de seu latifúndio, mas de sua família, de seus agregados e de seus escravos” (NARVAZ, 2005, p.32). Assim, a mulher também era considerada propriedade do patriarca, passando para a posse deste nos ditos casamentos arranjados, muito comuns na época. Depois de casada, ela tinha como principais obrigações além de administrar a casa, servir ao marido como reprodutora. Segundo Saffioti (1979, 1988, 2001), a posição da mulher, tanto no núcleo

familiar quanto na sociedade, desde a colonização até a atualidade, demonstra que a família patriarcal rural escravagista foi uma das matrizes de nossa organização social.

Narvaz (2005) descreve que um dos maiores avanços, após séculos de subjugação feminina no Brasil, veio com o Novo Código, em que a família não seria mais imperada pelo pátrio poder, como na época escravagista, mas pelo *pater familiae*, que se refere à igualdade de poderes entre os membros do casal. A autora (2005, p. 34) comenta, citando (DIAS, 2004A, MACHADO, 2001; PIMENTEL, 1998; ROCHA, 2003; VERUCCI, 1988A, 1988B), que “alguns termos que constavam no Código anterior foram alterados a fim de diminuir a linguagem androcêntrica nele contido, entre eles os termos ‘todo homem’, que foi substituído por ‘toda pessoa’”, o que representa grandes avanços tanto nas políticas de gênero quanto no avanço de uma linguagem menos machista.

Narvaz (2005) comenta que, ao contrário do que se imaginava, a igualdade de direitos e de poderes pressuposta nesse modelo não passou do papel, pois a ideia de família, na contemporaneidade, ainda se refere ao arquétipo da família monogâmica nuclear, burguesa e patriarcal – baseando-se em relações de parentesco, estruturada em modelos estáveis caracterizados pela autoridade do pai sobre a mãe e os filhos – descrito por Szymanski (1997, p. 26) como o “modelo de família nuclear burguesa com conotação normativa”.

Conforme Corrêa (1982), essa concepção hegemônica da organização familiar é questionada por investigações que demonstram a pluralidade das famílias brasileiras, oficializadas em cartório ou não, entre elas as famílias chefiadas por mulheres, constituídas de casais homoafetivos e as famílias com filhos adotivos. Corrêa (1982, p.22) discute que “sob a hegemonia do modelo patriarcal, foi ocultada a diversidade de uma sociedade multifacetada, móvel, flexível e dispersa, na tentativa de acomodá-la dentro dos estreitos limites do engenho ou da fazenda”.

As integrantes da Marcha das Vadias têm, dentre seus propósitos feministas, a oportunidade de reclamar a noção de gênero, buscando a redefinição de papéis de homens e mulheres na sociedade, pois ainda há muito que se fazer para garantir a qualidade de vida e plena realização individual e familiar para todos os indivíduos na sociedade, independente de gênero ou sexualidade.

A família, tida como célula máter da sociedade, segundo os costumes tradicionais, aparece, aqui, ressignificada e cria, na conjunção do verbal com o imagético, novas representações que ajudam a criar posições de sujeito com as quais os leitores da campanha possam se identificar e compactuar com a ideologia proposta, revisando, assim, os seus valores do significado da instituição da família, nos tempos modernos, verificando-se, assim,

o efeito que o dialogismo tem nos discursos e a sua influência na construção de identidades sociais. A concepção de família aparece, portanto, ressignificada no discurso das mulheres da campanha, constituindo modelo familiar atualizado que responde e vai além da família conjugal monogâmica e patriarcal, naturalizada e legitimada como modelo monolítico e hegemônico de organização familiar.

5.3.2 Mulher e Sociedade

O anúncio que se segue foi divulgado na mesma data que o que compõe a análise anterior e também faz parte da campanha fotográfica Feminista Por quê?. Este se apresenta ao seu interlocutor como uma fotografia montada em estúdio com um fundo branco de tons rosa claro, sendo a ativista, que se encontra posicionada mais a esquerda, o principal signo visual deste exemplar. Ao lado deste signo visual está o signo verbal que se nos é apresentado com uma das chamadas da campanha “Somos feministas porque”, em tom esverdeado e os ditos, em letras maiúsculas: *LUTO POR UM MUNDO EM QUE NENHUMA MULHER TERÁ MEDO DE SER ESTUPRADA OU AGREDIDA*, em um tom roxo. A enunciação, portanto, originou o tópico “Mulher e Sociedade”, por tratar do principal mote da Marcha das Vadias, que é o direito da mulher conviver em sociedade sem correr nenhum risco de violência verbal, física ou psicológica, apenas por ser mulher.



Figura 3 -Anúncio *Luto por um mundo em que nenhuma mulher terá medo de ser estuprada ou agredida*. Disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/#jp-carousel-512>. Acesso em: 10 de outubro de 2012.

No que tange à disposição da figura, é válido destacar o posicionamento da ativista, cuja ilustração encontra-se desproporcional às dimensões dos signos verbais que compõem o anúncio, também por ser a única personificação imagética que incorpora diversos signos ideológicos relacionados à figura feminina. A ênfase na mulher representada é pertinente, considerando-se os objetivos comunicativos do anúncio, que é atrair o público para a participação na Marcha das Vadias. De acordo com Vestergaard e Schröder (2004, p. 31), o anúncio ideal deve ser montado de tal forma que a maior parte possível da mensagem atinja aquele leitor que o vê, mas resolve não ler ou parar para dar atenção à mensagem. Portanto, devem-se utilizar estratégias de modo a chamar a atenção, despertar o interesse, estimular o desejo, criar convicção e induzir à ação, o que implica dizer que anúncio deve ser embasado no poder de representação da imagem para com o

público-alvo.

Assim, uma segunda relação refere-se aos aspectos físicos da mulher retratada e à identificação da mulher que lê o anúncio. Com esta imagem, o anúncio visa atingir todas as mulheres que concordem com o enunciado verbal de luta por um mundo sem violência contra a mulher. Para tanto, notamos que os elementos mais simbólicos do enunciado se encontram no próprio corpo da ativista por sustentar modificações corporais que não estão escondidas e, sim, mostradas, encarnadas. Os seguintes traços corporais se evidenciam na mulher: o cabelo curto, atípico do ideal de feminilidade de cabelos longos para as mulheres, o *piercing* no nariz e a tatuagem que toma todo o ombro esquerdo da ativista. A partir daí percebemos que a ativista foge dos ideais de representação do corpo feminino em uma sociedade patriarcal, que, em sua maior parte, permaneceu e permanece representada segundo o olhar masculino. A forma feminina, nessa visão, é entidade a ser contemplada e desejada. O corpo feminino modificado encarna-se, assim, como contrapalavra a essa ideologia machista de idealização e objetificação do corpo da mulher.

Dentre os propósitos Marcha das Vadias está a desmistificação da mulher como simples ornamento de apreciação masculina e o incentivo à tomada do corpo feminino como local de experiências vividas das mulheres, encaixando-se em um padrão de beleza midiático (branca, loira, magra, como, por exemplo, podemos verificar nos anúncios publicitários dirigidos ao público masculino) ou não.

A tatuagem, em específico, é um signo ideológico que se apresenta como traço corporal distintivo, ocupando um espaço mais ao centro da imagem, no ombro exposto da ativista, sendo, portanto, um dos principais focos de atenção do leitor. O traçado da tatuagem representando as flores tem uma simbologia, como explicam Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 437): a flor é genericamente símbolo do “princípio passivo” e, para certos estudiosos, “[...] é o símbolo do amor e da harmonia, que caracterizam a natureza primordial [...]”. Sendo, assim, ela está associada à feminilidade, o que contrasta com a sua impressão em forma de tatuagem, que é uma arte marcadamente mais masculina.

Orlandi (2012) salienta que a tatuagem é a marca da contradição de um corpo que é, ao mesmo tempo, singular e grupal, sendo preso a processos de individuação, em que os sujeitos se tatuam e modificam seus corpos como forma de sinalizar suas necessidades e de significar suas próprias singularidades. De acordo com (PAVEAU, 2006, 2010), as tatuagens, como escrituras corporais, constituem ao mesmo tempo um discurso do corpo e um discurso sobre o corpo. E complementa que as tatuagens também correspondem a uma marcação que circunda ao mesmo tempo o âmbito social, cultural, religioso, político e individual do corpo,

fazendo parte de um conjunto de inscrições corporais que se referem a desenhos tatuados, “definitivos ou temporários” (PAVEAU, 2010, p. 7).

As tatuagens, portanto, configuram-se como signos ideológicos corporificados que, no contexto da campanha fotográfica, podemos interpretar como manifestação do corpo modificado feminino. Um corpo com traços grotescos, segundo a cosmovisão carnavalesca de Bakhtin (1987), que ultrapassa uma percepção romantizada de mulher imaculada, perfeita, “sem desvios”.

Nesse corpo modificado, de aspectos grotescos, também é característico o largo sorriso da ativista. O riso, no contexto bakhtiniano, possui certa estética de deformação corporal simbolicamente carnavalesca, que parece estar ligada ao espírito crítico das sociedades humanas, sempre pronto a reagir às injustiças sociais, como podemos observar no riso subversivo da mulher retratada. Bakhtin (1987), portanto, também entende a estética grotesca associada ao riso.

O autor (1987, p. 61) comenta sobre o riso que, na época do Renascimento, ao explorar sobre a carnavalização, era considerado um “privilégio espiritual”, com “uma significação positiva, regeneradora, criadora [...]”. Temos aí um contraste da percepção do riso que, na Antiguidade Clássica, não era considerado elevado e, sim, um defeito ou deformação que não apresenta nenhum caráter artístico. Bakhtin (1987) acrescenta que:

[...]o riso não é forma exterior, mas uma forma interior essencial a qual não pode ser substituída pelo sério, sob pena de destruir e desnaturalizar o próprio conteúdo da verdade revelada por meio do riso. Esse liberta não só da censura exterior, mas antes de mais nada do grande censor interior, do medo do sagrado, da interdição autoritária, do passado, do poder, do medo ancorado no espírito humano há milhares de anos. (BAKHTIN, 1987, p.81)

O autor descreve que nessa época, portanto, o riso tinha um profundo valor na compreensão do mundo, por ser uma das formas fundamentais de expressão, por vezes dissimulada, da verdade sobre o mundo, da sua totalidade, sua história, demonstradas em suas manifestações artísticas e científicas. No anúncio, o riso expressa a possibilidade de ação humana no mundo, como resposta a ditames limitadores da liberdade feminina. O riso da mulher constitui, assim, um ponto de vista sobre a sociedade, objetivando alertá-la, através de um tom cômico-sério, sobre o que é urgente nas lutas feministas contra a violência de gênero.

Assim, na configuração imagética do anúncio, notamos que as categorias do corpo e do riso são direcionados e responsivos, constituindo relações dialógicas de repúdio a dizeres machistas – rememorando, aqui, os do policial Sanguineti, que catalisou o *SlutWalk* – que são

expressões de uma cultura baseada na opressão de gênero, tendo, na regulação dos corpos e nas normas morais, a força para a manutenção do sistema patriarcalista.

Passando para os signos verbais ideologicamente investidos, percebemos o enunciado da mulher que, em pleno século XXI, ainda luta “por um mundo em que nenhuma mulher terá medo de ser estuprada ou agredida”, denunciando, assim, o quanto a violência de gênero⁴³ ainda está entranhada em nossa sociedade.

Resgatando o enunciado histórico que caracteriza esta luta, vemos que o movimento feminista organizado foi o responsável por levantar o debate sobre a violência de gênero, classificando o estupro como um crime de gênero. O clássico livro de Susan Brownmiller (1975), *Against our Will: Men, Women and Rape*, desmistificou o caráter patológico da violência contra a mulher, demonstrando que o estupro é parte funcional do sistema patriarcal em toda sua história. De acordo com a autora, o machismo e a misoginia atuam em massa, na sociedade, forjando uma ideologia que encorajaria o estupro.

Desde os tempos pré-históricos até o presente, acredito, o estupro tem representado uma função vital; não é nada mais nada menos do que um processo consciente de intimidação através do qual todos os homens mantêm todas as mulheres num estado de medo... Como a arma básica de força contra as mulheres, o estupro, uma prerrogativa masculina, é menos um crime sexual do que uma chantagem de proteção; é um crime político, o meio definitivo de os homens manterem as mulheres subordinadas como o segundo sexo (BROWNMILLER, 1975, p.15).

Lutar por um “mundo” onde mulheres não sofram violência sexual resgata e responde a enunciados anteriores sobre a presença da mulher contemporânea na esfera pública. Um desses enunciados que podemos inferir a partir do material verbal é o que faz referência à utopia feminista da luta por um “mundo melhor”, em que homens e mulheres não sejam subjugados (as) ou submetidos (as) à violência pelos papéis que assumem de gênero. Outro que podemos apreender se relaciona ao desejo feminista de que a mulher seja participante ativa no mundo, no espaço público, que responda a enunciados machistas e que

⁴³O termo ‘violência’ tem sua origem no “latim violentia, ato de violentar, constrangimento físico ou moral, ao qual pode se acrescentar a coação ou coerção psicológica” (Levisky, 1997, p. 24). Narvaz (2005, p.37) salienta que a violência se materializa nas relações de forças, em que há um desequilíbrio ou um abuso de poder “[...] há um estado de dominação e de expropriação quer de indivíduos, quer de grupos ou de classes sociais sobre outrem”. Narvaz (2005), afirma que o termo “violência”, que pressupõe um abuso de poder, também tem sido utilizado como sinônimo do próprio termo “abuso”. De acordo com Werba & Strey (2001, p. 72) a violência contra a mulher se caracteriza como a chamada ‘violência de gênero’, que “envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo”. Narvaz (2005, p. 38) complementa que a violência não se restringe a apenas “relações coercitivas visíveis que impliquem o uso da força física, operando também no nível da linguagem e do simbólico, ou do discurso, estando disseminadas pelas diversas instituições sociais”.

mostre o alcance da sua voz além do espaço privado, sacralizado e, por vezes, despolitizado do lar.

Ainda sobre o primeiro enunciado resgatado, o comentário de Gardiner (2010), em *O Carnaval de Bakhtin: A Utopia como Crítica*, acerca da importância da utopia crítica de movimentos como o feminista, se faz pertinente para esta análise. O autor mostra, baseado no ideário do Círculo de Bakhtin, que a crítica ideológica e cultural de movimentos como esse não podem se basear somente no esfacelamento do sistema opressor, pois a “dialética” entre a ideologia e a utopia é fundamental para alavancar transformações reais. Ao fazer uma leitura da teoria do carnaval de Bakhtin, o autor recupera seus elementos utópicos-críticos e demonstra como as “potencialidades transgressivas” da cultura “carnavalizada” (GARDINER, 2010, p. 225) são de grande suporte para a subversão de discursos, visando a emergência de uma comunidade verdadeiramente igualitária. seguindo essa concepção, o feminismo, ao desestruturar, responder e ressignificar discursos de base patriarcalista como o do policial Sanguineti, caminha em direção a utopia de “um mundo melhor” com a construção de uma política cultural que encoraja “a desconstrução popular dos discursos e ideologias oficiais” (GARDINER, 2010 , p.247).

Com relação ao segundo enunciado resgatado, podemos associá-lo ao próprio evento da Marcha das Vadias, rememorando o contexto histórico da manifestação que se configurou como um protesto contra comentários feitos por um agente da lei de Toronto, no Canadá, que disse que as mulheres que não querem ser abusadas ou estupradas deveriam evitar se vestir "como vadias", culpabilizando, assim, a vítima. Um dos principais pontos que o protesto levanta é, portanto, que o estupro não segue um código de vestimenta. O estupro pode acontecer com mulheres e homens de todas as idades, classes sociais, raças, orientações sexuais, nacionalidades ou crenças, não apenas com "vadias" em minissaias.

A luta das feministas, ratificada, aqui, pela configuração verbo-visual do anúncio, além de responder a essa visão de mundo, promove a ocupação do espaço público, da rua, em segurança, a possibilidade de poder andar ou marchar em uma cidade grande ou pequena sem a necessidade de evitar contato com os olhos de estranhos e sem se preocupar com o modo que se está vestida.

5.3.3 Mulher e Identidade de Gênero

Este anúncio também é peça constitutiva da campanha fotográfica Feminista Por quê?. A imagem se apresenta ao interlocutor como uma fotografia montada em estúdio com um fundo branco e sombreamento gradual em cinza, sendo a ativista, que se encontra posicionada à direita, o principal signo visual deste exemplar. Acima da ativista encontram-se os enunciados verbais: o primeiro, em tom roxo, explicita “SER MULHER É TRANSformar-se A CADA DIA”, o segundo, em tom esverdeado, é uma das chamadas da campanha, que se repete em outros exemplares aqui não analisados, e ratifica *Isso também é feminismo*, em tom esverdeado. A enunciação, portanto, se manifesta na categoria “Mulher e Identidade de Gênero”, por tratar da relação entre a mulher e identidade de gênero, com uma das várias representantes transgêneras da Marcha das Vadias.



Figura 4 -Anúncio *SER MULHER É TRANSformar-se A CADA DIA..* Disponível em: <https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/#jp-carousel-507>. Acesso em: 10 de outubro de 2012.

Realizando a leitura da imagem, inferimos que o conteúdo visual confirma e reafirma os sentidos produzidos pelos enunciados verbais. A ênfase, mais uma vez, dos elementos visuais encontra-se na própria figura da mulher, que é destacada pelo contraste do fundo de cores claras e sóbrias com sua roupa de cor preta, com um profundo decote na região do colo. A protagonista transgênera da campanha desafia noções normativas e idealizadas do corpo feminino através de um processo de ressignificação do ser feminino baseado na corporificação, no riso e na paródia indisciplinada. A ativista toma uma rota subversiva na representação da transgressão corporal, ratificada por enunciados verbo-visuais prenes de signos ideológicos e pela performance reiterada da imagem da mulher que não se deixou determinar pelo corpo biológico e operou transformações nele, em função de suas demandas pessoais. Prosseguiremos com uma orientação carnavalesca e sócio-histórica de interpretação da imagem anunciada.

Inicialmente, podemos perceber que a Marcha das Vadias, neste anúncio, convida e inclui outras identidades do gênero feminino, como forma de não se limitar a especificações do sexo biológico e agregar o maior número de indivíduos para acrescer ao debate da Marcha. Bakhtin (1987) salienta que, durante o carnaval, tudo o que é marginalizado e excluído, o insano, o escandaloso se faz libertador e igualitário, de forma que as distinções hierárquicas, as normas e proibições, sejam, temporariamente, suspensas.

A Marcha das Vadias, assim como a festa carnavalesca, cria outra vida para os sujeitos, ainda que em seu curto período de duração, livre das regras, restrições ou repressões, como salienta Stam (1992, p. 45) “[...] o carnaval oferece uma suspensão temporária da proibição e do tabu, transferindo tudo o que é espiritual, ideal e abstrato para o nível material, para a esfera da terra e do corpo”. A carnavalização está associada à excentricidade, que é a “violação do comum e do geralmente aceito, é a vida fora de sua rotina.” (BAKHTIN, 1987, p. 254). Portanto, podemos dizer que a mulher é uma figura carnavalizada, por incorporar desvios e responder a costumes socialmente aceitos que agem em detrimento de sujeitos como ela.

Outro elemento significativo nessa resposta é o sorriso da ativista, signo também carnavalizado, que aparece “como uma necessidade de gozo e alegria da alma humana.” (BAKHTIN, 1987, p.31). É um riso festivo que, lançado na construção corpórea da mulher representada no anúncio, se forma com pretensão de operar uma representação do feminino,

através de uma performance que remete a uma feminilidade contida e afetada pela norma. Essa forma de compreensão carnavalesca se relaciona, portanto, a políticas identitárias que superam as dicotomias entre masculino e feminino a partir da teoria *queer*⁴⁴ (BUTLER, 2008; LOURO, 2004).

A estética grotesca é inseparável do riso, pois, sem o princípio cômico, o grotesco seria impossível. O grotesco é uma violação brutal das formas, proporções e signos ideológicos “naturalizados”, Bakhtin (1987, p.31) qualifica-o como “tudo o que se aparta sensivelmente das regras estéticas correntes, tudo que contém um elemento corporal e material nitidamente marcado e exagerado.” A cosmovisão que circunda o corpo grotesco da mulher é capaz de capturar e repensar determinada visão de mundo, “reestruturando os próprios meios de representação da realidade” (BRAIT, 2009, p. 92). Isso põe em cheque definições tradicionais do “ser mulher”, dentro do próprio campo do feminismo, e do sujeito mulher no contexto da Marcha das Vadias. Complementando este pensamento, concordamos que “a carnavalização e o grotesco são fenômenos que têm capacidade de revelar os processos da cultura e ao mesmo tempo denunciar, pelo riso, as conflituosas relações que se estabelecem entre os homens” (BRAIT, 2009, p. 93).

Passando para o enunciado verbal, que não deixa de ter íntima relação com o enunciado visual, temos o dizer “SER MULHER É TRANSformar-se A CADA DIA” e a afirmação que ratifica esse dizer: *Isso também é feminismo*. O primeiro elemento de caráter verbo-visual que observamos está no jogo da palavra “TRANSformar-se”, que salienta, com a palavra em caixa alta “TRANS”, a identidade de gênero da ativista. Podemos analisar também o uso da paródia que subverte duas questões: uma ligada à definição de mulher no feminismo, que tem um grande histórico de afastamentos e aproximações do entendimento do sujeito “mulher” em acordo com a teoria *queer*; e outra que ressignifica enunciados que remetem à “transformação” feminina na sociedade, em um contexto midiático, por exemplo.

Analisando essas relações parodísticas, podemos avaliar como os sujeitos transgêneros, ao transgredirem as vigiadas fronteiras binárias de gênero, materializam o caráter inventivo, cultural e instável das identidades, mais ou menos estabilizadas pelos discursos naturalizados (BUTLER, 2013). Assim, ao observarmos certas construções

⁴⁴De acordo com Delgado (2013, p.10) “A teoria *queer*, entre outras coisas, funciona como um pensamento cujo princípio é questionar os discursos que produzem as estruturas binárias normativas que qualificam e classificam os indivíduos a partir de suas sexualidades e gênero. Uma das frentes do pensamento dos teóricos *queer* está na ideia de que o sujeito não é uma identidade preexistente, essencial, ou seja, as identidades são construídas e que, no entanto, os discursos heteronormativos conferem o monopólio da normalidade à heterossexualidade”.

discursivas a respeito da naturalização do sujeito mulher, percebemos como a ativista transgênera “TRANSgride” parâmetros, sugerindo “concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero (gender) e de sexualidade” (LOURO, 2013, p. 23), ultrapassando limites e espaços fronteiros da identidade feminina. A questão da identidade possibilita compreender a situação desse sujeito num processo que envolve identificação e categorização no âmbito social. Butler (2008) explica que

A identidade de gênero pode ser reconhecida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de prática imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2008, p. 197).

A paródia, na teoria de Butler (2008), não pressupõe a existência de um modelo original/naturalizado/fundamentado de gênero, ultrapassando a “ideia de um original” arquitetado sócio-culturalmente (e, nesse ponto, podemos associá-la à conceituação carnavalesca da paródia bakhtiniana). Segundo a autora, isso se dá pela imitação, pois no momento em que se “imita” um determinado gênero, demonstra-se o caráter inventado do mesmo. Butler (2008) ressalta que

Esse deslocamento perpétuo constitui uma fluidez de identidades que sugere uma abertura à resignificação e à recontextualização; a proliferação parodística priva a cultura hegemônica e seus críticos da reivindicação de identidades de gênero naturalizadas ou essencializadas. (BUTLER, 2008, p.197)

Deste modo, segundo a autora, há o sexo anatômico, a identidade de gênero e a “performance” de gênero. Sintetizando, o sexo anatômico remete ao biológico, enquanto a identidade de gênero remete à identificação dos sujeitos com determinado gênero e a “performance” sugere que “ele [o corpo] não tem um status ontológico separado dos vários atos que constituem a sua realidade” (BUTLER, 2008, p. 194).

Teóricas *queer*, como Butler (2008), compreendem as identidades sexuais como performativas, desestruturando os discursos que “estabelecem as fronteiras corporais com o objetivo de tentar uniformizar e/ou naturalizar comportamentos tidos como aceitáveis, apropriados”. A questão da mudança social no pensamento de Butler (2008) é obtida, portanto, na desestabilização das construções naturalizadas de sexo, gênero e sexualidade, que contrariam a inteligibilidade social, por meio da paródia.

A partir dessa conceituação, retornamos para a paródia no contexto bakhtiniano, que, como dito anteriormente, é inerente ao conceito de carnavalização, em que imagens são distorcidas, alongadas ou diminuídas e onde há espaço para certas profanações da “ordem natural” das coisas. Entendemos, assim, que o anúncio além de fazer uma paródia das representações convencionais do feminino, também intenciona “desnaturalizar” atitudes, trejeitos e modos tidos como “inerentes” às mulheres. Assim, os sentidos e saberes relacionados às vivências em torno do gênero e da orientação sexual podem ser problematizados para além dos discursos padronizados e estereotipados que dão a impressão de identidades individuais, fixas, naturalizadas e involuntárias. A Marcha das Vadias se configura, assim, como um movimento social que dá espaço e articula discursos na interação com movimentos *queer*, movimentos homossexuais, movimentos transfeministas, dentre outros.

Em suma, pudemos observar como o corpo transgênero se encaixa na reflexão do corpo grotesco. Esse corpo — e talvez todos os corpos, se aceitarmos o gênero como um espectro mais do que uma divisão binária fixa— está perpetuamente em um estado de transição. Esses organismos sexualmente ambíguos vão além de um corpo único e individual sendo aberto para infinitas possibilidades.

[...]o corpo grotesco é um corpo em movimento. Ele jamais está pronto nem acabado. Está sempre em estado de construção, de criação, e ele mesmo constrói outros corpos; além disso, esse corpo absorve o mundo e é absorvido por ele. (BAKHTIN, 1987, p.277)

O corpo grotesco, em Bakhtin(1987), abre a possibilidade de repensar essas políticas do corpo. Esse corpo habita o espaço de forma diferente e é definido precisamente por sua resistência a quaisquer normas ou regulamentos pré-estabelecidos. É um corpo ilimitado que vive no cânone não clássico de livre transição e transgressão. Esse cânone estimula um corpo em constante mudança, que não tem um estado de perfeição para alcançar. O corpo grotesco, em seus deslocamentos constantes, representa metaforicamente o novo conceito de corpo que é comunicado pelo pensamento feminista da atualidade. Esse corpo, nessa concepção, não precisa ser “consertado” e arquitetado para caber em um determinado molde, também. O que a sociedade comunica para as mulheres é a busca de um ideal de perfeição, limitando, assim, o seu potencial para mudar as estruturas de poder que lhes nega o direito de serem *outras*, além de si mesmas. O grotesco representa, por fim, a ruptura dessas fronteiras, dos limites e do esperado.

5.3.4 Mulher e Sexualidade

O anúncio que se segue também é peça constituinte da campanha fotográfica Feminista Por quê?. A imagem se apresenta ao interlocutor como uma fotografia montada em estúdio com um fundo branco e sombreamento gradual em cinza, tendo duas ativistas, que se encontram posicionadas ao centro, unidas, e em uma posição que expressa afeto e intimidade. Acima das ativistas, mais ao canto direito, encontram-se os enunciados verbais: o primeiro, em tom verde, explicita *Sou feminista porque*, um dos principais motes da campanha; o segundo, em tom roxo, completa, em caixa alta, “EU AMO QUEM EU QUISER, EU AMO OUTRA MULHER”. A enunciação, portanto, se encaixa na categoria “Mulher e Sexualidade”, por ter como principal tema o relacionamento homoafetivo entre duas mulheres.



Figura 5 -Anúncio *EU AMO QUEM EU QUISER EU AMO OUTRA MULHER*.. Disponível em: <https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/#jp-carousel-541>. Acesso em: 10 de outubro de 2012.

Iniciando com a leitura da imagem, inferimos, mais uma vez, que o conteúdo visual confirma e reafirma os sentidos produzidos pelos enunciados verbais. A ênfase dos elementos visuais encontra-se nas imagens das ativistas, que são destacadas pelo contraste do fundo de cores claras e sóbrias com suas silhuetas. A mulher que se apresenta à frente tem o colo e seios expostos, estando sob um dos principais focos da organização imagética, possui tez branca e usa uma espécie de turbante azul na cabeça. A mulher posicionada atrás está menos exposta e possui como traços característicos pele e cabelo, adornado com uma faixa, negros. As duas mantêm contato físico e expressões de companheirismo uma para com a outra. Pela conjunção do material visual e verbal percebemos que as ativistas formam um casal homossexual e que incorporam uma das manifestações da sexualidade feminina apoiadas pela Marcha das Vadias.

As protagonistas feministas praticam a subversão de assumpções acerca da sexualidade feminina baseadas no gênero. As mulheres se apresentam de forma bastante consciente sobre seus desejos sexuais, o que é ratificado pelo enunciado verbal, e estão dispostas a demonstrar abertamente que são homoafetivas⁴⁵. O destaque se encontra na disposição dos corpos, que expressam preferências sexuais transgressoras, aqui, associadas à cosmovisão carnavalesca. Almeja-se, também, uma naturalização da expressão de desejo e afetividade entre casais homossexuais. O corpo nu, na Marcha, tem significação própria, como explicitado no site do evento:

Corpos expostos, pernas, barrigas e peitos de fora. Dizeres que reivindicam o direito ao próprio corpo. O uso dos nossos corpos para o nosso prazer, o direito à sexualidade, o direito a ser tocada por outr@ apenas com consentimento, o direito de não ter meu corpo violentado, machucado, invadido. O corpo não é um pedaço de carne, nem um pedaço de gente, não é uma parte, mas o todo. Não queremos discursos e imposições sobre nossos corpos. Estes, portanto, não devem ser moldados, regrados, estereotipados, objetificados. Então, nos despimos para nos apropriarmos dos nossos corpos. Somos contra a nudez mercantilizada, a venda dos corpos. Mas, lutamos pelo direito a nos desnudarmos sem que isso justifique qualquer forma de violência a nossos corpos. (ZAMBONI, 2012, grifos da autora)⁴⁶

⁴⁵Costa (2003, p.24) afirma que “O termo homoafetividade [...] surgiria nos meios midiáticos como um contraponto à homossexualidade, enfocando a afetividade entre os sujeitos homos (abreviação de homoafetivos) sem enfatizar exclusivamente as práticas sexuais”.

⁴⁶ZAMBONI, Júlia. “Por que reivindicar o direito ao corpo na Marcha das Vadias?”. Audácia das chicas. Junho de 2012. Disponível em: <http://www.audaciadaschicas.com/2012/06/por-que-reivindicar-o-direito-ao-corpo.html> (último acesso: 09/07/2012)

Nesse sentido, a Marcha das Vadias tem como característica primordial a configuração e o uso do corpo como plataforma de suas reivindicações: um corpo performático, responsivo, que se utiliza da marcha como ritual de performance coletiva. Busca-se transgredir e ao mesmo tempo naturalizar a idéia de posse do próprio corpo e do direito à livre expressão, do encontro desse corpo com o mundo e com quem se deseja compartilhar. Podemos interpretar, assim, que as protagonistas do anúncio, ao divulgarem a Marcha das Vadias, respondem a dizeres machistas e homofóbicos⁴⁷ sobre o comportamento sexual das mulheres e utilizam de signos ideológicos como a nudez feminina, não direcionada ao olhar masculino, o riso carnavalesco e a demonstração de afeto homoafetivo para assim fazê-los.

Há no anúncio, portanto, características pertencentes ao mundo carnavalesco, como descritas por Bakhtin (1987): o corpo grotesco, o prazer erótico, bem como o foco em destacar as vozes de figuras marginalizadas, como a feminina, nesse caso. Esses aspectos permitem que as protagonistas femininas do anúncio transgridam e subvertam os limites heteronormativos e as hierarquias existentes mantidas sob uma ordem patriarcal hegemônica, buscando, assim, libertação das amarras colocadas pelas restrições da expressão da sexualidade feminina convencional, direcionada ao sexo masculino. Em uma estética carnavalesca, busca-se “to resist, exaggerate, and destabilize the distinctions and boundaries that mark and maintain organized society”⁴⁸ (RUSSO, 1994, p. 63).

Essa resistência se dá também através do riso carnavalesco, que responde fervorosamente *EU AMO QUEM EU QUISER EU AMO OUTRA MULHER*. Moi (2002, p.40), comenta sobre a importância das qualidades transgressivas do riso carnavalesco para o movimento feminista: “Anger is not the only revolutionary attitude available to us. The power of laughter can be just as subversive, as when carnival turns the old hierarchies upside-down, erasing old differences, producing new and unstable ones”⁴⁹.

O riso, portanto, deveria ser considerado uma arma poderosa, como reforça Irigaray (1985), para as mulheres por ter a capacidade de exprimir desejo e prazer, desafiando,

⁴⁷Costa (2003, p.24) afirma que homofobia é “contemporaneamente, o termo mais utilizado para se referir à aversão, antipatia, raiva, medo ou preconceito de alguém pelos indivíduos LGBTTTs(Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Simpatizantes) [...] formado a partir do prefixo homo, de “igual”, e o sufixo phobos, de “fobia”; neologismo utilizado pelo psicólogo George Weinberg, em 1971, numa obra impressa”.

⁴⁸Resistir, exagerar e desestabilizar as distinções e marcar que marcam e mantém a sociedade organizada. (Tradução minha)

⁴⁹A raiva não é a única atitude revolucionária disponível para nós. O poder do riso pode ser tão subversivo, como quando carnaval torna as antigas hierarquias de cabeça para baixo, apagando as diferenças antiquadas, ao produzir novas e instáveis diferenças. (Tradução minha)

assim, a ordem sócio-histórico-ideológica vigente. Esse riso responsivo se direciona a mudança de autoridades e de verdades, em uma sociedade que se encontra em permanente transformação. Assim, o enunciado verbal apresenta-se, através do riso carnavalesco, como contrapalavra, que ressignificada e divulga, junto ao *material* imagético, representações de sexualidades com as quais os leitores da campanha possam se identificar, para também se agregar e ajudar a construir a Marcha.

5.3.5 Mulher e Pertencimento Étnico-racial

O último anúncio do nosso corpus também é peça constituinte da campanha fotográfica Feminista Por quê?. A imagem se apresenta ao interlocutor como uma fotografia montada em estúdio com um fundo branco e sombreamento gradual em cinza, tendo uma ativista, posicionada a esquerda e, acima dela, mais ao canto direito, encontram-se os enunciados verbais: o primeiro, em tom roxo e caixa alta, explicita “AMO MEU CABELO E NÃO VOU ALISÁ-LO POR UM PADRÃO DE BELEZA RACISTA E EXCLUDENTE”; o segundo, em tom verde, complementa, *Isso também é feminismo*. A enunciação, portanto, se encaixa na categoria “Mulher e Pertencimento Étnico-racial”, por ter como principal tema a crítica aos padrões de beleza racistas.



Figura 6 -Anúncio *AMO MEU CABELO E NÃO VOU ALISÁ-LO POR UM PADRÃO DE BELEZA RACISTA E EXCLUDENTE.* Disponível em: <https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/#jp-carousel-491>. Acesso em: 10 de outubro de 2012.

Com uma breve leitura da imagem do anúncio, apreendemos que a ativista é a principal representação imagética, também portadora de diversos signos ideológicos que dão força ao enunciado verbal. Além de chamar a atenção para o evento da Marcha das Vadias, a enunciação faz denúncias sobre uma sociedade racista e excludente das mulheres negras que não se encaixam no padrão midiático.

Quanto aos aspectos físicos da mulher retratada, que corporifica diversos sentidos já analisados em anúncios anteriores, os seguintes traços corporais se evidenciam: o

cabelo encaracolado, atípico do ideal de feminilidade de cabelos lisos para as mulheres, e as tatuagens localizadas em ambos os ombros. Como já analisamos a simbologia das tatuagens e reafirmamos repetidamente a importância do riso carnavalesco em análises anteriores, faz-se mais pertinente, para esta análise, notar como a mulher foge dos ideais de representação do corpo feminino em uma sociedade patriarcal e racista.

Primeiramente, cabe, aqui, retomar o termo “mulher” no contexto feminista, que até o contexto da segunda onda feminista, se referia exclusivamente, no contexto ocidental, a mulheres brancas, letradas, de classe média, que lutavam por direitos trabalhistas e de voto. Não desmerecendo, nem desacreditando a luta dessas mulheres, houve a insurgência das feministas negras que questionavam e questionam qual a legitimidade de um movimento que apenas beneficiava um estrato da minoria, em que os direitos conquistados só alcançaram a população feminina negra e pobre bem depois. Cada categoria que o feminismo “abarca” representa identidades diferentes com imbricações sociais, políticas e econômicas também diferentes e principalmente, subjetividades ímpares. Brandão (2013) afirma

Todas essas representações são constituídas no discurso. É no aparato discursivo sobre gênero que se encontra todas as normalizações ideológicas e de poder. Essa postura generaliza as pessoas, e as diferenças não são contempladas, mesmo porque, para se manter o padrão é melhor não haver desvios ou diferenças. Desse modo, a categoria “as mulheres” traz consigo um pacote em que se aplica a todos os seres do sexo feminino. O padrão estabelecido e socialmente aceito para mulher é: mulher branca, mãe amável, cristã, seguidora dos valores socialmente bem aceitos, ou a mulher sensual, a quem o padrão de beleza é quase uma obrigação, etc. As mulheres negras, de religiões africanas, de padrão de beleza diferente são consideradas fora da norma e portanto, são excluídas. (BRANDÃO, 2013, p.2-3).

Bakhtin/Volochínov (1981) postulam, sobre os diálogos existentes entre as diversas esferas ideológicas, que são os responsáveis pelos efeitos de sentido persuasivos, presentes no modo de produção, circulação e recepção de discursos. Assim, quando não há diálogo entre as diferentes esferas ideológicas que existem dentro de um movimento plural como o feminismo, a força do movimento se esmaece e o poder de representação das singularidades femininas também. A mulher representada no anúncio vem justamente dar voz e chamar para o movimento mulheres negras que concordem com os seus enunciados, que têm tanto força imagética quanto verbal. Brandão (2013) problematiza sobre a questão da identidade negra ao afirmar que ela

[...] se constrói em nossa sociedade já marcada pelo estigma do racismo. Segundo Goffman (1988), a sociedade categoriza as pessoas e identifica os atributos

considerados naturais para essa categoria. Numa sociedade que se considera branca e de valores eurocêntricos, o negro descendente de uma sociedade escravista é a personificação do estigma social. Sua identidade não só está em conflito, mas também está fragmentada nessa sociedade cujo ideário é a brancura de sua pele e cujos valores e representações sociais são, predominantemente, os da etnia branca. (BRANDÃO, 2013, p.3).

Assim, podemos analisar como a mulher do anúncio da Marcha destrói e ressignifica esses valores assumindo seus cabelos crespos e reafirmando sua identidade marcadamente afrodescendente, exibindo sua pele negra e tatuada. Por se encontrar fora desses padrões ⁵⁰estipulados, a protagonista também nega e responde à representação da mulher negra como mulata sensual manipulada pela mídia que apenas a representa durante o carnaval ou assumindo papéis de serviçais na casa de mulheres brancas e ricas. Brandão (2013) complementa que

Não apenas o aspecto sócio econômico interfere nesse processo, mas os agenciamentos lingüísticos e discursivos produzidos na mídia em geral contribuem para a manutenção desse olhar deturpado, desigual e preconceituoso em relação à mulher negra. A linguagem utilizada nos produtos de beleza, nem sempre traz uma representação positiva. É comum encontrar em produtos para cabelo afro todo o estigma que a sociedade tem em relação ao negro, ou seja, a linguagem utilizada passa a idéia de uma feminilidade grotesca. Expressões como *“cabelo rebelde”, “indisciplinados”, “difíceis de pentear”, cabelos que precisam ser “domados”, “volumosos”, “crespos”, são algumas dos termos que aparecem em produtos de beleza femininos.* (BRANDÃO, 2013, p.5).

O anúncio da Marcha cumpre, portanto, o duplo propósito de convidar as mulheres negras para se juntar e somar ao movimento. O enunciado verbal que brada “AMO MEU CABELO E NÃO VOU ALISÁ-LO POR UM PADRÃO DE BELEZA RACISTA E EXCLUDENTE” responde a todas as injustiças proliferadas pelo preconceito racista que Brandão (2013) relatou. Proferir tais enunciações significa atribuir contrapalavras, manifestadas nas relações dialógicas, que respondem a discursos patriarcalistas e racistas, divulgados pela mídia, que agem em detrimento da mulher negra. O conceito de diálogo, aqui, exige que as categorias identitárias “mulher” e “negra” estejam inseridas na arena do debate dos signos ideológicos, e que se dispute conotações positivas de significados para essas palavras. As identidades são representadas na campanha como construções sócio-culturais,

⁵⁰Brandão (2013, p.2) pondera que “A mídia constrói identidades, as novelas, os filmes, propagandas vão determinando e dizendo como devemos agir e sem que nos apercebamos disso vamos concebendo as situações e os acontecimentos como naturais e já não podemos mais ver o outro lado, ou outra posição contrária, pois aquela a que fomos submetidos tomou conta de nossas mentes. Os padrões são construídos sem que sejam questionados, a “normalidade” é instaurada em cada espaço, em cada mente”.

que são plurais e sempre suscetíveis à resignificação. Deve-se reclamar e protestar o apagamento dos corpos negros em comerciais, em novelas, na literatura, enfim, em espaços diversos e estimular a compreensão entre as partes do feminismo, para que a representação positiva negra, de fato, aconteça. Para Bakhtin/Volochínov (1981, p. 131), a contrapalavra se manifesta quando conectada com o problema da compreensão, pois “qualquer tipo genuíno de compreensão deve conter já o germe de uma resposta.” E é nesse duplo de compreensão e respostas que movimento que critica, destrói, reconstrói e resignifica o sujeito feminista.

5.3.6 Síntese comparativa

No decorrer das análises, à medida que nos expusemos ao corpus, percebemos a recorrência de alguns elementos verbo-visuais que merecem destaque, o que confirma as proposições que fizemos sobre a compreensão responsiva-ativa que as feministas fazem acerca de discursos machistas que coíbem a liberdade feminina. Por isso, propomos, para o término deste capítulo, esta breve análise comparativa para que se percebam quais posições ideológicas das feministas se reiteram durante a análise. Separamos quatro elementos que, por serem signos ideológicos representativos do movimento, que merecem destaque nessa análise.

O primeiro signo ideológico que salta aos olhos durante a análise é o signo “mulher”. Este elemento semiótico está em todas as capas de nosso corpus e é representado tanto no modo imagético, pelo protagonismo feminino apregoado pela campanha, quanto pelas diferentes significações que são atribuídas a esse signo. A mulher, no corpus, é vista em sua relação com a sociedade, com a família, com a sexualidade, com o gênero e com a etnia. Esses são apenas alguns dos fatores que fazem parte do cotidiano feminino e estão em constante debate nas rodas feministas. O sujeito mulher não se encontra em nenhuma das análises como um detalhe, no plano de fundo da mensagem repassada, o que acontece bastante em anúncios publicitários de produtos direcionados ao público feminino, além das garotas-propaganda que, majoritariamente, são adequadas ao padrão de beleza midiático. A mulher, aqui, assume seu corpo e não vê “imperfeições” apontadas pelo olhar alheio, pois a resposta que elas transmitem é a de aceitação de si mesmas, de serem múltiplas e mais fortes unidas.

O segundo elemento que caracteriza a esfera feminista é o signo ideológico gênero, quase sempre ligado a questões de identidade e/ou sexualidade. Este signo está

presente com maior acentuação nos tópicos Mulher e Gênero e Mulher e Sexualidade. No primeiro tópico citado, temos a questão de gênero relacionada à identidade, o que pode ser notado pelo protagonismo da mulher transexual no anúncio. No segundo tópico, temos uma revisão da categoria gênero apresentada por meio de um casal de lésbicas, que reforçam pelo apelo visual e verbal a liberdade sexual, também representada pelo feminismo. As identidades e representações de gênero na campanha emergem como construções sócio-culturais que são plurais, sempre suscetíveis à ressignificação.

Outros sentidos constantemente associados a essas questões são os atribuídos a categoria corpo, que aqui é verificada em todos os anúncios analisados, de acordo com uma cosmovisão carnavalesca. O corpo grotesco, como várias vezes discutido aqui, é arma de ação feminista na subversão de parâmetros e regras de um corpo arquitetado pela mídia como o “perfeito”, que não aceita ranhuras, nem deve fazer poses embaraçosas. Seja o corpo grotesco materializado na forma da matriarca do anúncio Mulher e Família, seja o corpo transgressor da protagonista do Mulher e Gênero, seja o corpo negro que não se modifica para preencher uma lista de padrões do Mulher e Pertencimento Étnico-racial.

O símbolo vestimenta assume ideologias que representam um dos “gritos” da Marcha, que representa o direito da mulher se vestir como quiser, sem que seja incomodada ou amedrontada por estranhos, que o faz figurar como signo ideológico na maioria dos anúncios de nosso corpus. O modo de se vestir é mais uma marca resultante do acabamento axiológico de produção do anúncio que retrata o comportamento das mulheres.

O último signo ideológico que destacamos como recorrente nos anúncios que constituem o nosso corpus é o signo “riso”. Ele se faz presente em quatro dos cinco anúncios e surge como um riso carnavalesco, coletivo que se opõe ao tom sério e à solenidade repressiva da cultura patriarcal, que não se permite ser somente destrutiva de opressões impostas sobre as mulheres, antes projeta a mulher que ri em liberdade fecunda e regeneradora.

A partir dessa breve síntese, podemos notar como elementos carnavalescos e da compreensão responsiva ativa se unem em uma oportunidade de revelar os aspectos mais profundos da realidade cotidiana das mulheres. As feministas trazem à apreciação do público imagens de mulheres que proclamam a suspensão de valores machistas, normas, tabus religiosos, políticos e morais correntes, e fazem isso de riso no rosto e corpo aberto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos como o movimento da Marcha das Vadias, na campanha fotográfica Feminista Por quê? refletiu sobre as representações e os sentidos empregados ao sujeito mulher em diversas circunstâncias sociais, a partir do referencial teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso.

Para tanto, este trabalho exigiu um constante exercício de pensar sobre as visões de mundo, os valores sociais e as relações de poder que se estabelecem em um evento que visa dar voz às mulheres como esse. Analisá-las sob uma perspectiva bakhtiniana implica perceber como elas são permeadas, por múltiplas e heterogêneas vozes sociais, compreendidas em diferentes contextos sócio-ideológicos, e posturas axiológicas que assinalam determinada interpretação do mundo e dos sujeitos que nele residem. Desta forma, tomamos como categorias de análise a *contrapalavra*, o *corpo grotesco*, o *riso* e a *paródia carnavalescos*, dentre outros, compreendidos na interação entre enunciados sociais, na esfera das relações dialógicas.

Durante toda pesquisa seguimos uma orientação de estudos baseada nos conceitos fundantes da teoria bakhtiniana, tendo em vista compreender como a violência contra a mulher e as relações de desigualdades de gênero são percebidas e avaliadas, através das ações responsivas das mulheres que representam a Marcha. A Análise Dialógica do Discurso aqui empregado trabalha com uma concepção de linguagem amparada na historicidade, nas situações concretas de interação verbal.

Assim, durante o desenvolvimento do trabalho, discutimos sobre as configurações e especificidades do discurso da campanha fotográfica, com o intuito de entender como a Marcha das Vadias, que é um movimento em defesa dos direitos humanos das mulheres, denuncia as heranças machistas naturalizadas mesmo na sociedade contemporânea. Discutir os anúncios que convidam toda comunidade para participar da Marcha das Vadias permite constatar o que é preciso ser feito para contribuir com o debate proposto pelo movimento e também repensar a forma como se dão os significados de representação dos acontecimentos.

Ao considerar a compreensão responsiva-ativa como parte necessária na interação entre sujeitos sociais, precisamos considerar primeiramente o conceito basilar que norteia todo o pensamento do Círculo de Bakhtin: o dialogismo. Este, assumido pelo Círculo como o princípio constitutivo da linguagem, é o que nos dá subsídios para empreender as análises aqui defendidas. É a partir desse conceito de dialogismo que analisamos as vozes

sócio-ideológicas como componentes de uma grande cadeia discursiva, em que todos os sentidos estão, em maior ou menor grau relacionados, o que nos permite compreender os *outros* sociais que compõem cada enunciado vivo.

É na teorização do caráter inovador e transgressor que tem o conceito de dialogismo, que Bakhtin instaura uma nova ciência, a Translinguística. Esta é o que nos possibilita avaliar enunciados de qualquer natureza, focalizando aqui os de natureza verbo-visual, como signos ideológicos.

Portanto, pomo-nos a explorar temas que constituem o contexto sócio-histórico da Marcha das Vadias, como um breve histórico do feminismo e da história da Marcha, baseados nos estudos de gênero, também discutindo as estratégias utilizadas pelas ativistas na propagação dos anúncios da campanha fotográfica. Percebemos que as ativistas apropriam-se dos signos ideológicos que compõem o arcabouço da esfera patriarcalista para respondê-los de modo ressignificado. Assim, investindo de seus valores materializados no discurso de resposta, a Marcha das Vadias destrói uma imagem idealizada do sujeito feminista, utilizando de materiais verbo-visuais para assim o fazê-lo.

É através do processo de ressignificação que as protagonistas da campanha transformam e adéquam os discursos machistas às suas condições, sendo esses discursos desconstruídos e não mais detentor de todas as características que antes possuía. Dessa dinâmica entre os discursos surge todo um pensamento valorativo que a ressignificação, reproduzindo o discurso primeiro, emoldura, comenta, avalia, nega, enfim, recria. Em alguns momentos, durante a análise, observamos o embate entre os discursos circulantes na mídia sobre o comportamento feminino “adequado” e as réplicas marginalizadas das feministas que estão presentes na campanha.

Muitos desses embates se dão no tratamento dos corpos carnavalizados na campanha, incorporados no tratamento dos corpos grotescos, presentes no material verbo-visual. Os elementos da cosmovisão carnavalesca, teorizada a partir de Bakhtin (1981), são aplicados aos corpos e como esses corpos ultrapassam a si mesmos, para estar em comunicação constante e direta com o mundo e com a ideologia que sustentam. Também na análise dos anúncios, avaliamos como se deu a representação dos mais variados tipos de mulheres e, também, como essa diversidade é apresentada pelas ativistas da campanha.

Assim, das reflexões aqui suscitadas, destacamos que a presente pesquisa não esgota, certamente, as possibilidades de discussão e análise sobre o tema da Marcha das Vadias, que é um evento contemporâneo que ainda acontece anualmente. Outros aspectos poderiam ser analisados nos textos que compõem o corpus da pesquisa, e outros enfoques poderiam ser dados

sobre os estudos feministas. Mas, por hora, encerramos este trabalho que esperamos ser de valia na constituição de um todo maior de pesquisas que ainda virão sobre a Marcha das Vadias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luiz Henrique Machado de. **Gênero e masculinidades follow-up de uma intervenção com homens autores de violência conjugal**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2011.

ARONOVICH, Lola. **Assassinos de mulheres e seus crimes de ódio silenciados**. Escreva Lola Escreva, 2011. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2011/04/assassinos-de-mulheres-e-seus-crimes-de.html>. Acesso em: 26 de dezembro de 2014

ARONOVICH, Lola. **Cultura de estupro? Não, imagine!**. Escreva Lola Escreva, 2012. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/08/cultura-de-estupro-nao-imagine.html>. Acesso em: 26 de dezembro de 2014.

AUSTIN, John Langshaw. 1962. How to do things with words. Harvard University Press (Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. **Quando Dizer é Fazer – Palavras e Ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990).

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo:Hucitec/Annablume, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

_____. **Problemas da Poética de Dostoievski**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. da ed. Americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.

_____. Discourse in the novel. In: HOLQUIST, Michael (Ed.). **The dialogic imagination: four essays by M. M. Bakhtin**. Austin: Texas University Press, 1981b.

BAUER, Dale. M. **Feminist Dialogics: A Theory of Failed Community**. Albany: State University of New York Press, 1988.

BAUER, Dale. M.; MCKINSTRY, Susan Jarret. **Feminism, Bakhtin and the dialogic**. New York: State University Press, 1991.

BERTI-SANTOS, Sônia Sueli. **Análise do verbo-visual de textos em hipermídia: a charge**. In: Anais do Encontro Nacional de interação em linguagem verbal e não-verbal, volume VII, 2007, São Paulo, Editora Humanitas, dezembro de 2008. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/19_Sonia_Sueli_BS.pdf. Acesso em: 25 de out. de 2013.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Introdução: Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 7-10.

_____. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. do; BARONAS, R.(org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Editora Claraluz, 2007, p. 19-32.

_____. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, 263 p.

_____. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: —. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, Beth. & SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília. (org.). **Texto ou discurso?**. São Paulo: Contexto, 2012a.

_____. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, Ida Lúcia. & MENDES, Emília (org.). **Discurso e imagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012b (no prelo).

BRANDÃO, Marina Oliveira Barboza. **Imagem Da Mulher Negra – Significação, Identidade E Discursos**. Interletras, volume 3, Mato Grosso do Sul, Edição número 18, outubro 2013/março.2014.

BROWNMILLER, Susan. **Against our Will: Men, Women and Rape**. New York, 1975.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

_____. Problema de los géneros, teoría feminista y discurso psicoanalítico. In: NICHOLSON, J. Linda (Org.). **Feminismo/posmodernismo**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1992. p. 75-95.

_____. **Merely Cultural**. NLR, I/227, Jan./Feb. 1998. p. 33-44.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

_____. **Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo**. Cadernos PAGU, n. 11, 1998, pp. 11-42.

CAMERON, Deborah. Performing Gender Identity: Young Men’s Talk and the Construction of Heterosexual masculinity. In: JOHNSON, Sally. & MEINHOF, Ulrike Hanna. **Language and Masculinity**. Oxford: Blackwell, 1997.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. História [online]. 2011, vol.30, n.2, pp. 196-213.

CANAGARAJAH, Suresh. Subversive Identities, Pedagogical Safe Houses, and Critical Learning. In: NORTON, Bonny. & TOOHEY, Kelleen. (Orgs.) **Critical Pedagogies and Language Learning**. Cambridge: CUP, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**, em Racismos Contemporâneos, Organização Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania, Rio de Janeiro, Takano, 2004. p.49-58.

CELANI, Maria Antonieta Alba. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M.; TOMITCH, L.M.B. (Orgs). **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

CHEVALIER, Jean. ; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin** (1984). Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CONNOR, Mary. O. Subject, Voice, and Women in Some Contemporary Black American Women's Writing, In: **Feminism, Bakhtin And The Dialogic**. 1991, 200-01 (David. M. Bauer & Susan J. McKinstry eds., 1991).

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ALMEIDA, Ângela (org.)- **Colcha de Retalhos. Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, Claudia de Lima. e MALUF, Sônia Weidner. Feminismo Fora do Centro: Entrevista com Ella Shohat. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 147-163, 2001.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Labrys, Estudos Feministas, jan./jul., 2005. Disponível em: Acesso: 1 de fevereiro de 2015.

COSTA, Marco Antonio F. Da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Metodologia da Pesquisa: conceitos e Técnicas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003.

DICINI, Norma. Carnavaliação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 57

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FIORIN, José Luiz. **A obra de Mikhail Bakhtin: conceitos-chave**. Curso ministrado entre 13 e 17 de abril de 2009, sob organização do NUPED-UFBA.

HOLQUIST, Michael. "Prologue." in **Rabelais and His World. Bakhtin, Mikhail**. Translated by Helene Isowolsky. Massachusetts: Indiana University Press, xiii-xxiii

_____. **The dialogic imagination: four essays.** Austin: University of Texas Press, 1981b.

DUITS, Linda; ZOONEN Liesbet Van (2006) **Headscarves and Porno-Chic: Disciplining Girls' Bodies in the Multicultural Society**, *European Journal of Women's Studies* 13(2): 103–17

FABRICIO, Branca Falabela. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Editora Parábola, 2013.

FIORIN, José Luiz. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin.** 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. **A obra de Mikhail Bakhtin: conceitos-chave.** Curso ministrado entre 13 e 17 de abril de 2009, sob organização do NUPED-UFBA.

FONSECA, Livia Gimenes Dias. **A Luta pela Liberdade em Casa e na Rua: A Construção do direito das mulheres a partir do projeto promotoras legais populares do Distrito Federal,** 2012. Brasília: Universidade de Brasília,

FOULCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010.

GARDINER, Michael. O carnaval de Bakhtin: a utopia como crítica. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. (Orgs.). **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOLDENBERG, Mirian e TOSCANO, Moema. **A revolução das mulheres.** Rio de Janeiro: Revan. 1992.

GOLDBERG, Anette. Feminismo no Brasil Contemporâneo: O percurso Intelectual de um Ideário Político. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, n. 28, p. 42-70, 2o semestre de 1989.

GONCALVES, V. K. ; JUNQUEIRA, M. O. . A marcha das vadias: por que as mulheres gritam?. In: II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, 2011, Jataí. Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí Realização Cursos de História, Letras, Direito e Psicologia, 2011. p. 1-14.

GONÇALVES, João Batista Costa. A constituição do ethos dos interlocutores das parábolas bíblicas. In: COSTA, Nelson Barros da (org.) **Práticas discursivas: exercícios analíticos, Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.**

GUEDES, Olegna de Souza; WESTPHAL, Vívian Beraldo. Alguns aspectos do posicionamento ético político dos primeiros assistentes sociais brasileiros (1939-1949): Um recorte de gênero sobre o trabalho com famílias. **Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas.** Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011.

HEBERLE, Vanessa. **Identidades e Gêneros no Ciberespaço: entre Cyborgs Heteroglóssicos e Estereótipos Exagerados**. Trabalho Apresentado na Sessão Temática “Sentidos em Vertigens: Práticas Discursivas Contemporâneas e Desestabilização Identitária”. VII Congresso de Linguística Aplicada, PUC-SP, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Trad. de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985. JUNQUEIRA, Mariane Oliveira;

IRIGARAY, Lucy. The power of discourse and the subordination of the feminine, Trans. C. Porter In: **This Sex Which is Not One**. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

JESUS, Jaqueline Gomes. (2012). **Visibilidade transgênero no Brasil**. Correio Braziliense, caderno Opinião, p. 13, 18 de janeiro. Disponível em <https://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastrros/noticias/2012/1/18/visibilidade-transgenero-no-brasil>. Acesso em: 26 de janeiro 2015.

KARAWAJCZYK, Mônica. **Mulheres, modernidade e sufrágio: uma aproximação possível**. Revista de História e Estudos Culturais. Volume 4, 2007.

KAPLAN, Gisele. **Contemporary Western European Feminism**. London: UCL Press, 1992.

KRISTEVA, Julia. Work, dialogue and novel. In: **Desire in language**. Thomas Core, Alice Jarine e Leon S. Roudiez. Nova Iorque: Columbia University Press, 1980, p. 64-91.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

LEFFA, Vilson José Transdisciplinaridade no Ensino de Línguas: A Perspectiva das Teorias da Complexidade. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol 6 n.1, 2006.

LEÓN, Magdalena de (2001). **El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género**. La Ventana, no. 13, pp.94-106.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas 2001/2, p. 547

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAGALHÃES, Célia. Interdiscursividade e Conflitos entre Discursos sobre Raça em Reportagens Brasileiras. **Linguagem em (Dis)curso**, vol 4, n. especial, 2004.

MAKONI, Sinfree. & MEINHOF, Ulrike Hanna. Linguística Aplicada na África: Desconstruindo a Noção de Língua. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevich. **O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELLO SALES, Patrícia Gomes; SILVA, Francisco Vieira da. **Na mira das reentrâncias e dos orifícios: a carnavalização do corpo feminino nos cartuns eróticos de Angeli. Miguilim** – Revista Eletrônica do Netli, Crato, v. 2, n. 2, p. 14-26, ago. 2013.

MILLETT, Kate. **Política sexual**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MOI, Toril. **Sexual/textual politics: feminist literary theory**. London, New York: Routledge, 1989.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

_____. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos Construtos que Têm Orientado a Pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2013..

_____. **Contextos institucionais em Linguística Aplicada: novos rumos**. Intercâmbio, 5, 1996.

MORSON Gary Saul. & EMERSON Caryl. **Mikhail Bakhtin. Creation of Prosaics**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

MOTA-ROTH, Désirée. (Org). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 152-18

MOURA, Regina. Uma história sem história: considerações sobre o feminino. **História, imagem e narrativas**. No 7, ano 3, setembro/outubro/2008

NARVAZ, Martha Giudice. **Submissão e resistência: Explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5442/000470918.pdf?sequence=1> Acesso em: 26 de janeiro 2015

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, set.-dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf> Acesso em: 26 de janeiro 2015

_____. Famílias, gêneros e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. In M. Strey, M. P. R. de Azambuja, & F. P. Jaeger (Eds.), **Violência, gênero e políticas públicas: Vol. 2. Gênero e contemporaneidade** (pp. 149-176). Porto Alegre, RS: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____. A concepção de família de uma mulher-mãe vítima de incesto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19(3), 395-406

NELSON, Cynthia. D. A Teoria Queer em Linguística Aplicada: Enigmas sobre “Sair do Armário” em Salas de Aula Globalizadas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

NOGUEIRA, Conceição. (2001). **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PAVEAU, Marie-Anne. Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 1 - ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb – **Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 31 de outubro de 2013

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

_____. A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. C. (Org.). **Lingüística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 23-49.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p.

_____. Feminismo, história e poder. Revista Socio-logia Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2013

PRECIADO, Beatriz. Tecnogênero. In: PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Ed Espasa Calpe, 2008. p. 81-99.

_____. **Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"**. Rev. Estud. Fem., Abr 2011, vol.19, no.1, p.11-20

PONZIO, Augusto. Signo e ideologia. In: **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. São Paulo. Contexto, 2008a, p.108-159.

_____. Bakhtin e Peirce. In: **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. São Paulo. Contexto, 2008b, p.161-168.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**, 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007. 56

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas (São Paulo): Pontes, 2012.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RASSI, Amanda Pontes. **Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”**. Revista de História da UEG, v. 1, n. 1, 2012. Acesso em: 25 de out. de 2013

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Orgs.) (2010). **Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores. 430p.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution**. New York: W. W. Norton, 1976.

RICHARDSON, Roberto Jary. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo : Atlas, 1999

ROJO, Roxane. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. IN: MEURER, José Luiz.; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

_____. Fazer Lingüística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Por uma Lingüística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 252-275.

RUSSO, Mary. Female Grotesque: Carnival and Theory, In: **Feminist Studies/Critical Studies**, ed. by Teresa de Lauretis (Bloomington: Indiana University Press, 1986.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SAADS, Leila; NASCIMENTO, Líbia Rany Oliveira. Entre Mulheres Nômades: Reflexões Sobre O “Sujeito Feminista” E o Diálogo Entre Diferentes Na Marcha Das Vadias–Df. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385126968_ARQUIVO_LibiaRanyOliveiraNascimento.pdf. Acesso em: 20 de março de 2014

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Maria Cristina A. (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p.183-215, 1992.

_____. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANT’ANNA, Armando. **Propaganda: teoria, técnica, prática**. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 2006.

SANTOS, Cristina Gomes dos. Exploração/dominação de gênero e a sua relação com a divisão sexual do trabalho na perspectiva dos direitos humanos. **Anais do V Simpósio Internacional. Lutas Sociais na América Latina**. 10 a 13/09/2013.

SARTI, Cynthia Andersen. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cadernos de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação**, n. 64, p. 38-47, Fev. 1988.

_____. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** São Paulo: Cortez, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Mulher e realidade: mulher e educação.** Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990.

SIEGEL, Deborah L. 1997. Reading between the Waves: Feminist Historiography in a 'Postfeminist' Movement. In: **Third Wave Agenda: Being Feminist. Doing Feminism.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 55-82.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SHEPHERD, D., ed. Bakhtin, Carnival and Other Subjects. Selected Papers from the Fifth International Bakhtin Conference, University of Manchester, July 1991. *Critical Studies* 3.2 / 4.1/2 (1993).

SOBRAL, Adail. **O ato "responsível", ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente.** *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 1, 2008.

_____. Escola Francesa de Análise do Discurso: Elementos para um Resgate Crítico da Noção de Lugar Social, Dissertação de Mestrado, São Paulo, FFLCH/USP, 1999.

_____. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin.** Campinas. SP: Mercado de Letras, 2009.

SODRÉ, Muniz & PAIVA, Raquel. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p. 60.

STAM, Robert. **Subversive Pleasures: Bakhtin, Cultural Criticism, and Film.** Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1989.

_____. **Introdução à Teoria do Cinema.** Tradução de Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e "teorias" de famílias. In M. C. B. Carvalho (Org.), **A família contemporânea em debate.** São Paulo: EDUC, 1997.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

TEZZA, Cristovão. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: FARACO et al. **Uma introdução a Bakhtin.** Curitiba: Hatier, 1988.

THOMSON, Clive. Mikhail Bakhtin and Contemporary Anglo-American Feminist Theory. **Critical Studies: A Journal of Critical Theory, Literature and Culture** 1.2 (1989), p. 141-161.

TODOROV, Tzvetan. 1995 [1984]. **Mikhail Bakhtin, The Dialogical Principle.** 6ª ed., Minneapolis, University of Minnesota Press, 132 p.

VILLAÇA, Nizia. *Mixologias: comunicação e consumo da cultura*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. **A revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

WITTIG, Monique. **The Straight Mind and other Essays**, Boston: Beacon, 1992

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman**. Printed at Boston, by Peter Edes for Thomas and Andrews, Faust's statue, no. 45, Newbury-street, MDCCXCII. [1792]; Bartleby.com, 1999.

WORTHINGTON, Nancy. (2008). **Encoding and Decoding Rape News: How Progressive Reporting Inverts Textual Orientations**. *Women's Studies in Communication*, 31(3), 344-367.

YAEGER, Patricia. 'Afterword.' In: BAUER, Dale. M.; MCKINSTRY, Susan Jarret. **Feminism, Bakhtin and the dialogic**. New York: State University Press, 1991.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH/UFSC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

Carnavalização, um fenômeno da cultura popular. Disponível em: <http://www.deverdeclasse.org/news/carnavaliza%C3%A7%C3%A3o,%20um%20fenomeno%20a%20cultura%20popular/> Acesso em: 16 de março de 2014.

Feminista Por quê?. Disponível em: <https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/%20campanha-fotografica-feminista-por-que/#jp-carousel-502> Acesso em: 10 de outubro de 2012.

Why. Disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/> Acesso em: 08 de agosto de 2012.